

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

O MEU CORAÇÃO EXULTA PORQUE TU, CRISTO, VIVES



RIMINI 2017

O MEU CORAÇÃO EXULTA PORQUE TU, CRISTO, VIVES

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RIMINI 2017

Texto original em italiano.
Tradução: Maria Ramos Ascensão
Revisão: Cláudio Cruz

© 2017 Fraternità di Comunione e Liberazione

«Por ocasião do curso anual dos Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que tem lugar em Rimini, Sua Santidade o Papa Francisco, espiritualmente partícipe, envia o seu cordial pensamento e os seus votos. Ele deseja aos numerosos participantes, e a todos quantos estão ligados via satélite, abundantes frutos de redescoberta interior da fecundidade da fé cristã, num mundo dilacerado pela lógica do lucro, que produz novas pobreza e gera a cultura do desperdício, sustentados pela certeza da presença de Cristo ressuscitado e vivo.

O Santo Padre invoca os dons do Divino Espírito para que se possa realizar aquela revolução da ternura iniciada por Jesus com o seu amor de predileção aos pequenos, na senda traçada pelo benemérito sacerdote monsenhor Luigi Giussani, que exortava a fazer da pobreza o nosso amor. E ao mesmo tempo que pede para perseverarem na oração para sustento do seu ministério universal, invoca a celeste proteção da Virgem Maria e concede, de todo o coração, a si e a todos os participantes, a implorada bênção apostólica, estendendo-a de bom grado a toda a Fraternidade».

Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade,
28 de abril de 2017

Sexta-feira 28 de abril, noite

À entrada e à saída:

Franz Schubert, Sinfonia n. 8 em si menor, D 759

“Incompleta”

Carlos Kleiber – Wiener Philharmoniker

“Spirto Gentil” n. 2, Deutsche Grammophon

■ INTRODUÇÃO

Julián Carrón

«Que a oração não seja um gesto mecânico», dizia-nos Dom Giussani. Portanto, «ergamos a nossa consciência, despertemos a nossa responsabilidade! [...] Toda a gente está como que debaixo de uma capa de chumbo, que é o esquecimento do objetivo pelo qual uma pessoa se levanta de manhã, retoma as coisas, retoma as rédeas de si mesmo. O impacto que todas as coisas têm sobre o homem é o de lhe dizer: “Desperta [...]”. [...] Meus Deus, como devia ser este o abanão de cada manhã! E, em vez disso, é um grave esquecimento aquilo que caracteriza desde o início, normalmente, os nossos dias, ainda que depois sejam cheios de atividades. [...] Quando nos juntamos, é para olhar para a luz [...] [para repartirmos deste esquecimento, para] não permitir que o homem ao nosso lado chore, sozinho e sem horizonte. [...] Assim, neste momento, a nossa cabeça pode emergir da névoa normal que habitualmente a cobre: retomamos consciência, retomamos responsabilidade por nós e pelas coisas, pelo amor de nós e pelo amor do sol, pelo amor de nós e pelo amor dos homens. [...] De nós depende que esteja desperta no mundo e que subsista esta companhia, esta possibilidade de companhia, que elimina a estranheza entre mim e ti, entre o homem e o outro homem, e permite que as coisas sejam úteis, o tempo seja útil».¹

Peçamo-lo com toda a consciência de que somos capazes.

Vinde, Espírito Santo

No início destes nossos dias, leio-vos o telegrama que o Santo Padre nos enviou: «Por ocasião do curso anual dos Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que tem lugar em

¹ L. Giussani, *Un evento reale nella vita dell'uomo (1990-1991)*, Bur, Milão 2013, pp. 219-220.

Rimini, Sua Santidade o Papa Francisco, espiritualmente partícipe, envia o seu cordial pensamento e os seus votos. Ele deseja aos numerosos participantes, e a todos quantos estão ligados via satélite, abundantes frutos de redescoberta interior da fecundidade da fé cristã, num mundo dilacerado pela lógica do lucro, que produz novas pobreza e gera a cultura do desperdício, sustentados pela certeza da presença de Cristo ressuscitado e vivo. O Santo Padre invoca os dons do Divino Espírito para que se possa realizar aquela revolução da ternura iniciada por Jesus com o seu amor de predileção aos pequenos, na senda traçada pelo benemérito sacerdote monsenhor Luigi Giussani, que exortava a fazer da pobreza o nosso amor. E ao mesmo tempo que pede para perseverarem na oração para sustento do seu ministério universal, invoca a celeste proteção da Virgem Maria e concede, de todo o coração, a si e a todos os participantes, a implorada bênção apostólica, estendendo-a de bom grado a toda a Fraternidade. Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade».

1. «O que seria uma salvação que não fosse livre?»

Parece um paradoxo a forma como iniciámos esta noite: Dom Giussani incitou-nos a rezar de uma forma tal que a nossa oração não seja mecânica, convidou-nos a erguer a nossa consciência, a despertar a nossa responsabilidade, ou seja, a empunhar a nossa liberdade; e no entanto, um pouco antes de voltarmos a ouvir as suas palavras, cantámos o quanto somos incapazes de viver com verdade e como somos contraditórios no uso da liberdade: «Só aprendi a enganar-me a mim mesmo [...]. / Nas minhas mãos só ficou / terra queimada, nomes sem um porquê [...]. / *Com as minhas mãos / nunca poderei fazer justiça!*».²

Por que razão é que Dom Giussani insiste tanto que nós retomemos consciência, que ergamos a nossa consciência, que empunhemos a nossa liberdade? O porquê, é Péguy que no-lo recorda: «O que seria uma salvação [diz Deus] que não fosse livre? / Como se poderia qualificá-la? / Queremos que esta salvação a adquira ele mesmo. / Ele mesmo, o homem. Que a procure ele mesmo. / Que proceda, em certo sentido, dele mesmo. É este o segredo, / É este o mistério da liberdade do homem. / É este o valor que damos à liberdade do homem».³

Quem poderia imaginar uma valorização do homem e da sua liberdade como esta? Deus quer-nos verdadeiramente protagonistas da nossa

² C. Chieffo, «La guerra», Cancioneiro, Gráfica de Coimbra, p. 205.

³ Ch. Péguy, *O mistério dos santos inocentes*, Lucerna, Cascais 2015, p. 46.

salvação. O que é muito diferente de esvaziar o valor do tempo e da história! Porquê? «Porque eu mesmo sou livre, diz Deus, e criei o homem à minha imagem e semelhança. / É este o mistério, é este o segredo, é este o valor / De toda a liberdade. / Esta liberdade desta criatura é o mais belo reflexo que há no mundo / Da Liberdade do Criador. É por isso que lhe conferimos, / Que lhe damos um valor próprio».⁴

Mas por que razão é que Deus faz tanta questão assim em envolver-nos na nossa salvação, sabendo que somos uns pobres coitados? Qual é a razão desta sua insistência na nossa colaboração?

«Uma salvação [continua Péguy] que não fosse livre, [...] que não procedesse de um homem livre, já nada nos diria. [...] / Que interesse teria uma salvação assim? / Uma beatitude de escravos, uma salvação de escravos, uma beatitude serva, como quereis que isso me interesse? Acaso gostamos de ser amados por escravos?».⁵

Péguy toca aqui, antecipando-se ao seu tempo, no ponto mais sensível de hoje: a liberdade. Se em qualquer época da história estas palavras foram verdadeiras, por maioria de razão o são no nosso presente. É um momento, com efeito, em que nenhuma convenção se mantém, em que nenhum hábito pode ser suficiente para comunicar o cristianismo e torná-lo aceitável. Pelo contrário, tudo parece estar contra ele. O cristianismo, com efeito, já não está na moda, já não é uma coisa que se possa transmitir por hábito ou através dos costumes sociais. Para muitos à nossa volta, a fé é agora uma “roupa velha”, que se deve abandonar sem sequer o tomar em consideração. Isto pode ter sobre nós o efeito de nos abater ou, então, de nos relançar na aventura, exaltando ainda mais aquilo que é verdadeiro desde a origem do cristianismo: Cristo propõe-se à liberdade do homem.

É verdade acima de tudo para nós: nada nos pode poupar à liberdade, nada pode ganhar raízes em nós se não for acolhido e conquistado pela liberdade. É uma urgência que somos os primeiros a sentir, como me escreve um de vocês: «Caríssimo Julián, a três dias dos Exercícios Espirituais, senti o desejo de te comunicar por que razão decidi mais uma vez participar. Não me basta aderir mecanicamente a um aviso. Preciso de redescobrir uma razoabilidade que me faça estar ali com a mente e o coração abertos. Num mundo tão aparentemente distante do gesto que fazemos, sinto-os ainda assim como um bem e uma utilidade para mim e para o mundo. Na vida de cada um joga-se esta grande partida da relação com

⁴ *Ivi.*

⁵ *Ibidem*, p. 47.

o Infinito que, de modo misterioso, atravessa o finito das nossas vidas e as chama a Si. Abrir-me a isto mudou a perspectiva com a qual vivo. Como para cada um, a vida para mim não é simples. Descobri, combatendo, na grande graça do caminho que nos chamas a fazer, que a vida é bela não porque esteja tudo em ordem e corra exatamente como eu a imagino. A vida é bela porque em cada dia existe uma possibilidade de relação com o Mistério e tudo se pode tornar um desafio para o descobrir e receber um pouco mais para si. Aquilo que me liberta da ansiedade e do medo (as verdadeiras doenças deste tempo, que se tentam curar com remédios) é ter experimentado que no imprevisto se esconde alguma coisa que foi preparada para mim, uma ocasião para aprofundar esta relação com o Mistério. Preciso de voltar a ouvir Alguém que me chama pelo nome e que aquilo que começou comigo possa não acabar nunca. Estou-te por isso grato, a ti, que foste chamado a despertar o nosso olhar e o nosso coração para a atratividade de Jesus, e a cada um de nós, apaixonado pelo próprio destino».

Por outro lado, a quem poderia interessar uma salvação que não fosse livre, uma beatitude de escravos? E que prazer encontraria Deus em ser amado por pessoas que O amassem por inércia ou constrição? A Deus, não teria custado nada criar outros seres que cumprissem a sua tarefa mecanicamente, como escravos. Tal como poderia ter criado outros astros que girassem mecanicamente. Também esses teriam contribuído, diz Péguy, para fazer resplandecer o Seu poder. «O meu poder resplandece sobejamente nas areias do mar e nas estrelas do céu. / Não é minimamente contestado, é conhecido, resplandece sobejamente na criação inanimada. / Resplandece sobejamente no governo, / No próprio acontecimento do homem».⁶

O que queria, então, Deus? «Na minha criação animada, diz Deus, quis melhor, quis mais. / Infinitamente melhor. Infinitamente mais. Pois eu quis essa liberdade. / Eu criei essa liberdade, precisamente. [...] / Quando soubemos uma vez o que é ser amado livremente, as sujeições já não têm gosto algum. / Quando soubemos o que é ser amado por homens livres, as prosternações de escravos já nada nos dizem. [...] / Nada equivale a esse peso, nada equivale a esse valor. / É seguramente a minha maior invenção».⁷

Portanto, Deus quis algo melhor. Também nós o sabemos: «Quando soubemos o que é ser amado por homens livres, as prosternações de escravos já nada nos dizem», «as sujeições já não têm gosto algum». Deus

⁶ *Ivi.*

⁷ *Ivi.*

queria alguma coisa de «Infinitamente melhor. Infinitamente mais»: ser amado livremente.

«Perguntai a um pai se o melhor momento / Não é quando os filhos começam a amá-lo como homens, / A ele mesmo como um homem, / Livremente, / Gratuitamente, / Perguntai a um pai cujos filhos estão a crescer. // Perguntai a um pai se não há uma hora secreta, / Um momento secreto, / E se, por acaso, não é / Quando os seus filhos começam a fazer-se homens, / Livres / E a ele mesmo tratam como a um homem, / Livre, / O amam como um homem, / Livre, / Perguntai a esse pai cujos filhos estão a crescer. // Perguntai a esse pai se não há uma eleição entre todas / E se, por acaso, não é / Precisamente quando cessa a submissão e quando os seus filhos feitos homens / O amam, (o tratam), por assim dizer como conhecedores, / De homem para homem, / Livremente. / Gratuitamente. O estimam assim. / Perguntai a esse pai se ele não sabe que nada equivale a / Um olhar de homem que se cruza com um olhar de homem. // Ora, eu sou o pai deles, diz Deus, e conheço a condição do homem. / Fui eu que a fiz. / Não lhes peço demasiado. Não peço mais do que o seu coração. / Quando tenho o coração, acho bem. Não sou difícil. // Todas as submissões de escravos do mundo não valem um belo olhar de homem livre. / Ou melhor, todas as submissões de escravos do mundo me repugnam e daria tudo / Por um belo olhar de homem livre».⁸ Um belo olhar; não talvez a perfeição, mas um belo olhar de homem livre. Conclui Péguy: «A essa liberdade, a essa gratuidade, sacrifiquei tudo, diz Deus, / A esse gosto que tenho de ser amado por homens livres, / Livremente, / Gratuitamente, / Por verdadeiros homens, viris, adultos, firmes. / Nobres, ternos, mas de uma ternura firme. / Para obter essa liberdade, essa gratuidade, sacrifiquei tudo, / Para criar essa liberdade, essa gratuidade, / Para pôr em jogo essa liberdade, essa gratuidade. // Para lhes ensinar a liberdade».⁹

Confirma-o, com outras palavras, São Gregório de Níssa: «Aquele que criou o homem para fazê-lo partícipe dos seus bens, [...] não poderia tê-lo privado do melhor e mais precioso daqueles bens, quero dizer, do dom [...] da liberdade».¹⁰ Que interesse tem uma salvação que não seja livre? Para nós, nenhum. Mas também não o tem para Deus. A salvação torna-se interessante para o homem e para Deus apenas se for livre. Para Deus, porque quer ser amado por homens livres e não por escravos. Para nós, porque caso contrário não seria uma salvação minha, tua. A liberda-

⁸ *Ibidem*, pp. 69-70.

⁹ *Ibidem*, p. 70.

¹⁰ Gregório de Níssa, *La grande catechesi*, Città Nuova, Roma 1990, p. 58.

de é decisiva para não entendermos a salvação como uma coisa de servos, como alguma coisa de forçada e da qual, no final, nos defendemos, mas como pertinente às nossas exigências de homens. Ao longo da história, vimos aonde leva uma salvação que não seja livre, uma salvação imposta por constrição, por hábito ou por medo. As constrições humanas vacinaram muita gente contra este gênero de salvação. E o hábito fez com que, com o tempo, se perdesse o interesse por ela.

Então, a grande questão que cada um de nós se deve colocar no início deste nosso gesto, é simples: a salvação continua a ser interessante para mim? Não o hábito, não a repetição mecânica de determinados gestos, mas a salvação! Interessa-me ainda como no início, com o mesmo estretecimento do início? Não é óbvio, como sabemos. O tempo e as vicissitudes da vida não poupam ninguém. Por isso, cada um tem de olhar para a sua própria existência e responder na primeira pessoa.

2. «Cristo fica como que isolado do coração»

Preparando o prefácio do novo livro que reúne os Exercícios da Fraternidade pregados por Dom Giussani, deparei-me com a preocupação que pesava sobre ele nos primeiros Exercícios, os de 1982, o ano do reconhecimento pontifício. Naquela ocasião, ele colocava diante dos olhos de todos que não bastava permanecer passivamente no movimento para manter a frescura do início, para que o encontro feito continuasse interessante. Nem mesmo a nós, que tínhamos sido escolhidos, agraciados por um dom tão perturbador como o encontro com Cristo através de Dom Giussani, podia bastar o hábito para conservar aquele início. Dizia, com efeito: «Vocês cresceram: ao mesmo tempo que asseguraram uma capacidade humana na vossa profissão, existe – possivelmente – como que um distanciamento de Cristo, em comparação com a emoção de há tantos anos atrás [não a coerência, mas a emoção de há tantos anos atrás], sobretudo de determinadas circunstâncias de há tantos anos atrás. Há um distanciamento de Cristo, salvo em determinados momentos [salvo em certas ocasiões]. [...] Salvo quando se metem, nos pomos, a realizar obras em Seu nome, em nome da Igreja ou em nome do movimento». Como vemos, Dom Giussani não se tinha deixado confundir por uma possível euforia graças ao reconhecimento. «É como se Cristo», apesar de podermos estar empenhados em tantas coisas, «estivesse distante do coração [...], ou melhor, Cristo fica como que isolado do coração».¹¹ O simples permanecer

¹¹ L. Giussani, *Una strana compagnia*, Bur, Milão 2017, pp. 21-22.

não bastava para continuar a experimentar a «emoção de há tantos anos atrás», do início.

O ponto-chave do juízo de Dom Giussani está em ele ter entendido que, tornando-nos adultos, vivíamos a vida, com todos os seus empenhos, ainda que justos, de um modo em que «Cristo fica como que isolado do coração». E se Cristo está isolado do coração, mais cedo ou mais tarde deixa de ser interessante. Cristo é interessante, com efeito, exatamente pela capacidade que tem de fazer vibrar o nosso coração, de lhe corresponder de forma total e de nos fazer entender essa correspondência.

Mas este isolamento de Cristo do coração não diz respeito apenas à nossa relação com Ele, mas sim à relação com tudo. O distanciamento de Cristo do coração, continua Dom Giussani, gera um outro, que se verifica num «último empecilho entre nós – estou a falar também de marido e mulher –, [...] o distanciamento de Cristo do coração torna distante o último aspeto do coração de um do último aspeto do coração do outro, a não ser nas ações comuns (há a casa para levar para a frente, os filhos para cuidar, etc.)».¹²

Se o isolamento de Cristo do coração diz respeito à relação com tudo, é «porque o coração», diz logo a seguir, «é como uma pessoa olha para os seus filhos, como uma pessoa olha para a sua mulher ou o seu marido, como uma pessoa olha para aquele que passa, como uma pessoa olha para as pessoas da comunidade ou os colegas de trabalho, ou – sobretudo – como uma pessoa se levanta de manhã».¹³ Ora, se Cristo não tem a ver com a forma como olhamos para a mulher, o marido, o que passa, os colegas de trabalho, etc., então não tem a ver com a vida, com noventa e nove por cento da vida. Consequentemente, com o tempo, torna-se inútil, perde o interesse.

Sabemos bem, por experiência, que Cristo se tornou uma presença interessante para nós porque fez vibrar o nosso coração, fez vibrar de forma diferente o nosso eu diante de tudo («A realidade torna-se evidente na experiência»,¹⁴ dizia-nos Dom Giussani). Do mesmo modo, nós reconhecemos que ela ou ele era a pessoa com quem queríamos partilhar a vida porque fazia vibrar a profundidade do nosso eu. Aquela vibração era apenas um sentimentalismo, ou era antes a possibilidade de descobrir o alcance que a sua presença tinha para nós? O mesmo é válido para o encontro com Cristo, para o embate com a Sua presença, na experiência do início.

¹² *Ibidem*, p. 22.

¹³ *Ibidem*, p. 24.

¹⁴ L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*, Bur, Milão 2002, p. 143.

Para entender como é que as coisas são para nós, bastaria que cada um se perguntasse: o que é que prevalece agora como sentimento da vida? O que é que eu descubro como fundo último de mim mesmo? Qual é o pensamento dominante? Qual é a música de fundo que prevalece? Porque o homem é uno. E no final, há apenas um único pensamento – qualquer que ele seja – que domina, um único sentimento último da vida que prevalece. Todas as análises são inúteis, porque cada um se encontra despedido diante da grande pergunta: Cristo permanece interessante como da primeira vez?

Basta fazer a comparação com o estremecimento que o início provocou em nós para ver se Cristo permanece mais apegado ao nosso coração agora do que estava nessa altura, ou se hoje está mais distante, precisamente, mais isolado do nosso coração em relação ao sobressalto inicial que nos fez pessoas “presas”. Eis a alternativa: presos ou isolados. Cada vez mais presos, ou cada vez mais isolados. Não o digo para nos medirmos de forma moralista – não percam tempo com isso! –, mas para que nos demos conta se Ele permanece interessante como no início, para que tomemos consciência do quanto estamos entusiasmados agora em comparação com então.

3. Um caminho a percorrer

Neste maior ou menor distanciamento de Cristo do coração está em jogo a nossa liberdade. A mesma liberdade está em jogo na relação com aquele que fez com que Cristo nos fosse tão próximo: Dom Giussani, o seu carisma, a herança que recebemos.

Na audiência de 7 de março, o Papa recordou-nos que «fidelidade ao carisma não quer dizer “petrificá-lo” – é o diabo que “petrifica”, não vos esqueçais disto! Fidelidade ao carisma não significa escrevê-lo num pergaminho e colocá-lo numa moldura. A referência à herança que Dom Giussani vos deixou não pode reduzir-se a um museu de lembranças, de decisões tomadas, de normas de conduta. Sem dúvida, exige fidelidade à tradição, mas fidelidade à tradição – dizia Mahler – “significa manter aceso o fogo e não adorar as cinzas”. Dom Giussani nunca vos perdoaria se perdêsseis a liberdade e se vos transformásseis em guias de museu ou em adoradores de cinzas. Mantende aceso o fogo da memória daquele primeiro encontro e sede livres!».¹⁵

Sem liberdade, a vida de cada um de nós pode transformar-se num museu de recordações dos velhos tempos. Se não existe alguma coisa que

¹⁵ Francisco, Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação, 7 de março de 2015.

prevaleça no presente como mais interessante do que todas as recordações, a vida fica bloqueada. Porque todas as recordações, ainda que bonitas, as decisões tomadas, as normas de conduta, não bastam para manter vivo o fogo agora. É um caminho que nunca se pode suspender: não se pode viver dos rendimentos. Já o escrevia von Balthasar no início dos anos cinquenta: «Uma verdade que continue apenas a ser transmitida, sem ser repensada a fundo, perdeu a sua força vital».¹⁶ E nos mesmos anos, Guardini confirmava: «Na monotonia do puro prosseguir, nós sufocaremos».¹⁷

Naquele momento, em 1982, enquanto todos estavam contentes por estar em Rimini a celebrar o reconhecimento pontifício da Fraternidade que tinha acabado de acontecer, Dom Giussani não larga a presa, não se distancia de uma paixão pela vida de cada um de nós. Interessava-lhe que aquele momento, assinalado pelo ato de reconhecimento da Santa Sé, fosse a ocasião para tomar consciência de que a nossa vida, ao crescermos, se estava a distanciar de Cristo. Com o que é que Dom Giussani estava preocupado? Com a maturidade da experiência das pessoas da Fraternidade – sobretudo depois do reconhecimento –, uma maturidade que ainda hoje depende exclusivamente do caminho que cada um deve percorrer.

Ele estava bem consciente de que não há fórmulas ou livros de instruções que possam substituir o movimento da liberdade; ele é indispensável para a realização do caminho para a maturidade, para a verdade de nós mesmos. E dizia: «Como é impressionante pensar que a vida, o tempo, é mudança. Por que razão é que uma mãe dá uma criança ao mundo e esta vive quarenta anos, cinquenta anos, sessenta anos, oitenta anos, noventa anos? Para que mude! Para que mude! Mas o que quer dizer mudar? Tornar-se cada vez mais verdadeira, cada vez mais ela mesma».¹⁸ Como observa Kierkegaard, «eu não conheço [...] verdadeiramente a verdade senão quando esta se torna vida em mim»,¹⁹ e é este o sentido da mudança, da modificação. Eis a razão última do apelo de Dom Giussani: que nós nos tornemos cada vez mais verdadeiros, cada vez mais nós mesmos. Muito diferente de moralismo! Mas é uma mudança que não pode acontecer sem nós, sem a nossa liberdade, sem o constante envolvimento de cada um de nós.

¹⁶ H.U. von Balthasar, *La percezione dell'amore. Abbatere i bastioni e Solo l'amore è credibile*, Jaca Book, Milão 2010, p. 13.

¹⁷ R. Guardini, *Natale e capodanno. Pensieri per far chiarezza*, Morcelliana, Brescia 1993, p. 38.

¹⁸ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 125.

¹⁹ S. Kierkegaard, *Esercizio del cristianesimo*, in Id., *Le grandi opere filosofiche e teologiche*, Bompiani, Milão 2013, pp. 2109, 2111.

Por que é que Dom Giussani insistia tanto na necessidade de um caminho de amadurecimento? Porque é precisamente no amadurecimento da familiaridade com Cristo que reside a possibilidade de uma plenitude da nossa vida, do nosso tornarmo-nos nós mesmos. Caso contrário, a alienação domina. Mas este amadurecimento, de facto, não é óbvio, não se realiza automaticamente, simplesmente com o passar do tempo, com o tornar-se fisicamente crescido. Não é óbvio nem mesmo para aqueles que cresceram dentro da experiência do movimento. Este é o motivo por que, em 1982, Dom Giussani dizia: existe um «equivoco sobre o que é “crescer” [...]». Eu não considero, com efeito, que seja uma característica estatisticamente normal que o crescer nos tenha tornado Cristo mais familiar [...], nos tenha tornado mais familiar a resposta à pergunta com a qual ouvimos a proposta há vinte e cinco anos atrás. Não creio».²⁰

Não é estatisticamente normal que o crescer nos tenha tornado Cristo mais familiar! Podemos entender estas palavras como uma reprimenda que nos choca, ou então podemos acolhê-las com uma gratidão desmesurada, como o gesto de alguém que quer tanto bem à nossa vida, ao nosso caminho, que usa todas as ocasiões para nos chamar à verdade de nós mesmos, para não nos deixar acabar no nada.

E então surge a pergunta: porque diminuí o interesse, ao ponto de sentirmos Cristo distante do nosso coração? Por que é que o crescer não aumentou a familiaridade com Ele? Porque não basta a espontaneidade – sempre nos disse Dom Giussani –, porque o crescer não é um processo espontâneo: é preciso um empenho da liberdade, é preciso um caminho, como foi para os apóstolos «a trajectória da convicção».²¹

Deixemo-nos guiar por Dom Giussani nesta renovada tomada de consciência do caminho que nos espera para um amadurecimento da nossa fé. É necessário um empenho da liberdade acima de tudo para manter aberta a nossa humanidade: a «abertura última do espírito [...]» é algo em que a pessoa se deve continuamente empenhar. A responsabilidade da educação é grande: com efeito, esta capacidade de compreender, embora correspondente à natureza, não é espontânea. Aliás, se é tratada como pura espontaneidade, aquela base de sensibilidade de que se dispunha originariamente é sufocada. Reduzir a religiosidade à pura espontaneidade é o modo mais definitivo e subtil de a perseguir, de exaltar os seus aspetos flutuantes e provisórios, ligados a um sentimentalismo contingente. Se a sensibilidade pela nossa humanidade não é constantemente

²⁰ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., pp. 24-25.

²¹ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Tenacitas, Coimbra 2010, p. 65ss.

solicitada e ordenada, nenhum facto, nem mesmo o mais clamoroso, encontrará nela correspondência. Todos já experimentámos, mais cedo ou mais tarde, aquele sentido de obtusa estranheza à realidade que se sente num dia em que nos deixámos arrastar pelas circunstâncias, em que não nos empenhámos em nenhum esforço: de repente, coisas, palavras e factos, que antes eram para nós razões claras, naquele dia cessam de o ser, de repente já não se percebem».²²

O que é que capta a correspondência? O nosso coração, a nossa humanidade. Se o nosso coração não estiver desperto, nenhum facto, nem mesmo o de Cristo, poderá mostrar e realizar a sua correspondência a esse coração. E sem correspondência, prevalece apenas a estranheza. «Como estou só aqui! Meu Deus, como estou só aqui e como me sinto estrangeira! Tudo, à minha volta, me é hostil e não há lugar para mim. Até as coisas à minha volta, dir-se-ia que não me veem e que eu não estou aqui. [...] A realidade está ausente. A vida verdadeira está ausente».²³ Não basta que Cristo continue a acontecer, se eu não tiver aquela abertura que me permite dar-me conta dele, de não O sentir como um estranho, se eu for obtuso ao Seu estar presente. Por isso, sem a liberdade, não é possível que a salvação continue a ser interessante. Sublinhar a liberdade é essencial, não é um extra, ainda que isto não signifique, de facto, que na vida no possamos safar sozinhos. Não! É que sem implicar livremente toda a nossa humanidade, Cristo permanece isolado, longe de nós mesmos.

4. «O nosso primeiro perigo é o formalismo»

Qual é a consequência deste isolamento do coração de Cristo, desta obtusa estranheza que às vezes sentimos, mesmo depois de tanto tempo? O formalismo. «O nosso primeiro perigo, por isso, é o formalismo, a repetição de palavras ou a repetição de gestos, sem que palavras e gestos abanem, ou, de algum modo, ponham em crise, isto é, mexam qualquer coisa em ti, iluminem mais o olhar que diriges a ti mesmo, alimentem uma convicção acerca de um valor (porque, por exemplo, que te devas empenhar nas eleições é uma necessidade da tua humanidade, de outro modo falta uma medida à tua humanidade)».²⁴ Giussani dizia estas coisas no

²² *Ibidem*, p. 106.

²³ P. Claudel, *Il pane duro*, em Id., *Il pane duro – Destino a mezzogiorno*, Massimo, Milão 1971, p. 102.

²⁴ L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, Bur, Milão 2008, pp. 194-195.

início dos anos oitenta, falando aos responsáveis dos universitários. Mas o quanto são atuais, o quanto valem também para nós!

O formalismo é uma fé que corre paralela à vida, que se satisfaz com a repetição de palavras e de gestos; é uma adesão que se identifica com a participação em certos momentos ou com o desenvolvimento de determinadas atividades; mas, na medida em que não move alguma coisa em mim, fora daqueles momentos e esgotadas aquelas atividades, encontramos-nos diante da vida como toda a gente, também nós presos na alternativa entre uma «exasperada presunção e o mais obscuro desespero».²⁵

Dom Giussani falava também de um «formalismo na adesão à comunidade». E descrevia-o assim: «Não se está em ordem porque se faz Escola de Comunidade, não se está em ordem porque se participa na Santa Missa com o próprio padre, não se está em ordem porque se distribui folhetos ou se penduram cartazes. Esta pode ser a formalidade com que se paga a portagem à realidade social a que se adere. Mas quando é que tudo isto se torna experiência? Quando te diz alguma coisa e move (“movimento”) alguma coisa em ti».²⁶

E, ainda aos universitários, em 1977, dizia: «O verdadeiro problema é o formalismo da fé. Nós estamos numa época em que a fé é totalmente reduzida a formalismo. [...] Não se parte da consciência de Cristo como minha vida e, por isso, como vida do mundo e, por isso, do mundo como minha vida».²⁷

Também o grande teólogo ortodoxo Olivier Clément estava consciente disto: «A prática da Igreja muda sem que se note, não como consequência de uma criação consciente, mas por causa de cedências, escleroses, desvios, reinterpretações *a posteriori*, venerações de hábitos de *per si* contingentes».²⁸

É um ponto em relação ao qual Dom Giussani nunca nos deu tréguas. Num texto de 1984, afirma: «Qualquer expressão de um movimento como o nosso, se não faz nascer do íntimo das experiências concretas que se vivem o apelo à memória da presença de Cristo, não serve. Aliás, piora a situação do humano, porque favorece o formalismo e o moralismo. Faria decair o acontecimento entre nós – acontecimento que devíamos tratar com tremor nos olhos e no coração como critério do nosso comportamento mútuo – em refúgio sociológico, em posição social».²⁹

²⁵ L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, Tenacitas, Coimbra 2006, p. 85.

²⁶ L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 194.

²⁷ L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, Bur, Milão 2006, pp. 109-110.

²⁸ O. Clément, *La rivolta dello spirito*, Jaca Book, Milão 1980, p. 82.

²⁹ L. Giussani, «Appendice», em Id., *Alla ricerca del volto umano*, Jaca Book, Milão 1984, p. 90.

E no novo livro dos Exercícios da Fraternidade, acrescenta: «Então dá-se aquele fenómeno graças ao qual, [...] em determinados momentos a nossa alma fermenta, [...] “desperta”, move-se, mas depois o olhar para a vida de todos os dias volta a fazer tudo opaco, tudo homogéneo, tudo pesado, tudo delimitado, tudo sufocado. E é como se não conjugassemos nunca estes dois momentos de pensamento e de olhar sobre nós mesmos, a não ser de fora, de forma moralista, no sentido em que, como temos fé, algumas coisas não se podem fazer, outras é preciso fazer. E isto vem de fora, não de dentro: aquilo que se faz ou não se faz não é expressão de uma consciência nova (conversão), de uma verdade de si, mas é como uma portagem paga, tributada a algo de fora, ainda que devota e profundamente reconhecida e estimada. E é o contrário: ou Deus é a vida, ou então é como se ficasse fora da nossa porta».³⁰ É a alternativa que se joga em cada momento, em cada circunstância, no início de cada ação, quando começamos a trabalhar ou quando estabelecemos uma relação: ou Deus é a vida, ou é relegado para fora da porta.

Quando sucumbimos a esta separação (entre Deus e a vida, entre a presença de Cristo e a vida, entre a fé e a vida), as nossas tarefas tornam-se um mero apêndice da nossa existência, algo de estranho ao nosso coração. Sublinha-o o Papa na *Evangelii gaudium*: «Hoje nota-se em muitos [...] uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e de relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade. Ao mesmo tempo, a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização. Assim, é possível notar em muitos agentes evangelizadores, não obstante rezem, uma acentuação do *individualismo*, uma *crise de identidade* e um *declínio do fervor*».³¹

Tantas atividades sem espírito não são desejáveis, tudo se desgasta. É ainda o Papa Francisco que descreve o resultado da separação entre a fé e o agir: um ativismo cansativo. «O problema não está sempre no excesso de atividades, mas sobretudo nas atividades mal vividas, sem as motivações adequadas, sem uma espiritualidade que impregne a ação e a torne desejável. Daí que as obrigações cansem mais do que é razoável, e às vezes façam adoecer. Não se trata de uma fadiga serena, mas tensa, pesada, desagradável e, em definitivo, não assumida».³²

³⁰ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., pp. 194-195.

³¹ Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 78.

³² *Ibidem*, 82.

Qual é a consequência de tudo isto? «Assim se gera a maior ameaça, que “é o pragmatismo cinzento da vida quotidiana da Igreja, no qual aparentemente tudo procede dentro da normalidade, mas na realidade a fé vai-se deteriorando e degenerando na mesquinhez”. Desenvolve-se a psicologia do túmulo, que pouco a pouco transforma os cristãos em múmias de museu. Desiludidos com a Igreja, com a realidade ou consigo mesmos, vivem constantemente tentados a apegar-se a uma tristeza melosa, sem esperança, que se apodera do coração como “o mais precioso elixir do demónio”. Chamados a iluminar e a comunicar vida, acabam por se deixar cativar por coisas que só geram escuridão e cansaço interior, e que corroem o dinamismo apostólico. Por tudo isto, permito-me insistir: não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!».³³

5. O fundo do problema: «Estamos afastados do fundamento humano»

Quando Cristo está isolado do coração e não se revela como interessante para a nossa vida, o cristianismo cristaliza-se em doutrina. Se Cristo não é reconhecido como necessidade minha, se não é descoberto por mim como essencial para a plenitude dos meus dias, como a Presença sem a qual não consigo viver – porque tenho um desejo que mais nada pode satisfazer –, o cristianismo passa a ser, no máximo, como o nobre pretexto para um meu envolvimento social ou religioso, do qual esperarei uma realização – ou uma satisfação – que nunca chegará. Por isso é necessário não entender mal a natureza do coração, o alcance do nosso desejo, da nossa necessidade, e não nos iludirmos de que o podemos colmatar com alguma coisa diferente da Sua presença. Cristo, com efeito, torna-se estranho quando o nosso coração se torna estranho para nós mesmos.

Dom Giussani identificou com clareza qual é o nó da questão que o Papa tão bem descreveu e devido à qual acabamos na estranheza com Cristo e com nós mesmos. «Nós, cristãos [dizia em Chieti em 1985] no clima moderno fomos afastados não diretamente das fórmulas cristãs [podemos sabê-las de cor], não diretamente dos ritos cristãos [podemos continuar a repeti-los], não diretamente das leis do decálogo cristão [podemos continuar a ser-lhes fiéis]. Fomos afastados do fundamento humano, do sentido religioso. Temos uma fé que já não é religiosidade [...], que já não responde como deveria ao sentimento religioso». Por isso, temos uma fé «não consciente, uma fé que já não é inteligente sobre si própria. Dizia o meu velho autor Reinhold Niebuhr: “Nada é tão inacreditável

³³ *Ibidem*, 83.

como a resposta a um problema que não se põe”. Cristo é a resposta ao problema, à sede e à fome que o homem tem da verdade, da felicidade, da beleza e do amor, da justiça, do significado último». ³⁴

A fé perde interesse, esvazia-se, proporcionalmente ao quanto nos afastamos ou nos deixamos afastar do fundamento humano. Por isso Cristo começa a afastar-se, e com Ele os outros e toda a realidade, e as coisas que fazemos começam a tornar-se uma portagem que temos de pagar. Como diz Tolstoi: «Sentia que me escapava aquilo que me era indispensável para viver». ³⁵

A obliteração de Cristo, hoje – na nossa sociedade ocidental – não passa, acima de tudo, pela contestação explícita e frontal de Cristo, mas através da redução do humano, dos desejos e das necessidades do homem, através da censura da nossa sede, ou seja, da nossa pobreza original. Cristo torna-se assim num mero nome (já o repetimos muitas vezes) e o cristianismo transforma-se numa matriz cultural e no pretexto para um apelo ético.

Podemos detetar nisto uma influência do Iluminismo sobre nós. «Verdades históricas casuais não podem tornar-se nunca na prova de necessárias verdades racionais», ³⁶ dizia Lessing. E Kant acrescentava: «Uma fé histórica, simplesmente fundada sobre factos, não pode estender a sua influência para além do limite de tempo e de lugar onde podem chegar as notícias que permitem um juízo sobre a sua credibilidade». ³⁷ Também nós pensamos poder conhecer, poder mudar, elaborar uma conceção e uma prática eficazes para prescindir da realidade de Cristo, isto é, acreditámos poder passar sem o Facto, sem a presença histórica e carnal de Cristo, que se torna experimental na Igreja.

Mas, como Dom Giussani nos disse – e repetimo-lo nos Exercícios do ano passado –, é uma «história particular [...] a pedra angular da conceção cristã do homem, da sua moralidade, na sua relação com Deus, com a vida, com o mundo». ³⁸ Quer dizer, só no seio da história particular gerada por Cristo, só através da experiência de Cristo no coração de cada um de nós, é que pode emergir e pode manter-se viva no tempo uma conceção verdadeira do homem, a possibilidade de uma moralidade. É o acontecimento de Cris-

³⁴ L. Giussani, *La coscienza religiosa nell'uomo moderno*, 21 de novembro de 1985, em Quaderni del Centro Culturale “Jacques Maritain” – Chieti, janeiro de 1986, p. 15.

³⁵ L. Tolstoi, *La confessione*, SE, Milão 2000, p. 81.

³⁶ G.E. Lessing, «Sul cosiddetto “argomento dello spirito e della forza”», em Id., *La religione dell'umanità*, Laterza, Roma-Bari 1991, p. 68.

³⁷ E. Kant, *La religione entro i limiti della sola ragione*, Laterza, Bari 2014, p. 110.

³⁸ L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, p. 82.

to, o encontro histórico com a Sua presença, agora como então, que torna possível o abrir-se de uma verdade completa sobre o homem e o caminho para ela.

Vamos ouvir como é que Dom Giussani descreveu o acontecer pontual, preciso, desta história particular na sua vida: «Se eu não tivesse encontrado o monsenhor Gaetano Corti no primeiro ano do liceu, se eu não tivesse ouvido as poucas lições de italiano do monsenhor Giovanni Colombo, que foi depois cardeal de Milão, se eu não tivesse encontrado jovens que diante daquilo que eu sentia escancaravam os olhos como diante de uma surpresa tão inconcebível quanto agradável, se eu não tivesse começado a encontrar-me com eles, se eu não tivesse sempre encontrado cada vez mais gente que se envolvia comigo, se eu não tivesse tido esta companhia, se tu não tivesses tido esta companhia, Cristo, para mim como para ti, teria sido uma palavra objeto de frases teológicas ou, na melhor das hipóteses, um apelo a uma afetividade “piedosa”, genérica e confusa, que se concretizava apenas no temor dos pecados, ou seja, um moralismo».³⁹

Mas – regressando ao tema deixado em aberto – para fugir à cristalização do cristianismo em doutrina (frases teológicas) ou à sua redução a ética (moralismo), é necessário um parto; ou seja, é necessário que Cristo não se acrescente à nossa existência de fora, de forma moralista, permanecendo, em última instância, estranho ao nosso coração, mas se coloque na raiz da nossa consciência e da nossa ação; para que a evidência da Sua presença jorre do interior da vida enfrentada na relação com Ele, à luz da ligação com a Sua presença, como afirmava Mounier neste texto lido e comentado por Dom Giussani nos Exercícios da Fraternidade de 1989: «“É da terra, da solidez [a terra ou a solidez é o complexo de condições na qual se encarna a vida: a roupa, a voz que tenho, os olhos que me servem até certo ponto] que deriva necessariamente um parto cheio de alegria [ou de grito, mas é o grito da letícia por aquilo que nasce], o sentimento paciente da obra que cresce [aquilo que nasce cresce, organiza-se, torna-se um corpo, um caminho, uma história cheia de paciência], das etapas que se sucedem [as etapas da história], esperadas com calma, com segurança [segurança porque Ele está aqui]. É preciso sofrer para que a verdade não se cristalice em doutrina”. Tudo é sofrer: parto, paciência, uma etapa depois da outra que não vem logo, o sacrifício supremo da segurança, ou seja, da certeza de um Outro. É sofrer para que o facto que está entre nós, Cristo, não seja um exemplo ou um conjunto de valores morais, mas nasça da carne. É preciso sofrer: aderir à modalidade com a qual esta presença está entre nós. De resto, Cristo ressus-

³⁹ L. Giussani, *Qui e ora. 1984-1985*, Bur, Milão 2009, pp. 209-210.

citou mas passou pela morte. Na oração do Angelus pedimos a Deus que nós, que conhecemos a encarnação do Seu filho Jesus Cristo, pela sua morte e ressurreição sejamos conduzidos à experiência da Sua glória, à mudança da vida e do mundo. Aderir a Cristo, fazê-lo penetrar na nossa carne, significa olhar, conceber, sentir, ajuizar, avaliar, procurar tratar a nós mesmos e às coisas com a memória da sua presença, com a sua presença nos olhos. [...] Desta memória deriva toda a moral. Não é abolido nem sequer um jota da lei, mas a sua presença dá-lhe o fundamento».⁴⁰

Como disse o Papa Francisco na Quinta-feira Santa, «nunca a verdade do *lieto Annuncio* poderá ser apenas uma verdade abstrata, daquelas que não se encarnam plenamente na vida».⁴¹

Escreve-me uma professora: «Participando num gesto dos Liceus, estava a almoçar com alguns dos miúdos. Perguntei ao rapazinho que estava à minha frente como se chamava, quantos anos tinha e que escola frequentava. “Dezasseis anos, 11º ano”. Depois fiz-lhe outras perguntas. E ele, com um tom de voz desprovido de qualquer vibração, respondeu-me: “Sim, estou contente, estou de acordo com tudo aquilo que ouvi, mas para mim não são coisas novas, já as conheço, disse-mas o padre da minha comunidade com quem me encontro já há três anos. Para mim é um aprofundamento”. O “dar por adquirido” feito carne estava ali, diante de mim! Senti-me bloqueada, neste diálogo. Sentia uma vontade terrível de ir-me embora. Mas, no fundo, no fundo, verdadeiramente no fundo, quase impossível de pensar, estava-lhe grata, porque me tornava consciente de mim, do meu desejo. Esta ferida pôs-me de joelhos: sem Ti, sem Ti, Cristo, aqui, agora, presente, eu não sou nada, perco a minha humanidade, o meu eu. Nos contornos banais de um almoço “insípido” pude descobrir a exigência fundamental, a necessidade essencial da minha existência: dar-me conta de que Tu existes. Até há pouco tempo, eu não teria sequer registado um facto deste tipo, ou ter-me-ia apenas provocado um breve sofrimento, quase um aborrecimento. Que gratidão imensa por Dom Giussani, que me introduziu a um caminho em que nada, verdadeiramente nada, pode ser esquecido ou excluído!».

Estas linhas demonstram o quanto temos necessidade da pobreza – ao ponto de nos pormos de joelhos para a pedir – a que se refere o Papa na carta que nos enviou (para nos agradecer pela oferta que lhe demos

⁴⁰ L. Giussani, *Occorre soffrire perché la verità non si cristallizzi in dottrina ma nasca dalla carne*, Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Rimini 1989, p. 24.

⁴¹ Francisco, *Homilia na Santa Missa Crismal*, 13 de abril de 2017.

depois das peregrinações pelo Jubileu) e que amanhã irei retomar. Tudo se torna aborrecido, tudo se torna óbvio, sem a consciência da nossa pobreza, da nossa necessidade, sem o empenho da nossa liberdade. Como Péguy tem razão! Se não nos tornarmos seus protagonistas, como ele afirma, a salvação não será interessante para nós.

6. «Do lado do sepulcro ou do lado de Jesus»

O Papa disse ainda, na Homilia da Páscoa: «Pensemos um pouco, cada um pense, nos problemas diários, nas doenças que vivemos ou que um dos nossos familiares sofre; pensemos nas guerras, nas tragédias humanas e, simplesmente, com voz humilde, sem floreios, sozinhos, diante de Deus, diante de nós, digamos: “Não sei como vai isto, mas estou certo de que Cristo ressuscitou e aposto nisto”».⁴²

Com Cristo podemos enfrentar qualquer situação em que nos venhamos a encontrar. E nisto consiste também a nossa verificação. Não estamos condenados à cristalização e à aridez, mas, mais uma vez, para realizar esta verificação é necessária a nossa liberdade. Temos de decidir de que lado estamos.

Disse-o de forma clara e comovente o Papa Francisco em Carpi, no passado dia 2 de abril. Falava às vítimas do terramoto de Emilia, mas o seu apelo é válido para nós aqui, hoje: «Analisemos [...] o último dos sinais milagrosos que Jesus realiza antes da sua Páscoa, no sepulcro do seu amigo Lázaro. [...] Em volta deste sepulcro, acontece portanto um grande *encontro-desencontro*. *Por um lado há a grande desilusão*, a precariedade da nossa vida mortal que, atravessada pela angústia e pela morte, experimenta com frequência a derrota, uma obscuridade interior que parece insuperável. A nossa alma, criada para a vida, sofre sentindo que a sua sede de bem eterno é oprimida por um mal antigo e obscuro. Por um lado há esta derrota do sepulcro. Mas *por outro* há a esperança que vence a morte e o mal e tem um nome: a esperança chama-se Jesus. [...] Amados irmãos e irmãs, também nós somos convidados a decidir de que parte estar. Podemos estar *do lado do sepulcro* ou *do lado de Jesus*. Há quem se deixa dominar pela tristeza e quem se abre à esperança. Há quem permanece vítima dos destroços da vida e quem, como vós, com a ajuda de Deus, remove os destroços e reconstrói com esperança paciente. Face aos grandes «porquês» da vida temos dois percursos: ficar a olhar melancolicamente para os se-

⁴² Francisco, *Homilia na Santa Missa do Domingo de Páscoa na Ressurreição do Senhor*, 16 de abril de 2017.

pulcros de ontem e de hoje, ou deixar que Jesus se aproxime dos nossos sepulcros. Sim, porque cada um de nós já tem um pequeno sepulcro, alguma parte um pouco morta dentro do coração: uma ferida, uma injustiça suportada ou cometida, um rancor que não dá trégua, um remorso que vai e volta, um pecado que não se consegue superar. [...] Sentimos então como dirigidas a cada um de nós as palavras de Jesus a Lázaro: «Sai!»; sai do engarrafamento da tristeza sem esperança; desata as ligaduras do medo que impedem o caminho; os laços das debilidades e das preocupações que te bloqueiam [...]. Seguindo Jesus aprendamos a não atar as nossas vidas em volta dos problemas que se emaranham: haverá sempre problemas, sempre, e quando resolvemos um, imediatamente chega outro. Mas podemos encontrar uma *nova estabilidade*, e esta estabilidade é precisamente Jesus, esta estabilidade chama-se Jesus [...]. E mesmo se os pesos não faltarão, haverá sempre a sua mão que alivia».⁴³

E na noite de Páscoa, o Papa afirmou: «Com a Ressurreição, Cristo não deitou por terra apenas a pedra do sepulcro, mas quer fazer saltar também todas as barreiras que nos fecham nos nossos pessimismos estéreis, nos nossos mundos conceptuais bem calculados que nos afastam da vida, nas nossas obcecadas buscas de segurança e nas ambições desmesuradas capazes de jogar com a dignidade alheia. [...] Deus irrompe para transtornar todos os critérios e, assim, oferecer uma nova oportunidade. [...] Alegra-te, porque a tua vida esconde um germe de ressurreição, uma oferta de vida que aguarda o despertar. Eis o que esta noite nos chama a anunciar: o palpitar do Ressuscitado, Cristo vive! [...] Vamos e deixemo-nos surpreender por esta alvorada diferente, deixemo-nos surpreender pela novidade que só Cristo pode dar. Deixemos que a sua ternura e o seu amor movam os nossos passos, deixemos que o pulsar do seu coração transforme o nosso ténue palpitar».⁴⁴

Por isso estamos juntos nestes dias: para nos apoiarmos, para nos apelarmos uns aos outros, com o nosso testemunho, com o empunhar da nossa liberdade, para nos deixarmos surpreender e abraçar pela Sua presença, afim de não sucumbirmos no nosso sepulcro, como diz o Papa. «Somos convidados a decidir de que parte estar. Podemos estar *do lado do sepulcro* ou *do lado de Jesus*».

Recomendo a todos que respeitem o silêncio, precisamente para nos ajudar a estar do lado de Jesus. Não o demos por adquirido. Se não nos ajudar-

⁴³ Francisco, *Homilia em Carpi*, 2 de abril de 2017.

⁴⁴ Francisco, *Homilia na Vigília Pascal na Noite Santa*, 15 de abril de 2017.

mos a que o silêncio seja pleno e não algo de mecânico, cheio de tensão para reconhecer a Sua presença, se não nos exercitarmos a fazer silêncio, estes não serão para nós «exercícios» espirituais. Também o silêncio deve nascer da carne para se tornar meu.

Este ano pensámos em dedicar uma parte do silêncio que pedimos à entrada no salão para retomar algumas canções da nossa história. A proposta que fazemos nasce do desejo de não dar por adquirido o dom que é cantarmos juntos. Desejamos que cada um de nós – e portanto, as nossas comunidades – possa redescobrir o gosto, a beleza e a força educativa do cantarmos juntos.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 5,34-42; Sal 26; Jo 6,1-15

HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO

«Retirou-se novamente sozinho para o monte» (Jo 6,15). O que é este retirar-se? Uma fuga da realidade? Um humilde esconder-se? Jesus acabou de realizar o mais clamoroso dos seus milagres, matando a fome a milhares de pessoas. Só a ressurreição de Lázaro irá superar este sinal, graças ao clamor, à evidência inequívoca do poder divino daquele Homem. Mas Cristo nesta hora, sozinho no monte, leva no coração acima de tudo a liberdade dos seus, já posta à prova naquele dia diante daquela imensa multidão. Sabe que no dia seguinte haverá uma prova ainda maior, quando disser na sinagoga: «Não vos darei a comer do pão que perece, mas o meu corpo, o meu sangue» (cf. Jo 6,51ss.). E aqueles que agora O procuram, entusiastas em fazê-l'O rei, em reconhecer-Lhe um consenso social, até político, irão todos embora escandalizados. «Também vos quereis ir embora?» perguntará aos seus. Pedro responderá: «Não. Aonde iremos? Só tu tens palavras que dão sentido à vida». E Jesus dirá: «Não foi a tua humanidade que to revelou, mas o Pai».

Eis que começamos a ver o sentido profundo daquele “retirar-se sozinho”. Na última ceia, no último discurso aos seus, dirá: «Eu não estou sozinho» (Jo 16,32). «Sozinho» para Ele quer dizer estar sempre com o Pai; quer dizer reconhecer como raiz e consistência da Sua humanidade a relação contínua com o Pai. É assim que a liberdade de Cristo, a obediência do homem Jesus ao Pai, é a raiz da liberdade dos seus, a liberdade de Pedro que lealmente lhe dirá: «Só tu tens palavras de vida eterna» (cf. Jo 6,68). A liberdade de Cristo, a aspiração de Cristo por cada um de nós de que nos falou o Carrón nesta noite na introdução com uma pergunta: qual é o sentimento dominante agora na minha vida? Qual é o amor mais querido agora, neste instante? Os apóstolos deixaram-se vencer, agarrar, transportar por este amor de Cristo pelo Pai e n'Ele pelo destino do homem.

Peçamos a Sua mãe Maria para nos deixarmos novamente agarrar, profunda e totalmente, um por um, cada um de nós, por Ele .

Sábado 29 de abril, manhã

À entrada e à saída:

Ludwig van Beethoven, Sinfonia n. 7 em lá maior, op. 92

Herbert von Karajan – Berliner Philharmoniker

“Spirto Gentil” n. 3, Deutsche Grammophon

Padre Pino. Se estou aqui, se estou consciente, sei que estou aqui para me tornar mais eu mesmo e este dia pode tornar-me mais eu mesmo. Mas eu sou uma bilha vazia, uma bilha vazia na fonte. Tu respondes ao meu grito.

Angelus

Laudes

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Julián Carrón

«Bem-aventurados os pobres de espírito»

Queria partir da carta que o Papa Francisco nos enviou para nos agradecer os donativos recolhidos na peregrinação para o Jubileu da Misericórdia e que lhe fizemos chegar. Como todos lemos, o Papa aproveitou esta ocasião para nos dar algumas sugestões para o nosso caminho no presente da Igreja e do mundo. Não podemos, certamente, deixar passar uma carta que o Santo Padre nos endereçou sem procurar entender todo o seu alcance. Por isso aproveitamos o gesto mais importante do nosso movimento, os Exercícios da Fraternidade, para continuar a aprofundar o seu conteúdo.

O Papa faz questão de nos fazer saber como foi motivo de consolo para o seu coração o facto de que «tantas pessoas tomaram o caminho da misericórdia no espírito da partilha com os necessitados»,⁴⁵ ou seja, que durante o Ano Santo não se tenham esquecido das pessoas necessitadas.

A gratidão por esta nossa experiência de partilha deu-lhe uma ocasião para nos recordar que «os pobres [...] remetem-nos para o essencial da

⁴⁵ Francisco, *Carta a Julián Carrón*, 30 de novembro de 2016.

vida cristã».⁴⁶ A radicalidade deste apelo pode ser vista na citação de Santo Agostinho que aparece na carta: «Há pessoas que mais facilmente distribuem todos os seus bens pelos pobres, em vez de tornarem-se elas mesmas pobres em Deus». O sentido desta frase é explicado pelo próprio Santo Agostinho, que fala daqueles que são «ricos de si, não pobres de Deus; cheios de si, não necessitados de Deus»⁴⁷ e cita São Paulo: «Ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, de nada valerá!».⁴⁸

Em sintonia com estes pensamentos, o Papa Francisco indica-nos aquilo com que nos quer interpelar: «Esta pobreza é necessária porque descreve o que temos verdadeiramente no coração: a necessidade d'Ele».⁴⁹

Portanto, a nossa pobreza é de tal forma profunda que é necessidade d'Ele, necessidade de Deus. O pobre, lembra-nos Dom Giussani, é todo espera: «Vejam se isto não é verdadeiramente a descrição do pobre, pobre, pobre, do pobre que anda pela rua: espera que lhe seja dado aquilo que lhe permite viver o momento seguinte, prolongar a estrada; toda a sua pessoa está naquela espera, porém está sem nenhuma pretensão, não tem nada sobre o que apoiar a pretensão; e no entanto, esta espera é tudo naquele momento, tudo».⁵⁰

Então, o primeiro passo do nosso trabalho nestes dias, seguindo o Papa Francisco, é redescobrir a nossa pobreza constitutiva, a nossa verdadeira necessidade. Colocar a pobreza como tema, diz ainda o Papa na carta, «não é um programa liberal, mas um programa radical, porque significa um regresso às raízes».⁵¹

Procuremos dar-nos conta desta pobreza.

1. A natureza da necessidade do coração

A pobreza é o reconhecimento da necessidade de que é feita o nosso coração. «O pobre de espírito é alguém que não tem nada excepto uma coisa da qual e para a qual é feito, ou seja, uma aspiração sem fim [...]: uma espera sem limites. Não é uma espera sem limites porque é interminável

⁴⁶ *Ivi.*

⁴⁷ Santo Agostinho, *Comentário aos Salmos*, 71,3.

⁴⁸ *1 Cor* 13,3-4.

⁴⁹ Francisco, *Carta a Julián Carrón*, 30 de novembro de 2016.

⁵⁰ Encontro da casa, Gudo Gambaredo (MI), 23 de março de 1970. Transcrição da gravação. Arquivo histórico da Associação Eclesial *Memores Domini* (ASAEMD), *Registos audiovisuais*, OR.AUDIO/1458.

⁵¹ Francisco, *Carta a Julián Carrón*, 30 de novembro de 2016.

o acumular de coisas que se espera; não, não espera nada, mas vive uma abertura sem limites – e não espera nada! –. Como diz uma poesia de Clemente Rebora [...]: “Não espero ninguém...”, e no entanto, uma pessoa está ali toda expectante. [...] Esta é a originalidade do homem»: ⁵² ser espera. O homem tende totalmente para algo de outro, para lá de todos os limites, que não sabe definir.

Parece a descoberta da pólvora, algo já sabido. Mas, como veremos, precisamente o pensar que já se sabe pode levar, muito rapidamente, ao formalismo. O verdadeiro desafio que temos é então como descobrir sempre novamente quem somos, a natureza da nossa necessidade, a partir do íntimo das experiências concretas que vivemos, para evitar sucumbir ao formalismo ou ao moralismo. Dom Giussani traçou-nos o caminho, e segui-lo depende da nossa abertura: «Uma definição», diz-nos ele, com efeito, «deve dar forma a uma conquista já obtida, caso contrário seria uma imposição de um esquema» ⁵³ ou uma repetição formal que se torna doutrina. Se isto é importante para todos, é-o em primeiro lugar para nós. Agora. Neste nosso tempo.

O coração não é uma premissa teórica, mas existencial. Quer dizer, está em ação, mas é trazido à tona e reconhecido na sua natureza. Isto facilita o encontro com todos a partir da experiência, num momento em que perdeu força uma definição de homem partilhada por todos, como constatamos nas discussões de todos os dias.

A natureza do coração não é uma definição já sabida, que podemos tentar-nos em repetir – cristalizando-a assim numa doutrina abstracta – e que não mexe nem sequer uma prega do nosso eu. Muitos de nós sabemos o discurso correto sobre o coração, mas todos vemos que não basta “sabê-lo” para que o nosso desejo seja constantemente despertado. Mesmo conhecendo a definição, podemos passar dias inteiros vazios, cheios de esquecimento, sem sentir «a necessidade d’Ele». Por outro lado, existencialmente, está sempre à espreita a possibilidade de viver segundo uma imagem reduzida do coração. Temos por isso um caminho a percorrer para poder descobrir, a partir da nossa experiência, a humanidade que há em nós.

De que caminho se trata? A que é que somos chamados? «Em primeiro lugar, temos de abrir-nos a nós mesmos», recomenda-nos Dom Giussani, «ou seja, apercebermo-nos vivamente das nossas experiências, olhar com simpatia para o humano que existe em nós, temos de tomar em consideração o que verdadeiramente somos. Considerar significa levar a sério o que experimentamos, *tudo*, e surpreender-lhe *todos* os aspectos,

⁵² L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 298.

⁵³ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 79.

procurar-lhe *todo* o significado». ⁵⁴ Esta simpatia pelo humano, por cada coisa que vibra dentro de nós, é tão crucial, tão “radical”, que sem ela não se pode entender nada de tudo o resto.

Dom Giussani contou-nos o momento em que, na sua experiência de jovem seminarista, se deu conta daquela falta constitutiva que caracterizava a sua humanidade, ou seja, da natureza do seu coração. Tomou consciência dela a partir do íntimo das experiências concretas que vivia. Identifiquemo-nos com a sua experiência: «Naquele primeiro ano do liceu, naquele timbre de voz, eu tinha captado o arrepio de alguma coisa que faltava, não ao bellissimo canto do romance de Donizetti, mas à minha vida: havia qualquer coisa que faltava e que não tinha encontrado apoio, realização, resposta, satisfação, em parte nenhuma. E, no entanto, o coração exige uma resposta, não vive senão para ela». É um ponto capital, que permite ajuizar tudo aquilo que vem ao nosso encontro. Por isso Giussani sublinha: «Se não se parte disto, depois não se poderá compreender mais nada do resto». ⁵⁵ Quando nos perdemos, não compreendemos, é porque não partimos desta exigência, e então tudo se torna uma abstração, restam apenas frases repetidas.

Dom Giussani estava bem consciente de que não é óbvio partir da experiência, daquilo que realmente vivemos. Ele convida-nos por isso a estarmos muito atentos: «Demasiado facilmente não partimos da nossa verdadeira experiência, quer dizer, da experiência na sua totalidade e autenticidade. De facto, muitas vezes identificamos a experiência com impressões parciais [...]. E mais frequentemente ainda confundimos a experiência com preconceitos ou esquemas, porventura inconscientemente assimilados do ambiente que nos rodeia». Como constatamos frequentemente, a mentalidade que nos rodeia, e que também penetra em nós, «não considera as nossas verdadeiras necessidades, nem sabe sequer o que sejam». ⁵⁶

Como evitar determo-nos em impressões parciais? Dom Giussani sintetiza o caminho: «Observar a experiência com olhar claro, e aceitar o humano com tudo o que este exige». Caso contrário, acabamos por oscilar «entre esta exasperada presunção» de resolver as nossas necessidades e «o mais obscuro desespero» ⁵⁷ quando nos damos conta de não sermos capazes.

⁵⁴ L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit., p. 78.

⁵⁵ L. Giussani, «Quel che cerchi c'è», in *Spirito Gentil. Un invito all'ascolto della grande musica guidati da Luigi Giussani*, organização de S. Chierici e S. Giampaolo, Bur, Milão 2011, p. 12.

⁵⁶ L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit., p. 78

⁵⁷ *Ibidem*, p. 85.

Portanto, a questão é descobrir as verdadeiras necessidades que nos constituem. Mas para fazer isto, é preciso um empenho com a nossa experiência, que implica o exercício daquela liberdade de que fala Péguy. As nossas necessidades verdadeiras, com efeito, emergem na experiência («do íntimo das experiências concretas que vivemos»),⁵⁸ como dizia Dom Giussani: só na experiência vem à tona aquilo que o nosso coração verdadeiramente deseja. Ou seja, o humano só é provocado a ficar despido, com todas as suas exigências, a relação com a realidade, diante de alguma coisa que acontece. Sem a provocação do real, cada um poderia interpretar a seu bel-prazer aquilo que o coração quer, identificando-o com esta ou aquela imagem – que será pontualmente desmentida assim que for submetida a uma verificação –. É a experiência, em suma, que nos mostra quais são as nossas verdadeiras necessidades. E a experiência, como sempre nos dissemos, não é um mero experimentar. As exigências que me constituem emergem na minha consciência quando estou empenhado com aquilo que experimento: elas, observa Dom Giussani, afloram em mim diante daquilo que eu experimento, enquanto empenhado com aquilo que experimento. E estas exigências, emergindo, ajuízam aquilo que experimento. Só neste ponto o experimentar se torna experiência.⁵⁹

«Há trinta anos», notava Dom Giussani, «quando eu começava a dizer estas coisas, não acreditava que trinta anos depois as teria tido de repetir tantas vezes, para as fazer entender àqueles que já caminham pela estrada há dez anos! Porque se leem, [atenção!], pensa-se que se entendeu, passa-se adiante e não se é sério com as palavras que se usam, quer dizer, não se é sério com a realidade que as palavras indicam».⁶⁰ Como veem, o formalismo está sempre à espreita.

Mas a realidade é teimosa e volta sempre, novamente, a bater à nossa porta com as suas provocações. Por isso nem mesmo quem tem uma definição reduzida de si pode impedir que surja na experiência a verdadeira fibra do seu coração. As ideologias são demasiado frágeis diante da imponência do real, que se torna evidente na experiência.

Quais são os sinais por meio dos quais o coração do homem se revela na sua natureza? Um deles é o tédio de que nos fala Moravia, mal-entendido, e que ele considera ser o sintoma da insuficiência do real: «O meu tédio poderia ser definido como uma doença dos objetos, consistindo num murchar

⁵⁸ Ver aqui, p. 15.

⁵⁹ «O homem é educado pela experiência, não por aquilo que experimenta» (L. Giussani, *Si può (veramente?) vivere così?*, Bur, Milão 2011, p. 82).

⁶⁰ L. Giussani, *Si può (veramente?) vivere così?*, op. cit., p. 83.

ou perda de vitalidade quase repentina; como ver em poucos segundos, por transformações sucessivas e velozes, uma flor passar do botão ao murchar e ao pó. [...] O tédio, para mim, é propriamente uma espécie de insuficiência ou inadequação ou escassez da realidade. [...] O sentimento do tédio nasce em mim do sentimento de absurdo de uma realidade [...] insuficiente, ou seja, incapaz de persuadir-me da própria e efetiva existência». ⁶¹ Aquilo que Moravia não diz é que nós só podemos experimentar a insuficiência do real, e por isso do tédio, graças à natureza infinita do nosso desejo. Os cães, com efeito, não se aborrecem. Leopardi é quem capta bem a questão: tudo se revela «miseró e pequeno diante da nossa alma», ou seja, em relação ao que é o nosso desejo. Sofrer «angústia e vazio», e portanto, «tédio», é por isso o «maior sinal de grandeza» ⁶² da natureza humana.

Um outro sinal é a nostalgia, o sentimento gritante de alguma coisa que nos falta e que não conseguimos definir. «Sempre me recriminaram», escreve Ernesto Sabato, «pela minha necessidade de absoluto, que aliás aparece nas minhas personagens. Esta necessidade atravessa como um rio a minha vida, ou melhor, como uma nostalgia de alguma coisa que nunca teria alcançado [...]. Eu nunca consegui aplacar a minha nostalgia, domesticá-la, dizendo-me que aquela harmonia existiu por algum tempo na minha infância; gostaria que tivesse sido assim, mas nunca o foi [...]. A nostalgia é para mim uma ânsia nunca satisfeita, o lugar que eu nunca consegui alcançar. Mas é aquilo que quereríamos ser, o nosso desejo. É tão verdadeiro que não se consegue vivê-lo, que poderíamos até acreditar que fica fora da natureza, se não fosse o facto de qualquer ser humano trazer em si esta esperança de ser, este sentimento de alguma coisa que nos falta [...]. A nostalgia deste absoluto é como que o fundo, invisível, incognoscível, mas com o qual confrontamos toda a vida». ⁶³

Esta «ânsia nunca satisfeita» revela-nos de que massa é feito o coração, faz-nos compreender a natureza da nossa pobreza, faz-nos dar-nos conta da profundidade da nossa necessidade. Transportamos connosco esta nostalgia impossível de colmatar, como um fundo invisível, incognoscível, mas real, com o qual confrontamos toda a vida. Como diz Andrei Tarkovski: «Tudo aquilo que somos, levamo-lo connosco na viagem. Levamos connosco a casa da nossa alma, como faz uma tartaruga com a sua couraça». ⁶⁴

⁶¹ A. Moravia, *La noia*, Bompiani, Milão 1992, pp. 7-8.

⁶² G. Leopardi, «Pensieri», LXVIII, in *Poesie e prose*, vol. 2, Mondadori, Milão 1980, p. 321.

⁶³ E. Sabato, *Espana en los diarios de mi vejez*, Seix Barral, Barcelona 2004, pp. 178-179.

⁶⁴ As palavras de Andrei Tarkovski (1932-1986) provêm de uma entrevista originalmente publicada em sueco: cf. A. Tarkovski, «Att resa i sitt inre. Samtal med Tarkovskij», entrevista de Gideon Bachmann, *Chaplin*, n. 193, setembro de 1984, pp. 158-163.

Há em nós uma nostalgia de alguma coisa de diferente, que não podemos domesticar, que se liga a uma implacável insatisfação, que ninguém, afinal, consegue esconder. Escreve-o Pavese: «Todos os homens têm um cancro que os rói [...]: a sua insatisfação; o ponto de encontro do seu ser real, esquelético, e a infinita complexidade da vida. E todos, mais cedo ou mais tarde, se dão conta disso».⁶⁵

São alguns destes indícios – poderíamos oferecer muitos outros – que comprovam o projecto original do coração. E tudo aquilo que vivemos, as circunstâncias, os desafios, não nos são dados para nos complicarem a vida, mas são ocasiões para percebermos qual é a natureza da nossa necessidade, para descobrir as nossas verdadeiras necessidades. Como referimos, com efeito, a forma através da qual surgem as dimensões fundamentais do humano é o impacto com a realidade.

Neste caminho, tudo serve (e contribui para fazer vir ao de cima quem somos), até a desilusão. A experiência da desilusão, inevitável precisamente porque nada corresponde totalmente ao coração, não detém o homem, mas – como nos relembra Dom Giussani – exaspera-o, exaspera a sua sede. «Esta é a natureza da razão, esta é a natureza do coração do homem, esta é a natureza daquilo que constitui o homem como homem. Quer dizer, o facto de que uma pessoa, ao enfrentar qualquer coisa, perceba o seu limite e seja ferida por ele sempre, de algum modo, em qualquer caso (na medida, é claro, em que se dá conta daquilo que acontece, na medida em que não está distraída); o facto de que, portanto, enfrentando tudo, uma pessoa se dê conta do limite e da desilusão, da não correspondência, e isto não a detenha, mas a exaspere, comprova que ela não pertence ao limite e à dor, e por isso é como que empurrada, arrastada, a procurar agarrar mais, conhecer mais, penetrar mais».⁶⁶ Na nossa vida, procuramos continuamente agarrar aquilo que provoca a nossa nostalgia, temos sede de conhecer o além de que sentimos a falta e que sempre nos foge.

É a partir da experiência a que nos estamos a referir que descobrimos o que é a pobreza.

Aquilo a que o Evangelho chama pobreza, diz Giussani, é muito bem descrito por Romano Guardini no seu comentário aos primeiros capítulos das *Confissões* de Santo Agostinho: «“Pois Tu nos criaste para Ti, e o nosso coração está inquieto até repousar em Ti”». Nestas palavras o conceito agostiniano do homem chega ao fundo. Este é colocado pelo Criador no ser real, autorizado a manter-se no seu centro e a avançar

⁶⁵ C. Pavese, *Il mestiere di vivere*, Einaudi, Turim 1952, p. 59.

⁶⁶ L. Giussani, *Ciò che abbiamo di più caro (1988-1989)*, Bur, Milão 2011, pp. 491-492.

com o seu passo; mas a sua realidade é diferente da das demais criaturas. Estas estão radicadas na sua natureza, estão baseadas em si mesmas e regressam a si próprias. A figura da sua existência é o círculo que se fecha sobre si mesmo; a figura do homem, por sua vez, é a do arco que se projecta para lá do que conhece. [...] Esta é a lei da sua existência, que a inquietação profunda, que nunca desaparece, testemunha. Ela pode ser mal-entendida, mas não pode ser eliminada. Quando o homem se apercebe dela, ela torna-se um tormento; quando a aceita, ela condu-lo à calma essencial, isto é, à realização do seu ser». ⁶⁷ A pobreza é, então, a «disponibilidade a esticar a corda do próprio arco em busca não de si, mas de um outro», ⁶⁸ para além de si, irredutível às próprias medidas.

Quem é então o pobre? Aquele que não tem nada a defender senão a própria sede, a própria espera, a própria natureza original, que ele não se se deu por si, e está por isso todo inclinado a reconhecer e a acolher quem lhe pode responder. É a razão pela qual Jesus define os pobres como “bem-aventurados”. Esta pobreza não é para Jesus uma desgraça, mas uma bem-aventurança: «Bem-aventurados os pobres de espírito... Bem-aventurados os que têm fome e sede...». ⁶⁹ Na realidade, diz Dom Giussani, «todas as bem-aventuranças são sinónimos, são formas diferentes» de falar desta pobreza, da «pobreza de espírito». ⁷⁰

Mas porquê esta insistência de Jesus sobre a pobreza? Porquê esta insistência de Giussani? E porquê, então, esta insistência do Papa Francisco?

Porque é precisamente esta pobreza, esta espera, este desejo premente de conhecer quem pode satisfazer a nossa sede, «que nos torna capazes de reconhecer o tom da Sua voz quando esta ecoa na nossa vida. Aquilo que nos faz reconhecer Cristo, o seu tom, a marca da sua presença, é a lealdade, a sinceridade, a intensidade deste desejo de conhecer aquilo que Deus é para a minha vida, para a nossa vida. “Os homens raramente aprendem aquilo que julgam já saber”, dizia uma romancista inglesa, Barbara Ward. Os fariseus acreditavam já saber, não aprenderam a reconhecer aquela Presença que era a resposta ao seu sentido religioso, a

⁶⁷ R. Guardini, *L'inizio*, Jaca Book, Milão 1973, pp. 30-31; citado em: L. Giussani, *Porquê a Igreja*, Verbo, Lisboa, 2004, p. 252.

⁶⁸ L. Giussani, *Perché la Chiesa*, op. cit., p. 270.

⁶⁹ *Mt* 5,3-12.

⁷⁰ L. Giussani, «Dal senso religioso a Cristo», em *Dove la domanda si accende*, organização de Camillo Fornasieri e Tommaso Lanosa, Itaca, Castel Bolognese (RA) 2012, pp. 55-56.

toda a sua história».⁷¹ Por isso, no rol das bem-aventuranças, a primeira é: «Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus». De facto, só aqueles que estão conscientes da sua pobreza, que admitem a sua necessidade, que sentem a sua fome e a sua sede, é que poderão reconhecer o portador do reino, o portador da resposta.

Atenção – poderá parecer-nos surpreendente –, esta sede, como sublinha sem tréguas Dom Giussani, é a coisa mais importante não só para quem tem de encontrar Cristo, mas também para nós, que já somos cristãos. O sentido religioso não é uma premissa que se possa abandonar a certa altura, mas é uma *condição* sempre necessária: em primeiro lugar, para «reconhecer o tom da Sua voz quando esta ecoa»; em segundo lugar, para que se verifique uma experiência real daquela resposta presente que é Cristo: assim que censuramos ou minimizamos a sede, assim que nos separamos do fundamento humano, Cristo torna-se irrelevante, tão incrível como a resposta a um problema que não se põe, ou que já não se põe (porque o encontro com Cristo responde à sede aprofundando-a e não abolindo-a). «Cristo é a resposta à sede que o homem tem de viver a relação com aquilo que é o seu destino, o significado daquilo que faz, do comer, do beber, do velar, do dormir, do amar, do trabalhar. Na medida em que esta espera e este desejo não estão vivos em mim, eu não consigo reconhecer a resposta [...]. Por isso a coisa mais importante para nós, cristãos, é a verdade do nosso sentido religioso, porque então a realidade de Cristo comunica-se à nossa vida».⁷²

Uma pessoa como a samaritana, que sentia a sede do seu coração, percebeu logo Quem era capaz de saciá-la. A sua sede surgiu em toda a sua inteireza, ela pôde olhá-la até ao fundo, como nunca antes, só diante d’Aquele que encarnava a promessa de lhe responder. Porque o “sentido religioso” – ou seja, a sede do coração – só se clarifica e se desperta completamente no encontro com Cristo: «O encontro histórico com este homem constitui o encontro com o ponto de vista que resolve e clarifica a experiência humana».⁷³ Por isso é necessário que Cristo seja sempre contemporâneo para que o sentido religioso possa ser despertado e mantido vivo.

Citei primeiro aquela passagem em que Dom Giussani se espantava com o número de vezes que tinha dito estas coisas, que se continuam a ler, passando-se por cima delas. Vejamos o que acontece quando, pelo contrário, uma pessoa as leva a sério: «Caro padre Julián, há anos que

⁷¹ *Ibidem*, pp. 53-54.

⁷² *Ibidem*, p. 54.

⁷³ L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit. p. 85.

queria dizer-te, mas não conseguia fazê-lo, deixar sair; eu considero-me – aliás, sou! – uma “desfamiliarada”, ou seja, sem família. Infelizmente os sofrimentos foram de tal modo pesados que determinaram o fim do meu casamento. Vivi isto com raiva durante muitos anos e quando tu davas, constantemente, exemplos que tinham a ver com o amor da mãe ou do pai, eu mandava-te de boa vontade passear, pensando que tu tinhas sorte em não ter pais com problemas que te marcaram a mente e o corpo. Eu fiz um encontro excepcional, mas sempre me considerei diferente dos outros, com esta objeção de fundo...»; o que significa que o encontro pode não chegar a determinar a percepção que temos de nós mesmos; apesar de reconhecermos que fizemos um encontro excepcional, pode permanecer em nós uma objeção de fundo, ligada a contradições e problemas, que trazemos dentro de nós como «um caruncho: vivia um sentimento de abandono que me perseguia como uma sombra em tudo, no juízo sobre a companhia, se era aceite ou não, se era procurada, ou valorizada, ou deixada de lado. Depois aconteceu alguma coisa em mim a seguir à última ligação à Escola de Comunidade de março: eu estava muito mal, mas quando tu falaste de meter as mãos na massa e em empenhar-se na realidade – aquela realidade onde eu tenho uma enorme dificuldade -, no trabalho, com os familiares, com os amigos e com muitos aspetos da minha vida, percebi que não era livre, que esperava a felicidade dos “momentos solares” e que reduzia a presença de Jesus apenas à companhia. A passagem crucial que me despertou o coração foi a citação de Dom Giussani, de *Vivendo nella carne*: “O motivo pelo qual as pessoas já não creem, ou creem sem crer [e o encontro excepcional feito não incide a ponto de despertar uma experiência diferente de vida, uma percepção diferente de si] [...] é porque não vivem a própria humanidade, não estão empenhadas com a própria humanidade, com a própria sensibilidade, com a própria consciência e, portanto, com a própria humanidade”.⁷⁴ Ali, naquela noite, foi como se eu tivesse dado um enorme suspiro de alívio».

Este é o ponto: quando deixamos entrar o encontro na nossa vida, metendo em jogo a nossa necessidade, reconhecemos logo a sua correspondência: o sinal é que se introduz em nós um enorme suspiro de alívio. A carta continua: «Eu decidi alguma coisa porque tu me tinhas ajudado a perceber-me, tinhas-me feito entender o nó da minha vida. Comecei a levar a sério tudo em mim: raiva, tristeza, dificuldades, injustiças, sofrimentos e solidões. Todas as manhãs me levanto e decido [cá está a liberdade em jogo] levar tudo a sério, não censurar nada, e aquilo que está a

⁷⁴ L. Giussani, *Vivendo nella carne*, Bur, Milão 1998, p. 66.

acontecer é um espetáculo. Não é uma análise introspectiva, é experimentar que dentro deste meter as mãos na massa nunca estou sozinha; e o espanto e o gosto aumentam até à misericórdia pelos meus irmãos e pelos meus pobres pais».

Quando se vence o afastamento de Cristo do coração – reconhecendo que Ele foi o primeiro a vencê-lo -, vence-se também o afastamento dos outros, como escreve ainda a nossa amiga: «Parece-me que começo a perceber que esta é a atitude certa para ser feliz; descobri que Jesus está presente em tudo aquilo que vivemos, se o vivermos com a atitude certa, que é a da certeza da nossa dependência total! Isto dá-me um gosto tal que aos olhos dos outros parece que eu sou uma pessoa sem problemas!» – porque os problemas já não a determinam, não é que já não os tenha -. «Ultimamente, as pessoas dizem-me que fiquei mais bonita e perguntam-me o que me está a acontecer; eu não sou jovem, tenho mais de cinquenta anos! Obrigada, caro padre Julián, também eu quero aprender para mim o método de Dom Giussani. Quero que se torne meu, quero ser feliz e apreciar tudo da vida; até os domingos passados sozinha em casa a estudar para a escola ou a limpar já não me assustam. Descobri que não estou sozinha. Rezo por ti, que Nossa Senhora te sustente. Com gratidão».

É uma experiência ao alcance de todos, como vemos. E não porque já não existam problemas, mas porque nos abrimos a uma outra possibilidade: levar a sério aquilo que Dom Giussani nos propôs.

2. Do fundo do nosso erro, uma sede de salvação, uma necessidade de perdão

A necessidade de significado, de destino, de que falámos, não pode ser separada de uma outra necessidade, igualmente radical, que nos constitui e que todos conhecemos bem: é a necessidade de perdão, de misericórdia, de resgate depois de cada erro nosso, depois de cada falhanço, ou derrota, ou falta que se repete. Por isso um olhar realista sobre nós não pode deixá-lo fora da nossa consideração. Tal como Jesus não o deixa fora do Seu olhar.

Somos necessidade de perfeição, de significado, de amor, de justiça, mas encontramos-nos, com estas nossas exigências, à medida que vivemos, diante da nossa impotência em realizá-las, da contradição do nosso agir. Passamos todos, como comprovou a carta que acabamos de ler, pela experiência de destruir aquilo que amamos (como isto é frequente nas relações afetivas ou com os filhos!), de falhar onde queríamos ter sucesso, de sermos incapazes de construir precisamente nas situações mais importantes para nós e de cair numa voragem de erros, de fraquezas, de

mesquinhez, sem saber como sair disso: encontramos-nos impotentes e esmagados pelos nossos limites, juízes desapiedados de nós mesmos, quase ao ponto de nos considerarmos imperdoáveis: quem nos dará crédito, depois de tudo aquilo que fizemos? Quem nos amará ainda, se somos tão frágeis, inadequados, incoerentes? É como que a face mais incômoda, mais humilhante, da nossa pobreza, da nossa impotência de ser, aquela de que o Evangelho nos fala constantemente. Nós somos exatamente como os «pobres», os publicanos e os pecadores com que Jesus tem de lidar. No fundo do nosso sentimento de falhanço, de frustração, de raiva, há uma sede mais ou menos expressa de perdão, a esperança de um olhar que nos faça recomeçar, ainda que às vezes não o confessemos nem a nós mesmos.

Os publicanos do Evangelho são como que o protótipo desta situação, que tantas vezes é também a nossa. Encontravam-se rodeados de uma mentalidade tão profundamente moralista que não podiam evitar que ela penetrasse também neles. Podemos vê-lo na parábola do fariseu e do publicano no templo. Para compreendermos a oração do publicano temos de olhar para ele, como nos recomenda o estudioso Joachim Jeremias, com os olhos com que os publicanos eram olhados e se olhavam naquele tempo, os mesmos olhos com que nós tantas vezes nos sentimos olhados pelos outros e olhamos para nós quando erramos: «É ainda com os olhos dos seus contemporâneos que devemos olhar para o publicano. [...] Ele é dominado pela dor de estar tão afastado de Deus», está ao fundo do templo e não ousa sequer levantar a cabeça. «A sua situação e a da sua família são, com efeito, sem esperança. Porque, para fazer penitência, ele não deve apenas abandonar a sua vida de pecado, ou seja, renunciar à sua profissão, mas deve também fazer uma obra de reparação, restituindo o dinheiro extorquido [...]. E como é que ele pode saber [depois de uma vida passada a fazer estas coisas] quantas pessoas enganou? Não só a sua situação, mas também o seu implorar misericórdia são sem esperança!»⁷⁵ E nem sequer cumprir uma pena pelo mal infligido aos outros pode bastar para restituir a paz desejada, como nos mostram os detidos. É como se não conseguíssemos tirar de cima de nós o mal feito a nós próprios – aquele que só nós conhecemos – e aquele que fizemos aos outros.

Comentando alguns excertos do Evangelho, o Papa Francisco identifica bem a questão: «Nenhum daqueles que estavam ali, nem sequer Mateus, ávido de dinheiro, conseguia crer na mensagem do dedo que o indicava, na mensagem daqueles olhos que o fitavam com misericórdia

⁷⁵ J. Jeremias, *Le parabole di Gesù*, Paideia, Brescia 1973, pp. 175-176.

e o escolhiam para o seguimento». ⁷⁶ É como se não se pudesse acreditar nesta possibilidade. O Papa di-lo também de Zaqueu: «Nem sequer ousa esperar que possa ser superada a distância que o separa do Senhor; resigna-se a vê-lo só de passagem». ⁷⁷

Como é que Jesus olha para a pobreza de quem não ousa sequer esperar? Para responder, «temos de identificar-nos com as pessoas de quem o Evangelho fala», diz-nos Dom Giussani. E acrescenta imediatamente: «Mas não as entendemos e não conseguimos identificar-nos com aquilo que eram, se não nos identificarmos com Cristo que diz: “Zaqueu”. Quando explode a palavra “Zaqueu”, então entendemos Zaqueu. Quando Cristo diz: “Zaqueu, desce, vou a tua casa”, é nesse momento que entendemos o que era Zaqueu. Pensem no que terá sentido Zaqueu, como avaliou imediatamente todos os erros feitos sem sequer os medir, como sentiu o que era ele e quem era aquele que o chamava. O que era Zaqueu, é precisamente o que vemos quando nos identificamos com Cristo». ⁷⁸ «É esta proximidade, é esta presença; presença não de alguém que olha para o outro lado, mas presença de alguém que olha para ti. É esta proximidade que perturba, graças à qual a vida se transfigura; em resumo, Zaqueu não disse, enquanto ia para casa: “Agora este aqui vai dizer-me que roubei cem aqui, trinta e quatro acolá, agora...”. Estava cheio daquele olhar, foi para casa para fazer o almoço para aquele ali, para aquele que tinha olhado para ele». ⁷⁹ Estava cheio de silêncio.

Mas não basta a presença plena de ternura de Jesus para fazer experiência do perdão. É preciso aceitar a Sua presença, render-se ao Seu perdão, à Sua misericórdia. E, como Zaqueu, é preciso descer da árvore e correr para casa para O receber. Cá está novamente em jogo a liberdade. Certas páginas de alguns romances que fomos convidados a ler deram-nos uma imagem vívida e dramática desta experiência. Pensemos no Inominado de Manzoni, diante do cardeal Federigo: «O Inominado estava atônito perante aquele discurso tão inflamado, perante aquelas palavras que correspondiam tão resolutamente ao que ele ainda não tinha dito, nem estava bem determinado a dizer; e comovido, mas aturdido, conservava-se em silêncio. “Então?” continuou ainda mais afetuosamente Federigo: “Tendes

⁷⁶ Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

⁷⁷ Francisco, *Angelus*, 3 de novembro de 2013.

⁷⁸ ASAEEMD, *Redazioni a stampa e dattiloscritti*, OR.STAMPA/104, Assembleia com um grupo de jovens que iniciaram o caminho vocacional na Associação Eclesial *Memores Domini*, Gudo Gambaredo (MI), 26 de junho de 1993.

⁷⁹ Apontamentos da lição nos Exercícios Espirituais dos noviços dos *Memores Domini*, Le Pianazze (PC), 7 de agosto de 1982, conservados na secretaria dos *Memores Domini*, Milão.

uma boa notícia para me dar, e fazeis-me suspirar tanto por ela?”. “Uma boa notícia, eu? Tenho o inferno no coração; e dou-vos uma boa notícia? Dizei-me vós, se o souberdes, qual é essa boa notícia que esperais de uma pessoa como eu”. “Que Deus vos tocou o coração e quer fazer-vos seu”, respondeu pacatamente o cardeal. “Deus! Deus! Deus! Ainda se o visse! Se o ouvisses! Onde está esse Deus?”. [...] Se há este Deus, se é aquilo que dizem, o que quereis que faça de mim?”. Estas palavras foram ditas com uma voz desesperada; mas Federigo, num tom solene, como de plácida inspiração, respondeu: “O que pode Deus fazer de vós? O que quererá fazer? Um sinal do seu poder e da sua bondade: quer tirar de vós uma glória que mais nenhum poderia dar-lhe. [...] perguntais o que Deus pode fazer de vós? [...] E perdoar-vos? E tornar-vos salvo? E completar em vós a obra da redenção? Não são coisas magníficas e dignas dele?”». ⁸⁰

É aqui que surge, no seu expoente máximo, a Sua verdade, é aqui que resplandece mais a Sua glória. Escutemos ainda o cardeal Federigo: «“Oh, pensai! Se eu mero homenzinho, eu miserável e contudo tão cheio de mim mesmo, eu como sou, agora anseio tanto pela vossa salvação, que por ela daria com gáudio (Ele é minha testemunha) estes poucos dias que me restam; oh!... Pensai quanta e qual terá de ser a caridade daquele que me infunde esta tão imperfeita, mas tão viva; como vos ama, como vos quer. Aquele que me comanda e me inspira um amor por vós que me devora!”». À medida que estas palavras iam saindo dos seus lábios, o rosto, o olhar, todos os movimentos respiravam o seu sentimento. O rosto do seu ouvinte que estivera consternado e convulso, começou primeiro por ficar atônito e atento; e depois compôs-se numa emoção mais profunda e menos angustiosa; os seus olhos, que desde a infância nunca mais tinham conhecido as lágrimas, incharam-se-lhe; quando cessaram as palavras, cobriu o rosto com as mãos, e deu num copioso pranto, que foi como que a última e mais definitiva resposta». ⁸¹ O inominado rende-se finalmente. Vê-se isso no seu rosto, que de «consternado e convulso» se torna «atônito e atento». Sem este movimento da liberdade, a salvação não será minha. O que não significa substituir-se a Deus para se salvar por si. Significa que Deus, que nos criou sem nós, não pode salvar-nos sem nós.

Render-se a uma presença que perdoa, aceitar ser salvo: é o drama contínuo da liberdade. Depois de um momento de rendição, com efeito, a vida volta a ser pesada, prevalece a medida sobre si. Como sucede a Miguel Mañara, o protagonista da homónima obra teatral de Miłosz: «Depois

⁸⁰ A. Manzoni, *Os noivos*, Paulinas, Lisboa 2015, pp. 422-423.

⁸¹ *Ibidem*, p. 423-424.

de se ter confessado ao abade, continuava a ir a casa do abade confiar os seus pecados; não podia esquecê-los, não podia “arrancá-los”, não podia tirá-los de cima de si: eles existiam, tinha-os cometido». ⁸² Também nós podemos ter a mesma dificuldade. Durante um encontro dizem a Dom Giussani: «Pode sair-se do confessionário oprimido com os próprios pecados exatamente como se entrou». E ele: «Para uma grande maioria a Confissão não vale, *non valet*, não tem consistência existencial, não incide sobre a existência, e por isso, muito menos incide sobre a história. Domina mais a reação que a certo ponto, talvez um ano depois, se tem diante da recordação dos pecados feitos: a humilhação, o peso das consequências, especialmente sociais. Enquanto uma pessoa tiver feito uma coisa e ninguém tiver sido atingido, pode estar tranquila; mas quando se fala disso em sociedade ou nos jornais, então para ela torna-se uma coisa enorme e esmagadora. [...] “Eu erreí, eu fiz...”: é uma vergonha, ainda que ninguém o soubesse, contra mim mesmo; vou confessar-me e prevalece a imagem daquilo que eu fiz sobre a grandeza e a certeza do perdão». ⁸³

De onde é que se vê, pelo contrário, que prevalece em mim a certeza, o olhar de uma Presença? Se me recria. Porque o perdão recria – como aconteceu com o Inominado. «Só o mesmo, idêntico gesto da pobreza pode soltar-me de mim mesmo e fazer com que tornar-me alegre: porque Cristo vive e Cristo é meu, Cristo é para mim (*Propter nos homines*). Isto é importante!» ⁸⁴ Quando Miguel Mañara, depois da confissão, vai ainda ter com o abade para se lamentar dos seus pecados, o abade responde-lhe secamente, surpreendendo-o: «Tudo isto nunca existiu [...]. Só Ele existe». Mas é preciso ceder. Dom Giussani comenta o episódio com estas palavras: para que os pecados não continuem a pesar, para sermos «realmente livres, livres dos próprios males», livres dos pecados que uma pessoa até já confessou, «não basta tê-los confessado: depende da clareza, da afeição e da certeza que Cristo existe e Cristo é o perdão». ⁸⁵

«Queremos que esta salvação [o homem] a adquira ele mesmo», ⁸⁶ disse-nos Péguy. Mas conquistar a salvação não quer dizer produzi-la com as próprias forças, com o próprio esforço moralista: trata-se de acolher a salvação que nos foi dada por Cristo, que é Cristo presente, vivo. Muitas vezes nós acusamos o peso desta falta de disponibilidade.

⁸² L. Giussani, *Si può (veramente?) vivere così?*, op. cit., p. 388.

⁸³ *Ibidem*, pp. 386-387.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 387.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 388.

⁸⁶ Ver aqui, p. 5.

Que pobreza é necessária para acolher o perdão que é Cristo! Uma pobreza que «se torna possível devido ao facto de que Cristo existe, de que a presença dominante é Cristo, que o objecto do meu olhar é Cristo. Por isso se pode sair finalmente livres da confissão: se a confissão for ir a casa de Cristo, não se for outra coisa. Uma confissão feita para ficares em paz em relação a erros que esperas fazer outra vez amanhã, não te deixa em paz; mas se tu souberes que, devido à tua fraqueza, pode acontecer ainda amanhã, e vais na mesma confessar-te olhando para Cristo, e dizes: “Porém eu prefiro-te profundamente a qualquer outra coisa”, “E porém a ti digo-te sim”, isto liberta-te».⁸⁷

Aquele olhar fez surgir nele uma pobreza de espírito, gerou nele um momento de pobreza de espírito. Também em nós é assim. Pelo menos por um momento, encontramos em nós esta pobreza de espírito, ainda que muitas vezes não lhe respondamos. Portanto, ao ousado gesto de Jesus, que se convida para comer em casa de Zaqueu, deve corresponder um outro e igualmente ousado gesto da liberdade do homem para acolhê-lo. Mas às vezes o fariseu que há em nós grita: «Escândalo! Não é possível. Não te iludas que Ele possa comer com um pecador como tu. Não te iludas que possas ser perdoado. Olha o que dizem todos: “Vai comer a casa de um pecador!”». Assim Zaqueu, como cada um de nós, está numa encruzilhada! Percebe-se o desafio impressionante que o gesto de Jesus representa para Zaqueu e para nós. Ninguém o exprimiu melhor do que São Paulo: «Em rigor, a gente aceitaria morrer por um justo; por um homem de bem, quicá, se consentiria em morrer. Mas, eis aqui uma prova brilhante do amor de Deus por nós: quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós».⁸⁸

Cristo continua a desafiar-nos hoje, como desafiou então Zaqueu, através de uma presença histórica: «Não há profissão nem condição social, não existe pecado nem crime de qualquer tipo que possa eliminar da memória e do coração de Deus um só dos seus filhos. “Deus recorda”, sempre, não se esquece de nenhum daqueles que Ele criou; Ele é Pai, sempre à espera vigilante e amorosa de ver renascer no coração do filho o desejo de voltar para casa. E eu digo-te: se tiveres um peso na consciência, se sentires vergonha de tantas coisas que cometeste, para um pouco, não te assustes. Pensa que alguém te espera, porque nunca deixou de se recordar de ti; e este alguém é o teu Pai, é Deus que te espera! A exemplo de Zaqueu, também tu sobe na árvore do desejo de ser perdoado; garanto-te que não ficarás decepcionado.

⁸⁷ L. Giussani, *Si può (veramente?) vivere così?*, op. cit., p. 388.

⁸⁸ *Rm* 5,7-8.

Jesus é misericordioso e nunca se cansa de perdoar! Recordai-vos bem disto, Jesus é assim».⁸⁹

Acolher o abraço de Cristo exige uma pobreza radical: aceitar ser tão “necessidade” a ponto de depender totalmente da misericórdia de um outro; é preciso ser-se tão pobre a ponto de não ter nada próprio sobre o que se apoiar, nem mérito de que se vangloriar. É necessária uma consciência última da nossa verdadeira necessidade, daquilo que verdadeiramente somos. E esta é a verdade sobre nós, sem subterfúgios: para viver, para recomeçar, para não sucumbir sob o peso dos nossos erros, temos necessidade de uma presença que nos perdoe, de um abraço que nos restitua a possibilidade de recomeçar e de olhar de forma positiva para nós mesmos. Em suma, trata-se de ser tão pobres, que se dependa totalmente de Jesus.

Como dissemos, não basta uma presença que perdoe: é preciso um movimento da liberdade que aceite o perdão. O que fica claro ainda na parábola do fariseu e do publicano. Apesar de estarem diante de uma presença que perdoava, os fariseus, de facto, não estavam disponíveis para o perdão. Os publicanos, por seu turno, embora sob o peso do seu próprio mal, tinham aquela disponibilidade última para deixar-se perdoar, não pretendiam ter nada de seu sobre o que se apoiar. A parábola é precisamente dirigida aos que tinham a presunção íntima de serem justos e desprezavam todos os outros. Diz Jesus: «“Subiram dois homens ao templo para orar: um era fariseu, o outro publicano. O fariseu, em pé, orava no seu interior desta forma: “Graças te dou, ó Deus, que não sou como os demais homens: ladrões, injustos e adúlteros; nem como o publicano que está ali. Jejuo duas vezes na semana e pago o dízimo de todos os meus lucros”. O publicano, porém, mantendo-se à distância, não ousava sequer levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: “Ó Deus, tem piedade de mim que sou pecador!”. Digo-vos: este voltou para casa justificado, e não o outro. Pois todo o que se exaltar será humilhado, e quem se humilhar será exaltado».⁹⁰

A este ponto podemos compreender mais claramente a carta do Papa: «Os pobres, com efeito, remetem-nos para o essencial da vida cristã. [...] Esta pobreza é necessária porque descreve o que temos verdadeiramente no coração: a necessidade d’Ele».⁹¹ Os pobres voltam a pôr-nos diante dos olhos aquela necessidade que em nós é facilmente calada, esquecida, coberta pelas nossas seguranças provisórias, pelas satisfações com que nos aquietamos, pela ilusão de domínio sobre as coisas e de controlo da

⁸⁹ Francisco, *Angelus*, 3 de novembro de 2013.

⁹⁰ *Lc* 18,10-14.

⁹¹ Francisco, *Carta a Julián Carrón*, 30 de novembro de 2016.

vida. Não há obstáculo maior à nossa realização do que o esquecimento da nossa pobreza, da nossa irredutível necessidade de um outro, da nossa necessidade de significado e de salvação.

A ausência de consciência da nossa sede de um significado para viver, juntamente com a falta de consciência do nosso limite, do nosso mal, do nosso pecado, e por isso da nossa necessidade de perdão e de salvação, fecham-nos ao encontro com o outro, com Cristo. A pobreza, no duplo sentido apresentado, é condição para entrar no reino de Deus, ou seja, para acolher a própria Presença de Deus, aquela Presença em que Deus se encarnou. Por isso Jesus dizia: «“Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os ricos!” Os discípulos ficaram assombrados com as suas palavras. Mas Jesus replicou: “Filhinhos, quão difícil é entrarem no reino de Deus os que põem a sua confiança nas riquezas! É mais fácil passar o camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar o rico no reino de Deus”. Eles ainda mais se admiravam, dizendo a si próprios: “Quem pode então salvar-se?”. Olhando Jesus para eles, disse: “Aos homens isto é impossível, mas não a Deus; pois a Deus tudo é possível”».⁹²

Mas Deus, tendo-nos criado livres, não quer passar por cima da nossa liberdade. Por isso, Ele vem ao nosso encontro primeiro, toma a iniciativa conosco, para a provocar, como diz Guilherme de Saint-Thierry: «Vós nos amastes primeiro para que vos amássemos. Não tínheis necessidade de ser amado por nós, mas não poderíamos atingir o fim para o qual fomos criados se não vos amássemos. [...] Para vós, falar por meio do vosso Filho não foi outra coisa senão [...] suscitar pelo vosso amor o nosso amor por vós. Bem sabíeis, ó Deus criador dos homens, que este amor não pode ser imposto, mas que é necessário estimulá-lo no coração humano. Porque onde há coação não há liberdade, e onde não há liberdade também não há justiça»,⁹³ ou seja, não pode haver salvação.

Deus espera a nossa liberdade sem deixar de nos perdoar, como nos recordou o Papa: «É graças a este abraço de misericórdia que surge em nós o desejo de responder, de mudar».⁹⁴ E a primeira mudança, a primeira conversão é ceder, ceder ao Seu abraço. A primeira atividade é uma passividade – dizia-nos Dom Giussani –, ou seja, acolher alguma coisa que nos é dada.⁹⁵

⁹² *Mc* 10,23-27.

⁹³ Guilherme de Saint-Thierry, «Liturgia das horas segundo o Rito romano», segunda-feira da III semana de Advento, Gabinete de Leituras, segunda leitura, em *Breviário Romano*.

⁹⁴ Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

⁹⁵ «É uma passividade que constitui a minha originária atividade, a de receber, de constatar, de reconhecer». (L. Giussani, *O sentido religioso*, Verbo, Lisboa 2002, p. 143).

Quanto temos necessidade de aprender a pobreza de que nos fala o Papa! «A moral cristã não é o esforço titânico, voluntarista», dizia-nos ainda a 7 de março de 2015, «de quem decide ser coerente e é bem-sucedido, uma espécie de desafio solitário perante o mundo. Não! Esta não é a moral cristã, é outra coisa. A moral cristã é uma resposta, é a resposta comovida a uma misericórdia surpreendente, imprevisível e, segundo os critérios humanos, até «injusta», de Alguém que me conhece, conhece as minhas traições e que, no entanto, me ama, me estima, me abraça, me chama de novo, espera em mim, espera algo de mim. «A moral cristã», concluía o Papa, «não consiste em nunca cair, mas em levantar-se sempre, graças à sua mão que nos resgata».⁹⁶

3. O meu coração exulta porque Tu, Cristo, vives

Quem estiver consciente da dimensão da sua necessidade, sobre a qual Cristo se debruçou, não pode deixar de exclamar com Dom Giussani: «O meu coração exulta porque Tu, [Cristo], vives».⁹⁷ Deus responde precisamente com a Sua presença – encarnando, fazendo-se companheiro do homem – a este sermos insuportáveis para nós mesmos, a esta evidência gritante da nossa fraqueza. Então «a verdade do homem não se reduz à observação evidente da sua miséria, mas ao anúncio estupefacto e exaltante de que esta miséria é amada. Esta Presença amante, forte e fiel, mais do que a volúvel e vulnerável fragilidade que é a consistência do homem em si mesmo, é descoberta como a verdadeira riqueza do homem. E não se diz que a evidência da própria miséria constitua o ponto de partida, a descoberta inicial; pois é na imponência do anúncio daquela Presença que o homem pode também descobrir a própria nudez, a própria inaptidão, a própria mesquinhez. A Presença de um Outro é, portanto, a consistência – certeza e esperança – do homem: aceitar isto, afirmar isto, é a existência como amor. Porque amar é afirmar que um Outro é a própria vida, e que a própria vida é a afirmação de um Outro. “Tu és eu”. “Vivo, mas já não sou eu quem vive, é um Outro que vive em mim” (São Paulo). Portanto, a resposta do cristianismo a esta intolerabilidade de nós mesmos é uma humildade que se torna amor; ou seja, é um reconhecimento da própria miséria (*humus* = terra) que se abre à rica Presença».⁹⁸

Quanto mais uma pessoa vê jorrar das entranhas da vida a sua verdadeira necessidade, tanto mais percebe que a resposta não pode ser um dis-

⁹⁶ Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

⁹⁷ L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, Bur, Milão 2001, p. 148.

⁹⁸ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, Companhia Ilimitada, São Paulo 1996, pp. 264-265.

curso, mas uma presença presente. Uma pessoa consciente da sua pobreza real pode compreender bem o que é que Cristo introduz na história. Isto era o que exaltava Giussani, a ponto de repetir muitas vezes: «O meu coração exulta porque Tu, Cristo, vives». Como foi para os discípulos depois da morte de Jesus: só uma presença teria sido capaz de responder ao pranto, à tristeza, à solidão em que caíram depois da Sua sepultura. Porém, não uma presença qualquer. Porque os discípulos ainda estavam juntos, mas estavam todos assustados, reunidos à porta fechada, desiludidos; tinham comido e bebido com Ele, tinham visto os milagres realizados por Jesus, recordavam-se bem dele, mas a sua recordação não bastava para vencer o medo. Só a Sua presença podia responder.

É o mesmo para nós. Para nos libertar das engrenagens em que ficamos constantemente presos, é preciso uma presença presente. É esta a natureza do cristianismo: um acontecimento agora. «O acontecimento não identifica somente uma coisa que aconteceu e com a qual tudo teve início, mas é aquilo que desperta o presente, define o presente, dá conteúdo ao presente, torna possível o presente. O que se sabe ou o que se tem converte-se em experiência se aquilo que se sabe ou se tem é algo que nos é dado agora: há uma mão que no-lo oferece agora, há um rosto que vem avançando agora, há sangue que se derrama agora, há uma ressurreição que tem lugar agora. Fora deste “agora” não existe nada! O nosso eu não pode ser movido, comovido, ou seja, transformado, a não ser por uma contemporaneidade, por um acontecimento. Cristo é algo que me acontece agora. Então, para que aquilo que sabemos – Cristo, todo o discurso sobre Cristo – seja experiência, é necessário que seja um presente que nos provoca e percute: é um presente como para André e para João foi um presente. O cristianismo, Cristo, é exatamente aquilo que foi para André e João [uma história particular, que não se pode substituir por um discurso] quando iam atrás d’Ele; imaginem quando se voltou, e como ficaram impressionados! E quando foram a sua casa... É sempre assim até agora, até este momento!».⁹⁹

É este acontecimento, a contemporaneidade de Cristo, a única resposta ao anseio do homem: tal acontecimento é essencial não só no início, mas em cada momento do desenvolvimento. A este propósito, o Papa afirma: «Ao designar-se como “primeiro” este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir

⁹⁹ L. Giussani, texto do Manifesto da Páscoa de 2011 de Comunhão e Libertação.

de diferentes maneiras [...], em todas as suas etapas e momentos. [...] Não se deve pensar que, na catequese, o *querigma* é deixado de lado em favor duma formação supostamente mais «sólida». Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio. Toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do *querigma* que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne. [...] É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano».¹⁰⁰

A certeza da Sua presença só cresce e só se sustenta com a experiência pessoal, que empenha a nossa liberdade, como explica ainda o Papa Francisco. Só «em vitude da própria experiência» se aprofunda a convicção de que «não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar tateando [...]. Sabemos bem que a vida com Jesus se torna muito mais plena e, com Ele, é mais fácil encontrar o sentido para cada coisa».¹⁰¹ Fora deste «agora» da Sua presença não há nada! É a experiência que cada um de nós é convidado a fazer, para alcançar a convicção de que fala o Papa.

A Fraternidade é para nós o lugar onde somos educados a viver a pobreza necessária para O poder reconhecer e para olhar para tudo sem medo, como escreve uma de vocês: «No Domingo passado tivemos reunião do grupinho da Fraternidade. Eu não queria ir, porque ultimamente parece-me inútil (não é como eu tenho em mente). Trabalhámos sobre a carta que o Papa enviou a todos nós. Por fim, decidi confiar-me a Deus, avancei e disse isto: falei das minhas dificuldades, da aflição, da decisão inicial de não ir. Percebi que ia ali para aprender a ser pobre, a não deixar prevalecer a minha ideia, mas os rostos que tinha à minha frente. Para mim isto foi uma revelação! Foi como ter percebido, aliás, voltado a perceber, o que é a Fraternidade: aprender a ser pobre, ou seja, readquirir o olhar original sobre o que tenho à minha frente. Caso contrário, para quê encontramos-nos a cada vinte dias, senão para aprender esta pobreza para com os amigos e todos? Espero que esta experiência me fortifique e da próxima vez que for à reunião do grupinho, e, apática, me perguntar por que razão vou, peço que volte a ser preponderante o desejo de voltar a ser pobre em Cristo!».

É no lugar que o Mistério nos deu – a nossa Fraternidade, dentro da vida da Igreja – que podemos aprender aquilo que nos diz Dom Giussani, ou seja, a viver tudo a partir de dentro daquela relação que nos per-

¹⁰⁰ Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 164-165.

¹⁰¹ *Ibidem*, 266.

turbou: «Como um filho ao lado do pai, como o discípulo diante do verdadeiro mestre, como um amigo perto de um amigo poderoso, o homem [cada um de nós] vê *a partir de dentro daquela relação* [de uma relação presente] e opera com uma energia continuamente *dada por aquela relação*. É como fazer que o objeto primeiro da atenção seja esta Presença: não o “dever” a cumprir. É como fazer que o termo primeiro da afeição seja aquela Presença: não a realidade a possuir. É como fazer que a fonte primeira da qual se tira a energia necessária seja aquela Presença: não a própria força ética. A clareza do juízo moral, a inclinação afectiva para o que é certo, a força de vontade, tudo isto amadurece como consequência: de facto, na relação com aquela Presença, a totalidade da pessoa é atraída, é suscitada para o bem. A moralidade na Igreja é, antes de tudo, um acontecimento: o reconhecimento daquela Presença, e estar com ela. *Viver a memória*, esta é a moralidade da santidade cristã».¹⁰²

Só a precedência dada a esta Presença é que nos muda. «Presença quer dizer o quê? *Sed super mel et omnia, ejus dulcis praesentia*. A Sua presença é a coisa melhor, mais bonita e mais doce da nossa vida».¹⁰³ Identifiquemo-nos mais uma vez com André e João diante de Jesus, «enquanto estavam ali a vê-lo falar (porque não percebiam a fundo os seus pensamentos, não percebiam todas as suas palavras): nunca tinham tido um encontro daquele tipo, nunca poderiam ter imaginado um olhar, um abraço e um ouvido tão humanos, tão completa e integralmente humanos, que traziam consigo algo de estranho, de totalmente gratuito, de excepcional, para lá de qualquer capacidade de previsão sua».¹⁰⁴

Esta Presença muda a vida de quem a acolhe e muda a história: «Através da nossa adesão, através das formas como olhamos, ouvimos, sentimos, tocamos nas coisas, usamos as coisas, muda-a. É uma mudança que define a “presença”».¹⁰⁵ Sabemos que estamos diante desta Presença porque nos muda. É a experiência que faz o Inominado de Manzoni: ele apercebe-se de que está na Sua presença porque esta move aquilo que ele não era capaz de mover, que não acreditava ser possível mover em si, como fica comprovado no «copioso pranto» diante do cardeal Federigo.

O que é que a presença de Cristo introduz na vida quando uma pessoa se dá conta dela e lhe cede? Uma tensão, o desejo d’Ele, o pedido. «O pe-

¹⁰² L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., p. 274.

¹⁰³ L. Giussani, «*Ejus dulcis praesentia*. La dolcezza come l’evidenza ultima del vero: del vero in azione», *Tracce-Litterae Communionis*, gennaio 2003, p. III.

¹⁰⁴ L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 26.

¹⁰⁵ L. Giussani, «*Ejus dulcis praesentia*. La dolcezza come l’evidenza ultima del vero: del vero in azione», *Tracce-Litterae Communionis*, op. cit., pp. III-IV.

dido é o limite último, o limite misterioso da nossa liberdade. No pedido, joga-se a nossa liberdade. O homem cristão não é indiferente ao bem ou ao mal moral, mas na percepção do próprio nada, mendiga. A verdadeira e fundamental prática ascética é pedir. E não se pode, com o tempo, pedir sem verdadeiramente desejar que aconteça aquilo que se pede. O pedido é tal se verdadeiramente se deseja que aconteça aquilo que se pede. O comentário ao Salmo 37 de Santo Agostinho diz: “O teu desejo é a tua oração: se contínuo é o teu desejo, contínua é também a tua oração”. [...] [E] Gregório de Nissa [escreve]: “A alma está marcada e ferida pelo desespero de nunca obter aquilo que deseja, mas este véu de tristeza é-lhe retirado quando se inteira de que a verdadeira posse d’Aquele que esta ama está em nunca deixar de desejá-lo”. [...] Nunca deixar de desejá-lo: este é o acontecimento da relação entre o homem e Cristo, fonte de um desejo que não cessa nunca, este é o encontro que o desperta, a capacidade de desejá-lo sempre. O encontro providencial que Deus nos fez ter para que tende se não para nos fazer desejar Deus? Desejar comunicá-Lo continuamente, na humildade clara e realista da nossa fraqueza».¹⁰⁶

A capacidade que Cristo tem de despertar o nosso desejo é o sinal da Sua verdade. A salvação não equivale à eliminação do desejo. É o contrário. Como diz São Bernardo: «Não é com os passos dos pés, mas com os desejos que se busca Deus. E a felicidade de tê-lo encontrado não extingue o desejo, mas aumenta-o. Talvez a plenitude do gáudio signifique a extinção do desejo? Aliás, é o óleo do que fizemos até agora, revela-nos até que ponto cedemos à Sua iniciativa. Cada um de nós pode dizer se hoje sente mais a nostalgia d’Ele ou se, pelo contrário, se afastou d’Ele: não é que já não participe em certas coisas, mas Cristo já não lhe interessa, já não O deseja como no primeiro dia, não O deseja mais do que no primeiro dia. Perguntemo-nos: estamos hoje mais necessitados da Sua presença ou mais cétricos? Afastámo-nos de Cristo, tendo vivido com Ele uma relação formal, porque no fundo não nos era assim tão necessário para viver, ou cresceu a nostalgia d’Ele? Procuo-O mais ou menos do que no início? Se do interior das nossas entranhas não nascer constantemente o desejo de O procurar, a fé reduz-se a qualquer coisa que torna a vida pesada.

Como vemos, a liberdade está sempre em jogo. «A moralidade» diz Giussani «é uma tensão. Se consistisse em “cumprir” algo, já não seria tensão. O que temos que fazer, tentemos, sem mais, fazê-lo! Mas dizer que a moralità é tensão indica uma posição que está sempre orientada

¹⁰⁶ L. Giussani, «*Essa pedra preciosa em que toda virtude se acha erguida...*», suplemento de *CL-Litterae Communionis*, junho de 1993, p. 25.

para algo diferente, que está disposta a ser corrigida para penetrar cada vez mais numa realidade que nos ultrapassa: “Assim como os céus estão acima da terra”. Não podemos sentir-nos satisfeitos com nada do que fazemos, como diz Jesus no Evangelho: “Assim também vós, quando tiverdes cumprido todas as ordens, dizeis: ‘Somos servos inúteis’. A única coisa com que podemos estar satisfeitos é com afirmá-Lo a Ele, com voltar-nos para Ele. Por isso somos totalmente pobres; porque ante o mistério de Deus o homem não é nada e a sua consistência está em relacionar-se com Ele, em obedecer-Lhe instante após instante».¹⁰⁷

«Aquilo que domina ultimamente em mim», escreve uma de vocês, «é uma profunda gratidão pela preferência contínua de Jesus pela minha vida. Uma gratidão e uma comoção que até estão a superar o escândalo do meu coração cada vez mais necessitado: esta falta está a tornar-se na coisa mais cara que tenho, ainda que nem sempre tenha a graça de me aperceber disso».

Na missa que agora vamos celebrar, peçamos que Cristo desperte em nós toda a nossa falta d’Ele.

¹⁰⁷ L. Giussani, *Educar é um risco*, Diel, Lisboa 2006, pp. 47-48.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: 1Jo 1,5-2,2; Sal 102; Mt 11,25-30

HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA CARDEAL EDOARDO MENICHELLI ARCEBISPO DE ANCONA – OSIMO

A paz do Ressuscitado esteja com todos vós.

Ele, presença viva, que desfaz os nós fortes das nossas prisões emba-ladoras e que, sobretudo, desafia como ninguém o desejo de liberdade com uma obediência imitativa d' Ele, que fez do amor obediente o seu testamento e o seu glorioso estandarte.

Ele, caríssimos, feito pobre para me entender a mim, pobre, só Ele satisfaz com verdadeira riqueza a vossa e a minha vida.

Estou grato ao padre Carrón e a todos por este convite, que me faz rezar convosco e por vós e que volta a ligar em mim, reforça em mim, qualquer coisa que para vós e para mim tem a identidade de pertença e direção vocacional.

Não sei se conseguirei dizer-vos qualquer coisa de útil. Dir-vos-ei, ainda que balbuciando, alguma coisa sobre Alguém em quem creio.

No centro desta minha pequena reflexão está a Páscoa. A Páscoa, em cuja graça vivemos, recorda-nos e anuncia-nos que a credibilidade, diríamos a fé, não é evidência de uma ideia nem a propriedade de alguma coisa, nem uma asfixiante soma de regras, mas é manifestação de uma Pessoa. Este é o núcleo espiritual, íntimo e misterioso, onde só se entra por meio do amor e da liberdade que esse gera.

Revejo-me totalmente no tema destes vossos Exercícios: «O meu co-ração exulta porque Tu, Cristo, vives». Acrescentaria: «Eu encontrei-te e Tu libertaste-me». E aqui ajuda-nos a experiência espiritual de Santa Catarina, de quem celebramos a memória litúrgica, que consiste em fundir um amor intenso de Cristo e a Cristo a um amor à Igreja e à história que a habita. E nesta união de amor com Cristo e com a Igreja, em Cristo e na Igreja, caríssimos, tudo é atraente, tudo é liberdade. Este encontro ou, se quisermos, esta descoberta, deve ser construída, deve tornar-se fasci-nante evidência e trabalho e liberdade.

Podéis perguntar-me: mas tu em que ponto estás? Tens a consciência de ser livre porque tens tudo tendo-o a Ele? Sentes que Ele é teu contemporâneo? Não sei dizer-vos, caríssimos, ou na verdade, só sei dizer-vos que tudo isto passa na e pela fidelidade à Páscoa e ao facto de ela ser acontecimento de salvação, no qual estar e habitar, estando e habitando o tempo humano que nos é dado.

Naturalmente, todos nós sabemos que a Páscoa coloca a minha vida de discípulo no meio dum duelo, no qual, como a liturgia pascal nos fez proclamar, morte e vida se enfrentaram e desse duelo o Senhor, que estava morto, saiu vivo e triunfante. Este é o ponto radical que ajuda cada um de nós a atravessar a história e o tempo e as coisas, devido ao qual, como diz muitas vezes o Papa Francisco, a vida do discípulo crente não é um *status* social, não é uma forma de viver uma espiritualidade que me faz bom e talvez ausente da história. Esta vida, a vida do discípulo, é o testemunho de uma fidelidade e de uma obediência.

E sobre isto, convido-vos a contemplar comigo brevemente três olhares essenciais sobre a Páscoa.

O primeiro: antes de mais, a capacidade de reconhecer o Ressuscitado. Não sei, mas penso muitas vezes que nos assusta mais a alegria do Ressuscitado – até os discípulos disserem: «É um fantasma» –, assusta-nos mais a alegria do Ressuscitado do que o entristecer-se pelo Crucificado. Fazer experiência de Cristo ressuscitado não é a resposta de uma emoção, nem a descoberta de uma companhia esperada. É antes a novidade que consola, que cria um espanto sedutor, é o Amado que nunca perderei, é o Destino, é o Mistério que te completa. E esta, caríssimos, é para mim a primeira grande liberdade: o impensável é possível, o Morto caminha, agora, comigo.

O segundo olhar: aceitar o dom que o Ressuscitado nos fez. E o dom do Ressuscitado é o Espírito. «Recebei o Espírito», disse o Ressuscitado aos onze cheios de medo. O Espírito, é Ele que te faz reconhecer quem é, é Ele que explicará todas as coisas do mistério de Cristo. Sim, caríssimos, aqui está toda a liberdade necessária. No Espírito nada é estruturado, nada é velho, nada sai de um molde. Deixar-se levar pelo Espírito, dom de Cristo ressuscitado, para fazer frutificar a vida, para festejar a exigência que foi assinalada pela cruz, para libertar a minha carne das seduções que esta oferece; algemar, ou pretender algemar o Espírito e os seus carismas é o pecado mais anti pascal. O anúncio do Ressuscitado não é fruto das nossas palavras nem das nossas alquimias, ou análises sociais ou pastorais, sempre em busca de “novidade”. O anúncio da salvação passa por e na banalidade, tornada fresca pelo Espírito que a anima. Quero relembrar-vos uma pequena passagem do Evangelho. Jesus ressuscitado não se revela na gestualidade exuberante, mas na banalidade. Lembra-se do lago de Tiberíades? O que é que ele disse aos doze que ali estavam? «Filhinhos, não tendes nada para comer?»

Queria dizer-vos uma coisa, e espero que sejais misericordiosos para comigo. Comovo-me dizendo-o. Tendes um carisma singular e fascinante

te: não o deixais envelhecer, não o torneis num fóssil! Perguntai-vos sempre: «O que quer o espírito da Páscoa hoje, agora, de mim?».

E há o terceiro segredo pascal: Cleofas e o seu amigo, quase desesperados e sem mais desejos, mortos por dentro. «Reconheceram-no pelo partir do pão», diz o Evangelho. O gesto da ceia pascal é o gesto que dá vida. Recordemo-lo: «Tomou o pão»: era o Seu corpo; «partiu-o»: quer dizer «imolou-se»; «deu-o»: o Seu pão comunica e dá vida; «fazei isto em memória de mim»: isto, não um gesto qualquer e sem significado, isto! «Fizeram-no a mim»: em Seu nome e, estranhamente, para Seu bem (tem que se perceber este “Seu”). Aqui, creiam-me, está a tipologia eucarística pascal do discípulo crente e da Igreja, comunidade de crentes apesar de pecadores. Gosto da expressão do amado Dom Giussani: «A pobreza nasce da caridade», como que dizendo: se amas, fazes-te pobre; ou: se amas, serves o Cristo pobre que vês, agora!

Queria deixar-vos, a este propósito, uma imagem que vi há alguns dias e que me educou. No nosso museu diocesano, em Ancona, está exposto há algum tempo um pequeno quadro sobre as obras de Misericórdia, pintado por um pintor, para mim desconhecido, Olivuccio di Ciccarello. Olhando para as várias figuras, reparei que na cabeça de algumas delas estava uma coroa de glória. Olhei com atenção e vi que as figuras eram todas diferentes. Não era sempre a mesma figura que tinha a coroa de glória e perguntei por quê. As figuras com a coroa de glória não eram nem Cristo, nem um qualquer santo da caridade, mas a coroa de glória estava, sim, sobre a cabeça dos destinatários da caridade, porque neles está presente Cristo. Aqui está, para mim, o testemunho credível do discípulo. Não envelheçais, acumulando! Sede jovens, dando! E também aqui é assim que se vive a liberdade.

Amén.

ANTES DA BÊNÇÃO

Julián Carrón. Querida Eminência, quero agradecer-lhe em nome de todos os amigos do movimento por ter aceitado tão alegremente estar aqui conosco esta manhã, partilhando a sua companhia e presidindo à Eucaristia, onde nos testemunhou o impacto que a Páscoa significa para si, e estamos gratos por este testemunho, porque está a dar-nos alguma coisa de si ao partilhar o que lhe é mais querido. Agradecemos-lhe porque sempre nos abraçou nos locais onde esteve; os nossos amigos de Ancona falam sempre da estima que tem pela graça que o Senhor nos deu. E pedimos-lhe, como nos encorajou esta manhã, para rezar para que

nós sejamos fiéis, porque intui o quanto é uma graça para toda a Igreja o dom do carisma dado a Dom Giussani. Por isso agradecemos-lhe verdadeiramente por tudo.

Cardeal Menichelli. Sou eu que vos agradeço e espero vivamente que possais ser a letícia e a alegria da Igreja. Obrigado.

* * *

Regina Coeli

Sábado 29 de abril, tarde

À entrada e à saída:

Johannes Brahms, Sinfonia n. 4 em mi menor, op. 98

Riccardo Muti – Philadelphia Orchestra

“Spirto Gentil” n. 19, Philips-Universal

■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

Julián Carrón

«Tornarei evidente o poder do meu nome pela letícia dos seus rostos»*

«Os teus olhos viam tudo e falavam ao coração, / as palavras traziam o fogo e a vontade ir... ir.»¹⁰⁸ Se prestarmos atenção àquilo que cantámos, descobriremos como tudo está ligado: a vontade de ir nasce de olhos que viam tudo e falavam ao coração e de palavras que traziam o fogo. A ligação entre as coisas é interna, não é colada por fora, como uma coisa que se acrescenta.

Procuramos então entender o que surge na vida dum homem a quem aconteceu um encontro como aquele que descrevemos esta manhã, que foi capturado por aqueles olhos cheios de misericórdia, que encontrou a resposta para a sua sede de significado e para a sua necessidade de ser perdoado. Veremos como tudo surge de uma mesma fonte, nas entranhas da própria experiência.

Na *Evangelii gaudium* o Papa Francisco afirma que «o problema maior» na vida cristã «ocorre quando a mensagem que anunciamos parece [...] identificada com [...] aspetos secundários que, apesar de serem relevantes, por si sozinhos não manifestam o coração da mensagem de Jesus Cristo». O conteúdo do anúncio cristão, com efeito, é uma outra coisa: um acontecimento que move o eu no mais profundo. Sem olhos, sem palavras que acendam o fogo, uma pessoa é, pelo contrário, “obrigada” a ir, só vai por um esforço e não pela vontade de não perder alguma coisa que viu, não pelo desejo de viver e de responder àquela vontade.

* Cf. *Confractorium* do IV Domingo do Advento, *Missale ambrosianum juxta ritum Sanctae Ecclesiae Mediolanensis*, editio quinta post typicam, Mediolani, Daverio, 1954.

¹⁰⁸ C. Chieffo, «Andare...», em P. Scaglione, *La mia voce e le Tue parole*, Ares, Milão 2006, p. 272.

Convém por isso «relacionar o nosso discurso com o núcleo essencial do Evangelho que lhe confere sentido, beleza e fascínio».¹⁰⁹ O Papa insiste: é «a unidade orgânica entre as virtudes que impede de excluir qualquer uma delas do ideal cristão, assim também nenhuma verdade é negada. Não é preciso mutilar a integridade da mensagem do Evangelho. Além disso, cada verdade entende-se melhor se a colocarmos em relação com a totalidade harmoniosa da mensagem cristã: e, neste contexto, todas as verdades têm a sua própria importância e iluminam-se reciprocamente [...] O Evangelho convida, antes de tudo [como vimos esta manhã] a responder a Deus que nos ama e salva [...]. Este convite não há-de ser obscurecido em nenhuma circunstância!». Se o damos por adquirido, se o obscurecemos porque o consideramos “já sabido”, o cristianismo torna-se inevitavelmente, quer se queira quer não, um moralismo, porque é menos do que aquela origem, aquele ponto original que o torna razoável e possível: «Se tal convite não refulge com vigor e fascínio, o edifício moral da Igreja corre o risco de se tornar um castelo de cartas, sendo este o nosso pior perigo». O cristianismo torna-se uma ética, um moralismo. Mas então já não é cristianismo e, ainda que continuemos a usar as palavras cristãs, ele perde a sua verdade. E então, continua o Papa, «não estaremos propriamente a anunciar o Evangelho, mas algumas acentuações doutrinárias ou morais, que derivam de certas opções ideológicas. A mensagem correrá o risco de perder a sua frescura», perdendo interesse para nós, «e já não ter “o perfume do Evangelho”».¹¹⁰

Coloquemos diante dos nossos olhos uma figura que facilite a nossa compreensão. Imaginemos Zaqueu – a quem já me referi esta manhã – preso nas suas próprias engrenagens. Tinha reduzido o seu desejo de plenitude ao acumular o mais dinheiro possível. Mas isso que tinha obtido não lhe bastava. Demonstra-o o facto de que, quando ouviu falar de Jesus, daquilo que dizia e fazia, da atitude que tinha para com os outros, não conseguiu travar a sua «vontade de ir», como dizia a canção! Aonde? Vê-l’O, ainda que do cimo de uma árvore. E quando ouviu dizer: «Zaqueu, desce, porque vou a tua casa», percebeu naquelas palavras a resposta a toda a sua necessidade de salvação. Zaqueu, com efeito, como dissemos esta manhã, estava cheio da mentalidade que o rodeava, que o penetrava até ao miolo, que o fazia pensar: «Não te iludas, para ti não há salvação!». Mas quando teve a surpresa daquele «vou a tua casa», recebeu Jesus muito contente. E o Evangelho refere as palavras de Jesus: «Hoje a salvação entrou nesta ca-

¹⁰⁹ Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 34.

¹¹⁰ *Ibidem*, 39.

sa». ¹¹¹ De onde é que vemos que chegou a salvação? Daquilo que surgiu em Zaqueu devido àquela visita imprevisível: «Senhor, eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado». ¹¹² Como veem, está tudo ligado. Imaginem todas as tentativas que terão feito os fariseus para o obrigar a mudar, atirando-lhe à cara todos os erros que tinha cometido. Não o tinham demovido nem um milímetro. Jesus conseguiu fazê-lo, com aquele olhar de misericórdia, que ia à raiz do seu coração, e isto é o cristianismo. Quando falta o ponto original, já não é cristianismo, ainda que usemos as palavras cristãs.

Só da experiência da misericórdia é que pode nascer uma alegria que muda tudo. Por isso o Papa escolheu como título da sua proposta à Igreja e ao mundo *Evangelii gaudium*, a alegria do Evangelho.

1. «Essa pedra preciosa em que toda a virtude se acha erguida»

O nexa com a totalidade harmoniosa da mensagem cristã não é o resultado de um artifício intelectual, de um qualquer complicado percurso mental ou de qualquer esforço particular nosso. Surge tudo da experiência do encontro com Cristo. Dom Giussani ensinou-nos a surpreendê-lo na experiência daqueles que O encontraram primeiro, dos quais nos fala o Evangelho.

«Pensem em João e André: em toda a sua vida, o presente mais presente foi o presente daquele dia». Prestemos atenção a esta frase: «O presente mais presente foi o presente daquele dia». Não se está a falar dum facto do passado! O presente mais presente é qualquer coisa que fica presente sempre. «Não há nada de comparável, exceto o renovar-se daquele dia todos os dias das suas vidas. Passaram três anos como nababos, e não porque dessem a volta ao mundo em avião, ou fossem à lua, mas pelo nexa que tudo aquilo que faziam – olhar para a mulher, ralhar aos filhos, ir à pesca, os amigos – tinha com Ele, tanto assim que, quando seguiam aquele homem pelas estradas, não havia espaço para mais nada no seu coração». ¹¹³

Mas o mesmo aconteceu a Zaqueu: imaginem-no em silêncio, com os ouvidos cheios do tom daquela voz e o coração repleto da palavra de Jesus, de alguém que finalmente o tinha chamado pelo nome! É evidente a forma como aquele chamamento ecoava em tudo aquilo que fazia, Zaqueu estava cheio da presença d’Aquele que o tinha chamado: «Presença não de alguém que olha para o outro lado, mas presença de alguém que olha para

¹¹¹ Cf. *Lc* 19,1-10.

¹¹² *Lc* 19,8.

¹¹³ L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., pp. 363-364.

ti. É esta proximidade que perturba, é devido a ela que a vida se transfigura»,¹¹⁴ a vida de Zaqueu como a nossa. Não sou eu que transfiguro a minha vida! É esta proximidade, que sacode e revira, que transfigura a vida.

Quando um Facto destes acontece, tudo gira em torno disso. «Para Zaqueu», continua Dom Giussani, «aquele homem tinha-se tornado o horizonte de tudo, por isso tudo o que ele pensava, aquilo que ajuizava, era expressão e em função daquele horizonte. Aquele rosto – será interessante quando o virmos! –, aquele olhar sobre si, e aquela palavra, e ele que corre para casa: aquilo foi o horizonte de tudo para a sua vida, por isso tudo ajuizava, pensava e atuava, idealmente, na vida, partindo, indo buscar o ponto dali e em função daquele horizonte»¹¹⁵ que Jesus tinha introduzido na sua vida. Tudo aquilo que acontecia tornava-se um acontecimento no seu âmbito, dentro do horizonte daquele olhar. Para Zaqueu, a coisa decisiva da vida – ou seja, devido à qual, desde aquele dia, já não era ele mesmo, mas um outro, ou seja, mais completamente ele próprio – foi aquele impacto, aquele entusiasmo que encontrou em si.

De onde é que nascia aquele entusiasmo? Do encontro com aquele Homem. «Tudo estava ali, durante toda a vida tudo estava ali, era aquele homem ali; aquele homem que depois morreu, que depois viu ressuscitado...»¹¹⁶ Em Zaqueu o entusiasmo nascia do impacto acolhido, abraçado – cada dia, cada instante, quando andava pela rua, quando fazia silêncio, quando se enganava, quando já não se suportava –, do encontro com aquele Homem, do reconhecimento da Sua presença excepcional. Ou seja, o entusiasmo nascia da fé.

Então, «se se tem consciência d'Aquele que está entre nós, [...] não há dificuldade que nos assuste. Como a mãe quando o filho chora e a acorda de noite: não é o cansaço que assusta, mas a fé que entusiasma. Entusiasmo é uma palavra que significa – de alguma maneira – tornar tudo divino. Tornar tudo divino quer dizer olhar para as pessoas e para as coisas de uma certa maneira, sentir as pessoas e as coisas de uma certa maneira, procurar tratá-las com verdade e nunca se cansar, a ponto de morrer por elas. É a fé que nos entusiasma».¹¹⁷

Por isso, a fé é o reconhecimento da grande presença de Deus feito homem. Mas de que tipo de reconhecimento se trata? Não é como observar

¹¹⁴ Apontamentos da lição nos Exercícios Espirituais dos noviços dos *Memoires Domini*, Le Pianazze (PC), 7 de agosto de 1982, conservados na Secretaria dos *Memoires Domini*, Milão.

¹¹⁵ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., pp. 442-443.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 424.

¹¹⁷ L. Giussani, “*Questa cara gioia sopra la quale ogni virtù si fonda...*”, suplemento de *CL-Litterae Communionis*, op. cit., p. 38.

uma estátua, uma imagem ou um monumento colocado à nossa frente. A «fé é reconhecer-Te dentro do acontecimento da vida, do dia, dentro do acontecimento do presente, do instante. Fé é reconhecer a Grande presença diferente, que acompanha a nossa pequena e mortal».¹¹⁸ É este reconhecimento livre que impede que a nossa doença se torne mortal, que a nossa fraqueza se torne nada. Não basta afirmar coisas, ainda que verdadeiras: se esta Presença não determina a minha vida a partir de dentro, significa que fica fora de mim. É preciso jorrar este reconhecimento livre para que a Sua presença vibre nas entranhas do nosso eu, naquilo que fazemos, não naquilo que não fazemos, em tudo aquilo que tocamos, em tudo aquilo que olhamos, em tudo aquilo que sofremos, em tudo aquilo que suportamos, até mesmo quando erramos. É neste reconhecimento que nasce, como em Zaqueu, toda a alegria de O receber em casa. «E recebeu-O muito contente», diz o Evangelho.

«A alegria querida sobre a qual toda a virtude se funda é a fé, é a alegria do encontro que fizemos, é a alegria do acontecimento que nos aconteceu, e é o acontecimento que nos aconteceu, é a alegria do encontro feito que nos faz desejar mudar.» Dom Giussani incita-nos a olhar para os sinais inequívocos do germinar em nós deste desejo que nasce da fé, do choque do encontro: «É ou não verdade que muitos de entre nós, todos entre nós, temos desejos de bem que antes não tínhamos, temos uma sede de pureza que antes não conhecíamos, anelamos por uma justiça que antes não conhecíamos, temos um sentimento de espanto pela beleza e pela grandeza do milagre, da gratuidade ou da caridade que antes nem sequer sonhávamos? Nós começamos a desejar estas coisas devido àquilo que nos aconteceu». Como aconteceu a Zaqueu, «a querida alegria da fé, este dom precioso da fé, que reaqueceu e se reavivou no encontro feito, faz-nos desejar ser melhores, faz-nos desejar a virtude, faz-nos desejar uma mudança de nós mesmos segundo a vontade de Deus. E o desejo da mudança – que não é verdadeiro se não se tornar pedido a Deus – é já o movimento de bem na nossa vida».¹¹⁹

O que é que muda? A relação com as coisas. Zaqueu «estava cheio daquele olhar e, como consequência, pensa: “Eis que vou dar tudo o que roubei”».¹²⁰ O milagre daquele encontro transformou totalmente a vida de Zaqueu. Por isso não foi minimamente aflorado pelo medo de perder al-

¹¹⁸ *Ivi.*

¹¹⁹ *Ibidem*, pp. 46-47.

¹²⁰ Apontamentos da lição nos Exercícios Espirituais dos noviços dos *Memoires Domini*, Le Pianazze (PC), 7 de agosto de 1982, conservados na Secretaria dos *Memoires Domini*, Milão.

guma coisa, porque o ter sido totalmente cheio por aquele nome ganhou a dianteira sobre todas as prioridades e todos os objectivos de que era feita a sua vida antes de Jesus o chamar. São Paulo teve a mesma experiência: «Mas o que para mim era lucro, [...] passei a considerar perda».¹²¹

«É graças a este abraço de misericórdia», recordava-nos o Papa a 7 de março de 2015, «que surge em nós o desejo de responder e de mudar, e que pode nascer uma vida diferente».¹²² Observamos, também neste caso, o nexo entre as coisas: só se encontrar uma verdadeira resposta, é que a pobreza radical de que falávamos esta manhã, ou seja, a sede de significado e a necessidade de perdão que somos, poderá jorrar do interior desta experiência única de correspondência, de O sentirmos dentro das nossas entranhas, como gratidão, mesmo a pobreza material. Porque nada é deixado de fora da novidade que é Cristo para a vida do homem. Se não conseguisse tocar em tudo, até nos bolsos, o acontecimento de Cristo não seria verdadeiro: não porque se demonstrasse muito pouco exigente, mas porque não nos libertaria totalmente, não seria suficientemente atraente para nos libertar até da riqueza material, ou seja, não responderia totalmente à nossa necessidade, deixaria de fora uma parte desta, que continuaríamos a pensar poder satisfazer nós mesmos, com qualquer posse nossa. Pelo contrário, a verdade de Cristo, a verdade que é Cristo, fica comprovada para Zaqueu no facto de que a Sua presença tomou a dianteira sobre tudo, ao ponto de chegar aos bolsos.

2. A virtude da pobreza

«Se pertencemos a Cristo», diz Dom Giussani, se Cristo está presente na vida, se Cristo é imanente à vida, então nós, como Zaqueu, «não pertencemos às coisas que temos», porque há alguma coisa de diferente, de maior, que prevalece: isto é aquilo a que se chama *pobreza*. «Porque a riqueza é o agarrar-se a si, à própria medida, à própria imagem. [...] a pobreza radica na consciência de que eu não sou em função de ter isto ou aquilo». Dom Giussani avisa-nos, sem excluir ninguém: «Olhem que a frase: “Nós identificamos a nossa consistência naquilo que possuímos” – que é a frase que define todos os homens deste mundo – é uma terrível possibilidade também para nós».¹²³ Basta que Cristo comece a tornar-se um facto do

¹²¹ *Fil* 3,7-9.

¹²² Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

¹²³ ASAEMD, *Registos audio-visuais*, OR.AUDIO/1030, Retiro de Quaresma. Lição da tarde de 19 de fevereiro de 1983; transcrição da gravação.

passado, basta que Cristo já não determine o presente, basta que Cristo já não prevaleça e não seja a coisa mais interessante da vida, para começarmos logo a encher a vida com outras coisas.

E então o que é que acontece? Voltamos a pôr a esperança da nossa felicidade na posse disto ou daquilo. A pobreza, pelo contrário, é «não colocar a esperança da felicidade num objecto fixado por nós. Pergunto-me se algum de vocês já terá ouvido esta definição de pobreza, que é profundamente contraditória a todas as imagens de pobreza que já imaginaram. Ao passo que a pobreza é uma virtude que nasce [atenção aos nexos entre as coisas!] da ontologia profunda do homem [ou seja, da mudança radical que Cristo introduz na vida do homem]: o seu ser uma só coisa com Cristo, estar na presença de Cristo». ¹²⁴ É isto que torna possível a pobreza.

Para tornar fácil a nossa compreensão, identificando-se como é seu hábito com os relatos do Evangelhos, Dom Giussani imagina esta situação: «Se tivesses entrado naquela casa naquelas duas ou três horas em que João e André lá estiveram e tivesses dito: “Espera um momento, mestre, pára! João e André, querem outra coisa qualquer? A vossa felicidade, a vossa alegria, a vossa segurança, a vossa luz está em outra coisa qualquer? Querem outra coisa qualquer?”», ter-te-iam posto fora, como quando uma pessoa está a contemplar um quadro bonito e um cretino se põe à sua frente: agarra-o e puxa-o, forçosamente! Se está presente, a nossa esperança não pode senão apoiar-se nesta presença, não sobre uma coisa que queremos nós». ¹²⁵

A pobreza, portanto, «é tornada possível pelo facto de que existe Cristo, de que a presença dominante [da vida] é Cristo, de que o objecto do meu olhar é Cristo». ¹²⁶ É o oposto do moralismo. A pobreza é fruto da Sua presença na nossa vida, caso contrário é como «um castelo de cartas», que desaba de um momento para o outro. Se não existir pobreza em nós, de nada nos servirão recriminações e propósitos, serão todos falíveis. Peçamos antes que Cristo ainda nos atraia, ainda nos prenda, voltemos a Ele tal como estamos. Se não o fizermos, significa que já começámos a afastar-nos. Quem de nós, pelo menos por um momento na sua vida, não esteve totalmente preso por Cristo, pelo encontro com Ele? Não estaríamos aqui, asseguro-vos que nenhum de nós estaria aqui! Por isso é para esse momento que temos de olhar, para o ponto original; e quando falta alguma coisa, devemos voltar ali, como mendicantes, e pedir de joelhos – como ouvimos ontem à noite – que o Senhor tenha piedade de nós. Caso contrário, es-

¹²⁴ L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 345.

¹²⁵ *Ibidem*, pp. 345-346.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 388.

teremos à mercê de tudo e nunca estaremos contentes, viveremos como “canhões soltos no convés”.

Como dissemos nos Exercícios do ano passado, é sempre uma «história particular [...] a chave da concepção cristã do homem».¹²⁷ Nem um discurso, nem um apelo ético têm o poder de nos tomar totalmente e de gerar uma outra forma de olhar e tratar as coisas. É só porque Cristo está presente e domina a minha vida, a enche, responde à espera do meu coração, que eu me surpreendo livre a respeito de tudo. Fora desta experiência da Sua presença que domina, os apelos à pobreza são ineficazes, falta-lhes garra, não têm a força de nos mudar e a sua realização obtém o resultado oposto ao desejado. Por isso reduzir o cristianismo a uma ética é um falhanço em todos os sentidos. Olhemos para Zaqueu: todos os apelos imagináveis para mudar de estilo de vida, que lhe foram dirigidos pelos fariseus, não o demoveram nem um milímetro. Cada um de nós pode encontrar a confirmação disso na sua própria experiência.

A pobreza é o não voltar a pôr a própria certeza em nada salvo num presente, [...] naquilo que nos é presente *sempre*». Ou seja, para ser pobre, é necessário que Cristo esteja presente, é necessário que o cristianismo seja um acontecimento presente (e se não é um acontecimento presente, não é cristianismo). Eis portanto a alternativa: ou o cristianismo é um acontecimento que nos toma totalmente, de dentro, que nos faz fazer uma experiência única de superabundância, e por isso nos torna livres de tudo, da variedade de migalhas onde pomos a nossa esperança, ou estaremos sempre à mercê duma ou de outra posse ou projecto. Mas isto seria equivalente a admitir que não existe uma resposta para a nossa sede, para a nossa necessidade, porque ainda que se realizasse tudo o que temos na cabeça, isso não seria capaz de realizar realmente a nossa vida, como já tantas vezes verificámos. E isso seria verdadeiramente caso para chorar, não pelo facto de não sermos suficientemente coerentes, mas pela impossibilidade de sermos nós mesmos. Se não existisse Cristo, essa seria a verdadeira desgraça! Significaria que não existe possibilidade de resposta a toda a expectativa que temos. Cristo é uma presença presente: «A presença de Jesus, que é de todos os dias, de todo o nosso empenho com as circunstâncias, veem-na ali pelo canto do olho».¹²⁸ É sobre isto, sobre o reconhecimento da Sua presença presente, que se funda a nossa esperança.

Dom Giussani desenvolve de modo fascinante a insistência do Papa, referida no início, sobre a «unidade orgânica entre as virtudes», mostrando

¹²⁷ L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 82.

¹²⁸ L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 345.

como a pobreza nasce da esperança, é «uma consequência do dilatar-se até aos confins extremos da esperança. A esperança dilata os seus confins até à extremidade do mundo, até ao limiar do céu; a pobreza é uma consequência desta». ¹²⁹ Por que razão é que é da esperança, como fruto da fé, que nasce a pobreza? Porque só quem tem uma fundamentada certeza no futuro, graças a uma fundamentada certeza no presente, ou seja, pela posse de Cristo presente, é que pode não ficar preso àquilo que tem ou que projecta como perspectiva de realização da sua pessoa, pode não apoiar numa determinada posse estabelecida por si a sua consistência e as suas expectativas de felicidade. Vemo-lo na vida quotidiana, positiva ou negativamente. Um exemplo entre muitos: se não tenho a certeza de que a minha mulher ou o meu marido não me deixará dentro de alguns anos dizendo: «Já não quero saber de ti», eu nem sonho em pôr em comum os bens, e prefiro sem mais nada a separação de bens (independentemente das penalizações fiscais). Só se existir uma esperança em relação ao futuro é que até se pode chegar à comunhão dos bens; caso contrário será impossível, porque não se pode confiar um no outro.

«Tenho de insistir para que isto se perceba», sublinha Dom Giussani, «porque é o mais importante [...]. A fé faz-me reconhecer Cristo presente, eu possuo Cristo e por isso estou certo sobre o futuro. Isto é a esperança». Só devido a esta certeza no futuro, que nasce da relação com Cristo e que se chama esperança, é que eu posso não ligar àquilo que tenho a minha consistência, posso ser livre de tudo. Então, «o que se opõe a esta esperança são as muitas maneiras com que o homem fixa a sua certeza numa coisa determinada por ele, escolhida por ele, ou no presente ou no futuro, o que é o mesmo». E esta é a grande ilusão, porque não existe nada no que possuis «em que possas depositar a tua esperança; não podes colocar a tua esperança no futuro em posse alguma, porque, amanhã, o tempo ou uma bicicleta desembaraça-te dela. A bicicleta que arremete violentamente contra o indivíduo, ele cai e, ao cair, bate com a cabeça no passeio e morre; e tu, no dia seguinte, em vez de festejares a boda, vais ao enterro». ¹³⁰ Como isto é verdade para cada um de nós! Sem quase nos darmos conta disso, atamos a expectativa sobre o futuro à realização deste ou daquele resultado, à posse de tal pessoa, de tal coisa ou de tal situação.

A pobreza é então consequência da esperança, ou seja, da certeza de que Cristo realiza, porque é uma Presença presente o que nós desejamos (e se uma pessoa já não faz experiência disto, ninguém o conseguirá separar

¹²⁹ *Ivi.*

¹³⁰ L. Giussani, *É possível viver assim? , Volume II, Esperança*, Tenacitas, Coimbra 2007, p. 83.

daquilo que possui). E ao mesmo tempo é condição para “salvar” esta esperança: «A pobreza salva esta esperança no futuro, não é um obstáculo a esta esperança no futuro, porque nos impede de assentar a nossa esperança numa certa posse presente».¹³¹ Isto faz-nos entender aquilo que o Papa escreve na carta, ou seja, que «a pobreza é mãe e muro». Aquela relação nova com tudo o que toma o nome de pobreza é, com efeito, geradora: «A pobreza gera, é mãe, gera vida espiritual, vida de santidade, vida apostólica». A pobreza gera vida, não é uma desgraça. É mãe «e é muro, defende»,¹³² acrescenta o Papa, defende-nos de nos agarrarmos às coisas.

A pobreza, este não possuir que nasce da fé através da esperança, é ao mesmo tempo a única verdadeira posse, a possibilidade de uma verdadeira e completa afirmação do outro: «A pobreza também se pode definir com esta frase: a afirmação de um outro como significado de si. A afirmação de um outro como significado de si, por si, é amor, mas numa forma dinâmica, pela maneira como acontece, é pobreza, porque te liberta daquilo a que tu te agarrarias. [...] A pobreza é condição do amor (até porque alguém que se sente rico, não precisa de nada naquele momento; quando muito usará, mas não amará)».¹³³

Depois de nos termos referido à origem da pobreza, perguntemo-nos: de onde é que eu reconheço que me aconteceu Cristo, que a minha vida é caracterizada pela certeza da Sua presença e, portanto, daquela certeza no futuro que se chama «esperança»? Em que é que se revela a pobreza vivida?

Dom Giussani assinala-nos três pontos, que são três consequências ou três sinais.

a) Liberdade das coisas

Uma vez que Cristo faz explodir de plenitude o meu coração, eu sou livre das coisas: «A pobreza é aquela **liberdade das coisas** – também dos rostos – que se dá como consequência da identificação clara de tudo aquilo de onde podemos esperar a felicidade, daquela Presença da qual esperamos tudo, que é tudo: “Tudo para mim Tu foste e és”, dizia Ada Negri».¹³⁴ Aquilo de que podemos esperar a felicidade é uma Presença presente.

Portanto, é a relação com Cristo presente a raiz profunda da liberdade das coisas: «Se Cristo te dá a certeza de que cumpre aquilo que te faz desejar, então tu és completamente livre das coisas [...]. Não és escravo de nada, não estás ligado a nada, não estás acorrentado a nada, não dependes

¹³¹ *Ibidem*, pp. 82.

¹³² Francisco, *Carta a Julián Carrón*, 30 de novembro de 2016.

¹³³ L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., pp. 369-370.

¹³⁴ *Ibidem*, p. 346.

de nada: és livre. [...] Ora, não és escravo daquilo que usas, porque só és escravo d'Aquele que te dá a certeza da tua felicidade. A pobreza revela-se como liberdade das coisas».¹³⁵

O fundamento da pobreza reside na certeza de que Deus cumpre aquilo que nos faz desejar. «Então, em que é que a pobreza fundamenta o seu valor? Na certeza de que é Deus quem cumpre. Cristo cumpre o desejo faz nascer em ti: “Aquele que começou em vós a boa obra a completará até ao dia de Cristo Jesus”».¹³⁶ Prestemos atenção às palavras de Dom Giussani: o fundamento, diz, é a certeza; não um raciocínio, nem um esforço moralista, mas uma certeza – de realização futura, que é certeza de uma presença –, sem a qual, inevitavelmente, nos agarramos a tudo. «A pobreza acontece porque uma certeza maior permite que nos arranquemos de alguma coisa à qual até agora estivemos ligados».¹³⁷

Esta liberdade vê-se, surpreende-se, no modo com que nos relacionamos com as coisas, com as pessoas, com aquilo que nos acontece na vida, como diz São Paulo: «Isto porém vos digo, irmãos, que o tempo se abrevia; pelo que, doravante, os que têm mulher sejam como se não a tivessem; os que choram, como se não chorassem; os que folgam, como se não folgassem; os que compram, como se não possuíssem; e os que usam deste mundo, como se dele não usassem em absoluto, porque a aparência deste mundo passa».¹³⁸ Mas uma tal liberdade só é possível se Jesus for «“imamente”, [...] presente dentro da vida»; só nessa condição se pode «deixar o que se queria ter: o dinheiro, a saúde, a rapariga, a carreira, a honra, o cargo político».¹³⁹ A pobreza é por isso a «eliminação da posse mundana que significa apoiar, em maior ou menor grau, a própria esperança, isto é, o significado da própria vida e a consistência da própria pessoa, naquilo que se tem ou naquilo que se programa». É a recomendação de Jesus: «“Não andeis preocupados com aquilo que haveis de vestir e comer, o vosso Pai que está nos céus sabe do que tendes necessidade”». Mas o que significa isto? Será que quer dizer «não ter roupas e não ter o que comer? Não, não quer dizer isso. Quer dizer não programar o que vestir e o que comer? Não, não quer dizer isso. É um modo de possuir estas coisas, é o não apoiar nelas a esperança e a consistência da vida».¹⁴⁰

¹³⁵ L. Giussani, *É possível viver assim, Volume II, Esperança*, op. cit., p. 84.

¹³⁶ *Ivi.*

¹³⁷ L. Giussani, *Si può (veramente?) vivere così?*, op. cit., p. 387.

¹³⁸ *1 Cor 7,29-31.*

¹³⁹ L. Giussani, *Si può (veramente?) vivere così?*, op. cit., p. 389.

¹⁴⁰ ASAEMD, *Registos audio-visuais*, OR.AUDIO/1458, Encontro da casa, Gudo Gambaro (MI), 23 de março de 1970; transcrição da gravação.

Dom Giussani não está a convidar-nos a desprezar as coisas. Ele diz, com efeito, que «a definição de pobreza que Jesus dá [...] não é a abolição ou a censura de alguma coisa: de nada, de nada!». E recorda-nos a frase de São Paulo que o afirma abertamente: «Tudo o que é belo, tudo o que é bom, tudo o que é digno de louvor, tudo o que dá fama, que obtém o louvor dos outros, tudo isso fazei». Portanto, sublinha Dom Giussani, a pobreza é «o desprendimento de uma *determinada* maneira» de ter as pessoas e as coisas, «mais precisamente, o desprendimento da forma com a qual uma pessoa trata a pessoa ou a coisa que tem à sua frente não segundo o universo (o desígnio de Deus), não segundo o sentimento que Deus tem, mas segundo o sentimento que ela tem, quer dizer, segundo a reação que ela experimenta; seguindo a sua reação e não o destino objectivo da coisa». Pobreza, por isso, não significa de modo algum uma desvalorização das coisas, mas é «aquele desprendimento que olha de forma positiva, sem excepção, para tudo, tudo aquilo que acontece». Olho para tudo de forma positiva, mas não ponho a minha esperança naquilo que, embora verdadeiro e belo – pessoas e coisas –, não é suficiente para dar consistência à minha vida. É assim introduzida uma forma diferente de olhar para tudo: o respeito. Porque «respeito quer dizer olhar para uma coisa dominado pela presença de uma outra – [...] olhar para uma coisa acompanhando com o canto do olho uma outra» coisa. Quer dizer: «o Mistério que te faz domina-me enquanto eu olho para ti, enquanto eu penso em ti. Isto é o desprendimento: não és minha. E, com efeito, toda a minha relação contigo se esgota no afirmar-te».¹⁴¹

b) Letícia

Qual é o sinal da pobreza entendida como liberdade das coisas? A letícia. «Desta liberdade das coisas, que nasce da certeza de que é só Deus que cumpre tudo, brota outra característica da alma pobre que é a *letícia*».¹⁴² Quanto mais madura, quanto mais se torna habitual a certeza de que Deus realiza e quanto mais nos tornamos livres das coisas, mais ficamos cheios de letícia. «A letícia não floresce noutra terreno. [...] A letícia nasce exclusivamente no terreno desta consciência de pobreza.»¹⁴³ A nossa letícia não depende daquilo que possuímos, porque fomos libertados por Aquele que nos aconteceu. A origem da nossa letícia é o reconhecimento de que existe Cristo, de que Ele está presente.

¹⁴¹ L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., pp. 392, 395, 396.

¹⁴² L. Giussani, *É possível viver assim? Volume II, Esperança*, op. cit., p. 85.

¹⁴³ L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 347.

Mas quem poderá convencer-nos disto, quando à nossa volta todos dizem o contrário? É preciso descobrir a verdade disto na própria vida. Mas esta descoberta é só para audazes, isto é, para quem aceita o risco de verificar que a relação com Cristo presente liberta e nos torna alegres, qualquer que seja a situação em que nos encontramos, como nos testemunhou a pessoa da carta desta manhã. Caso contrário, ninguém nos convencerá e tentaremos justificar a nossa posse das coisas.

Dom Giussani referiu e documentou incansavelmente o dinamismo do qual jorra a letícia: «“Estou cheio de letícia” quer dizer: “O meu coração exulta porque Deus vive”». ¹⁴⁴ É o facto de que Deus vive, que está presente, aquilo que me tranquiliza quanto ao passado, ao presente e ao futuro, e por isso me faz ficar cheio de letícia. «A consistência da vida, a felicidade que o futuro nos reserva, não está naquilo em que aparece.» Aquilo que aparece e que passa não é capaz de garantir alguma coisa para o futuro. Por isso, não pode oferecer um fundamento suficientemente consistente para a letícia. «A esperança não se pode apoiar no facto de se ter mulher, ou namorada. A *letícia* não vem daí; daí vem o contentamento, mais ou menos passageiro, mas não a *letícia*, porque a *letícia* se apoia sobre uma posse, cuja perspectiva não acaba». Isto explica por que razão é que, mesmo quando se realizam os nossos projectos e obtemos aquilo que queríamos, ficamos contentes, enquanto o estamos, mas não cheios de letícia. Porque é outra a fonte da letícia. Então «não há fórmula mais bonita da *letícia* do que esta: quem tem, seja como se não tivesse. Quer tenha, quer não tenha, é igual... mas ter alguma coisa que dure para a eternidade... não, isto não pode ser igual! Se tens alguma coisa que dure para a eternidade», isto torna diferente «o amor, o amor do homem pela mulher, o amor pelo companheiro, pelo pai, pelo sol que nasce». ¹⁴⁵

c) Livre porque nada te falta

Quando nos apoiamos sobre alguma coisa que permanece, ou seja, sobre o divino, não nos falta nada «porque tudo é teu». Tudo é teu. «Como é que é possível que tudo seja teu?» pergunta Dom Giussani. «Porque tens o que necessitas, tens tudo o que te é necessário». ¹⁴⁶ É impressionante a afinidade com as palavras de São Paulo: «Tudo é vosso: seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, seja o presente, seja o futuro: tudo é vosso! Mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus». ¹⁴⁷

¹⁴⁴ L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, op. cit., p. 281.

¹⁴⁵ L. Giussani, *É possível viver assim?, Volume II, Esperança*, op. cit., p. 87.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 88.

¹⁴⁷ *I Cor 3,21-23*.

É esta a pobreza que a atratividade de Jesus introduz na história, na nossa vida, para que não fiquemos constantemente presos ao resultado dos nossos projectos. A Sua presença cola-nos de tal forma a si, enche-nos a tal ponto da Sua plenitude, que nos torna livres, cheios de letícia, porque já nada nos falta.

3. Do ímpeto inicial à luta da vida

Mais adiante. Como dizíamos no início, a alegria da fé jorra de um desejo de mudança. Mas não se trata de nada de automático. Para Zaqueu, e para todos aqueles que Jesus chamou e envolveu, não o foi. Zaqueu, diz Dom Giussani, «estava cheio daquele olhar, e depois, como consequência, pensa: “Eis que vou dar tudo o que roubei”. Mas é uma consequência que durou toda a vida, porque não é automático». O desejo de Lhe pertencer é total desde o início. Mas o seu desenvolvimento não é automático e, com efeito, continua por toda a vida. Ninguém por isso tire medidas, porque na relação com o Mistério não há medida: «Cada um de nós conhece o ímpeto com se entrega, e que depois retira, portanto é a luta da vida. Mas aquele que doravante torna a vida possível de se transfigurar tornou-se um facto». Temos já o “vírus” – um vírus benéfico, evidentemente – dentro de nós, a Sua presença já fez uma brecha na nossa vida. «É o contrário do episódio do jovem rico (Mt 19,16-30), um a quem Cristo diz: “Vem comigo”, isto é, quero estar perto de ti. E o Evangelho diz: “E aquele foi-se embora triste”: o jovem rico, triste.» Eis, então, a alternativa que surge a partir de tudo quanto estamos a dizer e que vemos tantas vezes no nosso mundo: «Ou transfigurados, ou tristes, porque não podemos continuar parados no local de antigamente quando Cristo nos chamou»; depois de Cristo nos ter chamado, ter vindo ao nosso encontro, não podemos ficar como dantes: «Ou transfigurados, ou tristes [...] ou nos tornamos mais tristes [...] ou nos transfiguramos»,¹⁴⁸ graças àquela novidade que Cristo introduziu na vida. Podemos, com efeito, ser ricos em dinheiro, em projectos, em ideias, e, no entanto, sermos tristes.

Mas esta transfiguração não é mecânica e nem sequer acontece de uma vez por todas. Zaqueu não eliminou automaticamente todos os seus erros. «Quando Zaqueu se sentiu revestido por aquele olhar e por aquele convite, disse: “Dou metade dos meus bens e quatro vezes mais do que aquilo que roubei”, mas dois dias depois, com a mulher, ou sete dias depois, com os filhos, talvez se tenha irritado, e aquele horizonte despertado, definido por

¹⁴⁸ Apontamentos da lição nos Exercícios Espirituais dos noviços dos *Memoires Domini*, Le Pianazze (PC), 7 de agosto de 1982, conservados na Secretaria dos *Memoires Domini*, Milão.

aquele rosto e por aquela voz que o tinha chamado, daquele homem que tinha ido a sua casa, fez com lhe viesse uma dor aguda por ter tratado mal a mulher. E no dia seguinte, suponhamos, pediu-lhe desculpa ou não lhe disse nada. Mas no dia a seguir, duas horas depois do dia anterior, voltou a irritar-se. Então, se a coerência é a regra do caminho ético, do caminho moral, da coerência, nós não somos capazes! [...] A coerência é graça, é o renovar-se da surpresa do encontro com qualquer coisa que é mais do que tu, sem a qual tu não seria tu mesmo».¹⁴⁹

No encontro com Jesus, foi colocado nas mãos de Zaqueu o método: deixar entrar uma presença, em vez de confiar-se a um esforço moralista próprio, que já se tinha demonstrado incapaz de mudá-lo. O cristianismo, como eu dizia antes, é um acontecimento. E, quando se torna moralismo, muda de natureza. Já não é cristianismo, ainda que continuemos a usar as palavras cristãs.

Lembram-se do que nos disse o Papa na Praça de São Pedro? «A moral cristã é uma resposta, é a resposta comovida a uma misericórdia surpreendente, imprevisível e, segundo os critérios humanos, até “injusta”, de Alguém que me conhece, conhece as minhas traições e que, no entanto, me ama, me estima, me abraça, me chama de novo, espera em mim, espera algo de mim. A moral cristã não consiste em nunca cair, mas em levantar-se sempre, graças à sua mão que nos resgata».¹⁵⁰

A presença de Cristo introduz na vida uma luta. Porquê? Diz Dom Giusani: «O cristianismo é de tal maneira um dom que foi feito à nossa natureza» que o cristão, «ou seja, quem vive a conversão, quem vive portanto a consciência de pertença a Cristo, [...] quem vive a memória de Cristo é um outro homem [...] É um outro nascimento». E eis o problema. Porque, apesar deste nascimento ter tido lugar, apesar de este encontro ter acontecido, «nós continuamos a ser feitos de carne e osso, nós continuamos a ser nascidos do nosso pai e da nossa mãe. “Nos delitos me concebeu a minha mãe” [...]. É verdade, nós continuamos dentro do sepulcro e do sufoco dos limites carnisais em que nascemos, e este segundo nascimento é algo de extraordinariamente estranho». Por isso se verifica «este fenómeno graças ao qual, como a fé nos foi dada, e num encontro verdadeiramente gracioso, verdadeiramente providencial (quem sabe como Deus o fez acontecer!), em certos momentos a nossa alma fermenta, diante do apelo a nossa alma “desperta”, move-se, mas depois o olhar para a vida de todos os dias volta a fazer tudo opaco, tudo homogêneo, tudo pesado, tudo delimitado, tudo sufocado. E é como

¹⁴⁹ L. Giussani, *Qui e ora. 1984-1985*, op. cit., pp. 432- 433.

¹⁵⁰ Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

se não conjugássemos nunca estes dois momentos de pensamento e de olhar sobre nós mesmos, a não ser de fora». Como dizíamos ontem, estes não se unem senão «de forma moralista [ou formal], no sentido em que, como temos fé, algumas coisas não se podem fazer, outras é preciso fazer». E então «aquilo que se faz ou não se faz não é expressão de uma consciência nova (conversão), de uma verdade de si [que nasce dentro de si], mas é como uma portagem paga, tributada a algo de fora, ainda que devota e profundamente reconhecida e estimada».¹⁵¹ não ser de fora, de forma moralista, no sentido em que, como temos fé, algumas coisas não se podem fazer, outras é preciso fazer. E isto vem de fora, não de dentro: aquilo que se faz ou não se faz não é expressão de uma consciência nova (conversão), de uma verdade de si, mas é como uma portagem paga, tributada a algo de fora, ainda que devota e profundamente reconhecida e estimada. E é o contrário: ou Deus é a vida, ou então é como se ficasse fora da nossa porta».

A este ponto, podemos perceber melhor o alcance daquilo com que Giussani nos interpelava no texto de ontem à noite: «Qualquer expressão de um movimento como o nosso, se não faz nascer do íntimo das experiências concretas que se vivem o apelo à memória da presença de Cristo, não serve. Aliás, piora a situação do humano, porque favorece o formalismo e o moralismo».¹⁵²

A alternativa – que refere o motivo da luta – é clara: «Ou Deus é a vida, ou então é como se ficasse fora da nossa porta».¹⁵³ E aqui entra novamente em jogo o mistério da liberdade do homem («Queremos que esta salvação a adquira ele mesmo»,¹⁵⁴ escreve Péguy). Como? «A objeção da nossa carnalidade, a objeção do peso sepulcral dos limites das coisas quotidianas, que nos fazem viver na indiferença, no cinismo, ou no desgosto e no tédio, conforme o momento, o estado de ânimo, tudo isto deve ser diariamente revestido e trespassado, desafiado, desafiado agora, desafiado pela esperança cristã».¹⁵⁵ Caso contrário, o formalismo dilata-se entre nós e a novidade que encontrámos não muda a vida de todos os dias. Ma isto implica necessariamente a nossa liberdade.

Por isso a luta é contínua. E só quem permanece fiel poderá ver o triunfo, a vitória de Cristo na vida, aceitando o ritmo humano da mudança, que passa através da nossa liberdade. É a este nível que podemos compreender

¹⁵¹ Ver aqui, p. 16.

¹⁵² Ver aqui, p. 27.

¹⁵³ Ver aqui, p. 16.

¹⁵⁴ Ver aqui, p. 5.

¹⁵⁵ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., pp. 195-196.

o alcance e o objetivo de estarmos juntos, como nos refere Dom Giussani no livro dos Exercícios: «A Fraternidade é simplesmente uma ajuda para viver a verdade de si em tudo aquilo que se faz, [...] e a verdade de mim em tudo aquilo que faço é que pertenço a um Outro. [Muitas vezes pensamos]: “Mas eu, assim?!”. Sim, eu assim, assim como sou, pertenço totalmente a um Outro».¹⁵⁶ Ainda que eu continue a errar, aquilo que me aconteceu nunca mais é apagado. É um acontecimento que se estabelece na raiz de mim mesmo. Eu fui marcado para sempre por este encontro. Apercebemo-nos disso quando uma pessoa abandona a Fraternidade, mas não consegue deixar de sentir toda a nostalgia daquilo que viveu – se tiver vivido alguma coisa realmente significativa.

Nós estamos juntos porque temos a esperança de que a «consciência [...] de pertencer Cristo» revista «as coisas de todos os dias, a vida de todos os dias, as acções de todos os dias, em família, no trabalho, no movimento, na sociedade». Em caso contrário, o cristianismo perderá todo o seu interesse aos meus olhos, porque, diz Dom Giussani, acabarei «sufocado no cinismo, na superficialidade satisfeita ou no desespero do tédio».¹⁵⁷

«Para esperar, minha filha, é preciso ser muito feliz, é preciso ter obtido, recebido, uma grande graça», escreve Péguy. A esperança de que a nossa vida quotidiana seja revestida em todas as suas *nuanças* por Cristo vem do ser muito feliz, do ter recebido uma grande graça. E Dom Giussani afirma logo: «Meus amigos, a grande graça é esta realidade onde nos encontramos: é aquilo a que a Igreja chamou Fraternidade, é esta experiência da fé». Nós todos estamos aqui porque «a um dado momento houve alguma coisa inexprimível, houve uma percepção, um pressentimento, uma emoção, houve um tom persuasivo: esta é a grande graça que obtivemos, segundo toda a discrição com a qual normalmente Deus se move na vida do homem, segundo a discrição com a qual a liberdade de Deus respeita a nossa liberdade. Foi-nos dada a graça da fé, apresentada como alguma coisa de profundamente persuasiva e pertinente, aliás, idêntica à vida. É preciso estarmos muito felizes por isto! Aqui está o ponto. É preciso estarmos muito felizes por isto, porque sem a fé até o rosto da mulher amada – diria Chesterton – seria como um nome escrito com um giz negro dentro de uma câmara escura sobre uma parede também ela negra». A nossa esperança consiste no facto de que, «tendo Ele iniciado, leve até ao fim a Sua obra em nós. Só que é preciso deixá-lo entrar por um buraco, pelo buraco daquela última devoção, estima e inteligência graças às quais já não se pode de todo

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 196.

¹⁵⁷ *Ibidem*, pp. 196-197.

mandá-lo embora. É preciso deixar que penetre através desta abertura».¹⁵⁸

Como é que se faz para ter sempre consciência daquela Presença da qual esperamos tudo? Giussani indica-nos uma estrada simples e segura: «Repetindo gestos de consciência. E estando atentos ao lugar em que o próprio Cristo nos desperta a consciência».¹⁵⁹

a) A primeira indicação para o caminho é, portanto, repetir gestos de consciência. Acima de tudo a oração, ou seja, o pedir e o recordar, o retomar contínua consciência daquilo que se é: uma só coisa com Cristo. «Este retomar de consciência não é automático», a liberdade está sempre em jogo. «Tens de o querer, tens de o desejar! Aquilo que é árido em ti», e tantas vezes poderá sê-lo, «aquilo onde pões a língua e o lambes como pedra-pomes, torna-se doce ao paladar continuando a passar a língua sobre a pedra-pomes, sobre aquela aridez que o homem, por si só, seria. O homem e o universo seriam, para a consciência do homem, um enorme acumular de pedras-pomes áridas, se uma pessoa não pedisse para saber e sentir, se uma pessoa não tivesse como primeiro propósito: “Tornar-me consciente disto; recordar isto o mais possível ao longo do dia”. E esta é a oração! [...] É assim que o homem se torna homem: repetindo continuamente [...] gestos de consciência».¹⁶⁰

b) A segunda indicação é a atenção à companhia vocacional: «Deus que faz o céu com as estrelas estabeleceu o lugar onde tu tomas consciência. Este lugar o que é? A companhia vocacional, esta companhia vocacional que tem como lugar, no sentido restrito da palavra, o âmbito de tempo e de espaço (espaço: onde se pousam os pés; tempo: horas, minutos) onde esta companhia se reúne, em que a companhia vocacional se exprime. A companhia vocacional é aquela que, ao exprimir-se, te chama a isto. Se tu estás distraído, não te chama nada, mas se não estiveres distraído, se quiseres ser, tornar-te tu próprio, reconheces que a companhia existe para te chamar a isto. Teríamos sido colocados juntos se não fosse para isto? [...] Não podes estar na companhia ou pensar nela, senão sendo de alguma forma chamado a esta verdade mais profunda».¹⁶¹

Existe aqui, implícita, uma terceira sugestão, que decorre da segunda: viver as circunstâncias de uma forma nova. A companhia, com efeito, com o seu apelo, põe a descoberto o significado das circunstâncias, que se tornam por isso elas mesmas apelo contínuo à consciência da Sua presença. «A com-

¹⁵⁸ *Ibidem*, pp. 197-198, 202.

¹⁵⁹ L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 346.

¹⁶⁰ *Ibidem*, pp. 348-349.

¹⁶¹ *Ibidem*, p. 349.

panhia chama-te a um efeito admirável, lembra-te lentamente que tudo tem este significado, tudo é chamamento a isto, tudo: as flores do campo, o fruto da árvore, a criança que nasce... ». Jesus introduziu os discípulos a olhar para toda a realidade como sinal da Sua presença. «A companhia vocacional habitua-te a tornar cada momento e circunstância – de trabalho, de caminho, de silêncio, de lazer, de tempo que passa, no eléctrico, no comboio [quando alguém nos irrita de modo particular, quando alguém nos agrada de modo particular, quando se ouve música] – chamamento à verdade do teu eu, a esta participação ao ser».¹⁶² Tudo remete para a memória d’ Ele.

Só de este estar cada vez mais revestido de Cristo é que pode nascer uma nova modalidade de tratar as coisas, a pobreza, que significa usar as coisas para o destino. Mas este uso tem de ser todo aprendido. «Somos chamados a fazer um trabalho [...], a pobreza não é automática [...]. A pobreza é uma iniciativa nossa; se não for uma iniciativa nossa, então não é pobreza. Pobreza é um acto da liberdade, não é um suportar, mas um agarrar para caminhar, um agarrar para construir, um agarrar para responder à vocação de Deus».¹⁶³

Como é que nos educamos a esta pobreza? Também neste caso, a sugestão de Dom Giussani é simples e fácil de praticar: «Repetindo gestos de consciência». São os gestos que, juntamente com a Escola de Comunidade, caracterizam desde sempre o nosso caminho.

O fundo comum

«O sustento mensal do fundo comum de toda a Fraternidade, que implica sacrifício, é em função de um aumento da consciência da pobreza como virtude evangélica. Como diz São Paulo: “Não temos nada e possuímos tudo”. A verdadeira forma de possuir tudo é ser desprendido de tudo. Podemos comprometer-nos apenas com cem liras, mas pagá-las com fidelidade tem um valor fundamental de chamamento, porque é um gesto concreto e unitário. Quem não se comprometer com esta diretiva, não pode considerar-se membro da Fraternidade».¹⁶⁴

Espanta-me o tom peremptório da afirmação de Dom Giussani, que nos mostra como ele colocava em estreita relação o gesto do fundo comum e a pertença: «Nada como a fidelidade ao fundo comum demonstra a própria pertença», o nosso desejo de pertencer. Por isso nos chamamos

¹⁶² *Ibidem*, p. 350.

¹⁶³ L. Giussani, *É possível viver assim?*, Volume II, *Esperança*, op. cit., pp. 99-100.

¹⁶⁴ L. Giussani, *L’opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2002, pp. 246-247.

sem descanso ao valor deste gesto: além de nos fazer uma proposta tão articulada sobre o tema da pobreza, Dom Giussani dá-nos também os instrumentos, que estão ao alcance de todos, para que de uma forma simples e fácil possamos ser educados a esta dimensão da vida cristã. Diante do convite para pagar o fundo comum, cada um se deve perguntar: por que razão o pago? Quem é que me leva a fazê-lo? E para responder deve fazer memória de tudo quanto dissemos. «Por isso o problema do fundo comum, como o aspecto mais fácil da ascese, da pertença, deve ser lembrado num momento desfavorável psicologicamente e gravoso do ponto de vista da responsabilidade que assumimos: informem os vossos amigos que pagar o fundo comum é uma forma de oração, é uma expressão da *pietas*».¹⁶⁵

Sabendo o quão facilmente resvalamos para o esquematismo e o formalismo, Dom Giussani precisa: «É este o valor simbólico e educativo do sacrifício do “fundo comum”. Pode haver uma pessoa que não consegue fazer mais nada, e tem isto como sua oferta a Cristo, como sua participação, como demonstração da sua vontade de disponibilidade àquela realidade que vê como grande, a esta realidade que Cristo criou na Sua Igreja e que chamamos, com o nosso nome, Comunhão e Libertação. Pode haver alguém que não consegue fazer outra coisa senão cumprir o sacrifício do fundo comum, e este é literalmente como que a sua oração. Mas se tiver o coração nisto, quem faz ainda que seja o mínimo, apenas o mínimo, mas com o coração, é impossível que não tenda a fazer também o máximo».¹⁶⁶

Como escreveu um de vocês: «Caros amigos, recentemente, a minha mulher e eu recebemos uma soma de dinheiro inesperada. Felizmente, não temos necessidades materiais prementes, e por outro lado, aprendemos que tudo o que nos é dado tem um objectivo, que é a possibilidade de dar a conhecer Cristo a todos». Vejam onde ele vai buscar a razão para fazer a oferta. Se não estiver ligado a tudo o resto, o fundo comum reduz-se a uma taxa para pagar, que da qual eventualmente se abre mão facilmente. Continua a carta: «A Fraternidade é “a nossa casa”, o ponto sólido onde experimentamos o abraço de Cristo e de onde abraçamos todo o mundo». Veem? Não leu todos os textos que eu acabei de citar, mas fez a experiência que ali é descrita: neste lugar – “a nossa casa” –, esta pessoa aprendeu a abraçar todo o mundo. «E assim, pensamos em fazer uma transferência extraordinária para o fundo comum.» Se não ligarmos cada coisa ao seu ponto de origem, cada gesto se torna extrínseco. Dom Giussani propõe-nos o fundo comum para nos ajudar a conceber e viver cada pormenor em ligação com o todo.

¹⁶⁵ *Ibidem*, pp. 90-91.

¹⁶⁶ *Ibidem*, p. 75.

Nos últimos meses enviámos uma carta para a atualização dos dados. De facto, há alguns anos que não tínhamos nenhuma informação da parte de diversas pessoas inscritas na Fraternidade. Poderia pensar-se numa formalidade, mas as respostas recebidas foram surpreendentes: há quem comunique ter tomado outro caminho, e quem, pelo contrário, tenha o desejo de retomar uma relação; quem nos assinala uma situação de solidão e expressa uma certa vergonha porque pode dar pouco ao fundo comum. Tudo isto diz o quanto devemos ser próximos uns dos outros.

Leio-vos algumas respostas que recebemos: «Já não pagava a minha quota de fundo comum. Mas quando me chegou o teu mail, tive o sentimento de pertença àquele “qualquer coisa” que tinha encontrado há anos; tinha-me simplesmente “perdido” nas dificuldades contingentes». Este é o objectivo de estarmos juntos: uma pessoa pode perder-se, mas há sempre alguém que bate à sua porta.

Um outro comunica que, infelizmente, não pode vir aos Exercícios por motivos de trabalho e depois acrescenta: «No que diz respeito ao fundo comum, comecei a não pagar devido a um problema de dinheiro e depois, com o tempo, passou a ser por distração minha, esquecendo-me precisamente deste pequeno gesto que me ensinou a importância da partilha».

Há quem esteja a passar por dificuldades: «Infelizmente, a crise vigente levou-me a fazer escolhas drásticas [...]. Não falei disso com o meu grupo de fraternidade; o meu orgulho não me permite sequer participar nos Exercícios por falta de dinheiro».

Há quem sinta uma solidão, mas ao mesmo tempo, tenha vontade de recomeçar: «Digamos que há muita distração da minha parte, mas, uma vez recebida a mensagem, entristeci-me pelo meu descuido. Queria tentar retomar a situação e recomeçar».

Alguém deu-se conta de ter deixado de pagar o fundo comum por um descuido técnico com o banco: «É óbvio que isto não pode ser uma justificação, mas na verdade acontece por causa da minha fraqueza humana». Nada de escândalos, amigos! Por isso nos permitimos, com discrição, bater de vez em quando à vossa porta, para continuarmos a recordar o motivo pelo qual estamos juntos.

Levar a sério a proposta do fundo comum pode fazer descobrir alguma coisa de si e para si: «Depois de quase oito anos de trabalho precário e muito difícil, fui contratada como médica. Pensei logo em aumentar a minha quota do fundo comum por reconhecimento. Este lugar fez com que os meus anos como precária se tornassem ocasião para me perguntar por que é que eu valho e onde se funda o valor da minha pessoa». Vejam a ligação que faz: «Não é o ordenado ou a forma contratual que estabelece o

meu valor, mas o infinito do meu coração». Dom Giussani propôs-nos este gesto simples para que cada um possa aprofundar o valor da vida.

Uma outra pessoa escreve: «Admiti a mim mesma esta noite que adiar o pagamento do fundo comum, esperando por tempos economicamente melhores, não me é útil». Porque não é um problema de quantidade, amigos, é um problema de fidelidade. Ninguém julga ninguém pelo valor que decide pagar. Aquilo em que insistimos é na fidelidade, porque é ela que nos ajuda a alcançar a consciência de nós mesmos e daquilo em que está a nossa consistência. «Levei a sério as indicações que nos tinhas dado nos Exercícios: “Basta pouco, mas com constância”. Isto permite-me abraçar com misericórdia a minha realidade agora.» Só é preciso aceitar sermos abraçados como somos: é isto que «me permite abraçar a minha realidade agora. Estou cada vez mais certa disso. Ainda que não perceba tudo, ainda que tudo seja misterioso, a minha experiência diz-me que aqui está em jogo para mim um bem imenso!».

Há também quem agradeça uma bolsa de estudos recebida da Fraternidade: «Nunca poderei expressar de forma adequada a gratidão por me terem feito ver que cada obra do movimento remete para o facto de que “veio Aquele que podia contentar-se em ajudar-nos”, como diz o Manifesto de Natal. Esta razão salva não apenas a exigência do momento, mas toda a vida».

Por fim, uma amiga escreveu-me: «Há tanto tempo que não pagava o fundo comum, e não porque não tivesse dinheiro, mas por esquecimento e preguiça. Desde que eu e o meu noivo decidimos casar-nos, há poucas semanas, as coisas mudaram». É impressionante que uma pessoa pense no fundo comum quando está para se casar. Porque lhe veio à cabeça? «Se não tivesse encontrado o cristianismo através do movimento, eu nunca me casaria. Experimentei imediatamente a dimensão comunitária, a dimensão da Igreja, em relação à minha e nossa decisão de dizer “sim” diante de Deus. Devo tudo a este lugar. E por isso hoje paguei a quota mensal do fundo comum. A minha disponibilidade económica não é grande, mas decidi aumentar a quota, duplicando-a, e parece-me ainda pouco! Daria muito mais por este encontro que mudou a minha vida e que, espero, através das missões e da vida do movimento, mude a vida de outros jovens como eu.»

Estas últimas palavras são a confirmação viva da verdade do que nos dizia Dom Giussani: conceber a própria vida «em função do movimento não é mais do que a tradução prática do ímpeto missionário, porque o movimento não é mais do que a forma, a nossa forma, a forma como fomos introduzidos a viver o mundo e a vida segundo o coração da Igreja». O gesto do fundo comum é para educar cada um de nós a «conceber a própria

vida, a vida familiar, a própria profissão, a educação dos filhos, o tempo livre, as próprias energias, o próprio dinheiro, em função do movimento. Ou seja, em função de algo de maior, onde uma pessoa age em total liberdade, porque sem liberdade não é resposta humana. É melhor uma resposta de 0,1 sobre 100, em liberdade, do que uma resposta aparente de cinquenta por cento sem liberdade. Aliás, de cem por cento sem liberdade». O fundo comum, por isso, «traduz em termos elementares e banais, de tão concretos são, este nexos que uma pessoa sente e vive entre tudo aquilo que é e faz e esta coisa maior do que ela, que é a participação na Igreja, no movimento, graças à qual a sua pequena pessoa, com os seus pequenos gestos quotidianos [...] se torna colaboradora do grande desígnio».¹⁶⁷

Relembro a todos que o fundo comum é *um*, tal como a Fraternidade é *uma*; e o fundo comum tem *uma* finalidade: a construção da obra que é o movimento (que, entre parêntesis, sustenta tantas iniciativas e faz frente a tantas necessidades). Isto – foi-nos ensinado – é muito mais para a glória de Deus e vem antes do apoio a qualquer outra iniciativa, precisamente porque o movimento é a origem da qual nós recebemos tudo, o ponto original da nossa gratidão.

A este propósito, leio-vos o que escreveu um amigo: «Vamos ao não pagamento do fundo comum. Nunca olhei verdadeiramente de frente para a questão. Desde que fundei uma obra, todos os anos pago bastante para esta. Claro, podia continuar a pagar à Fraternidade um valor simbólico, mas parecia-me uma provocação». Mas não é! Não teria de facto sido uma provocação. A fidelidade ao fundo comum é para não esquecer a origem, o ponto original da tua generosidade, amigo. Temos de ter consciência disso, porque se a generosidade se separar da origem, mais tarde ou mais cedo acabará. Isto diz respeito a qualquer gesto: separada do seu ponto original, tudo se torna formal e com o tempo, perde-se. Como quando se separa o aquecedor do ponto que fornece a energia.

A origem é Quem te dá tudo aquilo que és e que tens! E isto vale para todos. Também para quem se encontra em graves dificuldades, como nos testemunhou um amigo nosso da Venezuela, país que atravessa uma situação verdadeiramente dramática. Durante uma viagem a Itália, no fim de um encontro, os amigos de uma comunidade nossa ofereceram-lhe dinheiro, desejosos de contribuir para as necessidades dos amigos venezuelanos. Mas ele não o quis e pediu-lhes para o darem ao fundo comum da Fra-

¹⁶⁷ FRATERNITÀ DI COMUNIONE E LIBERAZIONE, Milão (FCL), *Documentação audio-visual*, Assembleia da Fraternidade de Comunhão e Libertação das Marche, Loreto (AN), 15 janeiro de 1984.

ternidade, dizendo: «Sem a Fraternidade, a minha obra não teria futuro». Este é um exemplo de como o gesto do fundo comum é verdadeiramente um ponto educativo da nossa consciência de pertença.

Neste sentido, sinto a urgência de recordar que a primeira coisa a ter presente é o fundo comum da Fraternidade; em segundo lugar, as necessidades concretas da comunidade onde vivemos; e por fim, as necessidades que Deus coloca à nossa frente como provocações à nossa caridade, de acordo com o discernimento de cada um.

O gesto do fundo comum é um sinal da liberdade do eu em ação, que sabe captar o nexos entre as coisas. Caso contrário, vence o dualismo e as coisas, com o tempo, não duram. Através da proposta de um gesto simples e livre, Dom Giussani fazia-nos captar o nexos com o ponto original de tudo, sem o qual toda a generosidade diminuiria. É um passo de consciência que precisamos de dar continuamente.

Só este caminho nos pode permitir responder ao convite que o Papa nos dirige no fim da sua carta: «Num mundo lacerado pela lógica do lucro, que produz novas pobreza e gera a cultura do desperdício, não desisto de invocar a graça de uma Igreja pobre e para os pobres».¹⁶⁸

A caritativa

Nós somos constantemente educados para esta atitude através do gesto da caritativa. «Cristo fez-nos perceber o porquê profundo de tudo isto ao revelar-nos a lei última do ser e da vida: a caridade. Ou seja, a lei suprema do nosso ser é partilhar do ser dos outros, é pôr em comum a si próprio. Só Jesus Cristo nos diz tudo isto, porque Ele sabe o que é cada coisa, o que é Deus de quem nascemos, o que é o Ser. Só consigo explicar por inteiro a mim próprio a palavra “caridade”, quando penso que o Filho de Deus, ao amar-nos, não nos enviou as suas riquezas, como poderia ter feito, revolucionando a nossa situação, mas fez-se mísero como nós, “compartilhou” a nossa nulidade. Nós vamos à “caritativa” para aprender a viver como Cristo».¹⁶⁹

A caritativa é um gesto simples, também ele ao alcance de todos, para que tudo o que dissemos até agora saia das entranhas da nossa vida. É um gesto para aprender a partilhar, acolhendo o apelo do Papa Francisco diante de um risco a que estamos todos expostos: «Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce

¹⁶⁸ Francisco, *Carta a Julián Carrón*, 30 de novembro de 2016.

¹⁶⁹ L. Giussani, *O sentido da caritativa: Objectivo, Consequências, Directrizes*, p. 7.

alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. Este é um risco, certo e permanente, que correm também os crentes. Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida. Esta não é a escolha duma vida digna e plena, este não é o desígnio que Deus tem para nós, esta não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado». ¹⁷⁰

Para poder testemunhar, como o Papa nos pediu na carta, a autenticidade da vida cristã com coragem, não basta um «dobrar-se sobre o passado». Só qualquer coisa presente nos poderá mudar. Por isso, só se recontecer incessantemente um novo início é que podemos surpreender em nós aquele «início corajoso dirigido ao amanhã», de que fala o Papa. É daqui que pode nascer «a revolução da ternura e do amor», ¹⁷¹ que nos obriga a regressar constantemente às nossas raízes, como sempre nos interpelou Giussani, para que a nossa pertença não se torne um formalismo e um moralismo, a ponto de perder interesse para cada um de nós.

Como vemos, aquilo que está em jogo em tudo o que dissemos é a autenticidade da vida cristã, e portanto, a plenitude da nossa existência. Só assim podemos ir junto dos pobres, «não porque já sabemos que o pobre é Jesus, mas para voltar a descobrir que aquele pobre é Jesus», ¹⁷² como nos escreveu o Papa. «É indispensável», lemos na *Evangelii gaudium*, «prestar atenção e debruçar-nos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos chamados a reconhecer Cristo sofredor: os sem-abrigo, os toxicodependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sós e abandonados, etc. Os migrantes representam um desafio especial para mim, por ser Pastor duma Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos», ¹⁷³ que é chamada a abraçar e acompanhar cada irmão homem.

É o convite a uma abertura, a uma atenção e a uma proximidade sem fronteiras. Parece-me que com isto o Papa nos chama àquela atitude tipicamente cristã que Dom Giussani nos tornou familiar: o ecumenismo, aquele abraço positivo a todos e a tudo o que nasce, como ímpeto, do sermos «possuídos inteiramente por um amor», o «amor de Cristo “transbordante de paz”». ¹⁷⁴

¹⁷⁰ Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 2.

¹⁷¹ Francisco, *Carta a Julián Carrón*, 30 de novembro de 2016.

¹⁷² *Ivi*.

¹⁷³ Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 210.

¹⁷⁴ L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 158.

Domingo 30 de abril, manhã

À entrada e à saída:

Wolfgang Amadeus Mozart, Sinfonia n. 40 em sol menor, KV 550

Frans Brüggen – Orchestra of the 18th Century

“Spirto Gentil” n. 36, Philips-Universal

Padre Pino. A manhã é o início do drama de duas liberdades: que eu possa em cada dia pedir-Te, mendicar-Te, reconhecer-Te, nasce da Tua resposta, da Tua iniciativa para comigo, Senhor.

Angelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA

Julián Carrón. Bom-dia a todos!

Davide Proserpi. Gratidão: este é o primeiro sentimento que surge das mais de mil e duzentas perguntas que chegaram (e que lemos todas, uma por uma). Gratidão, como bem sabemos, tem a mesma raiz de graça, porque é o fruto desta. O coração que está disponível – foi-nos colocado no peito para isso –, ou seja, o coração que espera, reconhece o dom que nos foi feito nestes dias. Por que é que estamos gratos? Porque fomos levados, acompanhados de novo a ver o que Cristo é capaz de fazer na nossa vida. Como então os dois primeiros discípulos, também nós hoje chegámos aqui com muitas perguntas, mas seguramente com uma antes de todas: «Quem és Tu?». Ouvimos responder: «Vinde e vede». Aquele início revive ainda hoje como início. É este o motivo principal da nossa gratidão, como sinal de que o carisma que nos foi dado para toda a Igreja – como nos recordou na homília de ontem o cardeal Menichelli – ainda está vivo. Porque só se mantém vivo se voltar a acontecer o início. E o que é que aconteceu no início, o que é que aconteceu para mim, para cada um de nós, no início de tudo, no início histórico, isto é, quando fizemos o encontro? O irromper na minha vida, na nossa vida, de uma novidade que gerou uma atractividade inimaginável, porque pudemos ver, pudemos encontrar o rosto de Jesus presente, com os Seus contornos humanos.

A segunda palavra que descreve o nosso sentimento hoje é «desejo». Desejo de não perder esta beleza, desejo, portanto, de meter-se ao trabalho,

de aprofundar, de conhecer mais, de ver mais. As perguntas que chegaram falam precisamente do impacto provocado em nós pela proposta que nos foi feita. Quase todas nascem do desejo de entender, sem reduzir aquilo que nos foi dito ao ponto em que já estamos e àquilo que já sabemos.

Exatamente por isso, hoje começamos a ajudar-nos a entender. Este trabalho, naturalmente, irá acompanhar-nos nos próximos meses; por isso, não nos desencorajemos se nos parecer que não percebemos logo tudo, porque temos todo o tempo para o fazer.

Começamos com duas perguntas que estão ligadas ao mesmo tema, ou seja, a relação entre liberdade e salvação, que nos foi proposto na primeira noite.

«Sexta-feira definiste a nossa liberdade como necessária para a nossa salvação. Mas o que é que entendes por salvação?»

«Quería perceber melhor o que é esta salvação, sobre a qual insististe muito, porque eu vejo-a como uma coisa muito longínqua no tempo, que chegará no final da minha vida. Por que razão deveria ser interessante para mim agora, nos desafios dos meus dias?»

Carrón. Precisamente devido ao que o Davide acabou de dizer, a salvação é a coisa menos menos longínqua da nossa vida, é a coisa mais próxima. A grande graça que recebemos é a notícia de que Deus venceu a distância. Uma coisa que teria ficado longe de nós, ou que teria a ver apenas com o futuro, tornou-se presente. E nós estamos aqui precisamente porque se tornou presente. Por isso seria preciso que uma pessoa tirasse de cima de si a experiência vivida para dizer que a salvação é longínqua. Quanto temos ainda de crescer na consciência de como a salvação começou a entrar nas entranhas da nossa vida e de como a enche já de luz, de plenitude, de alegria, de gratidão! Vemos que começou a entrar nos cantos que cantamos, que não são o “décor” musical dos Exercícios, mas a expressão de uma experiência humana que nasce precisamente desta salvação. «Não chores mais», *Cry no more*, «por aquilo que fizeste e não querias ter feito», cantámos. «Não chores mais por aquilo que querias fazer e não fizeste. / Não chores mais pelo amor ao qual disseste que não. / Não chores mais: eras escravo, e agora és filho».¹⁷⁵

Quando a consciência de uma Presença que entrou na nossa vida, mudando-a, diminui, a salvação parece-nos longínqua, e então prevalece em nós tudo o resto, os projetos ou os arrependimentos, as medidas e

¹⁷⁵ R. Veras-R. Maniscalco, «Cry no more», *Canti*, op. cit., pp. 324-325.

as imagens. Pelo contrário, quando o encontro domina, podemos dizer, num sentido verdadeiro, completo, aquilo que acabámos de ouvir no canto: «Se tu não estivesse aqui / pobre de mim... / seria uma coisa morta / uma vela apagada / uma mulher inútil...».¹⁷⁶ Quem, de facto, poderia dizer isto com verdade? De quem podemos dizer isto, senão d'Aquele que venceu a distância, que se tornou presença na nossa vida e nos faz saborear já agora a salvação? Se não partirmos da experiência que fizemos, não podemos entender o significado das perguntas feitas. Por isso o Evangelho não fornece uma definição de salvação, mas põe-nos diante do seu acontecimento. Voltemos mais uma vez ao exemplo de Zaqueu. Aquele homem tinha o desejo de encontrar alguém que pudesse responder àquela sede a que nem todo o dinheiro acumulado tinha sido capaz de responder, que conseguisse resgatar toda a sua inadequação, todos os seus erros. Por isso, assim que Jesus se aproxima dele e olha para ele, dirigindo-lhe a palavra, ele encontra-se diante de uma Presença que o afirma, o estima, como nunca lhe tinha acontecido na vida – e este é o primeiro sinal para ele da proximidade da salvação –, e faz uma experiência de correspondência consigo, com a sua sede, que nunca poderia ter imaginado. Daqui jorra o desejo de mudança. Aquele encontro liberta-o do amor ao seu tesouro. Zaqueu começa a desligar-se da coisa mais cara que tinha até aquele momento, o dinheiro: «Restituirei aquilo que roubei». O Evangelho refere que Jesus, depois de ter entrado em casa de Zaqueu, diz: «Hoje a salvação entrou nesta casa».¹⁷⁷ A salvação para aquele homem estava próxima, mesmo próxima. Quanto mais desperta estiver a consciência do drama da vida, mais fácil é reconhecer a salvação. Nunca Zaqueu tinha experimentado aquela alegria. É a mesma experiência que fez o Inominado de Manzoni, que chora amargamente de alegria. E tudo se torna diferente, novo.

Há uma maneira de perguntar: «Mas o que é que entendes por salvação?» que nos faz perceber que conservámos a palavra, separando-a, porém, da experiência da vida. Como Dom Giussani tem razão! «Nós cristãos no clima moderno fomos afastados não diretamente das fórmulas cristãs, não diretamente dos ritos cristãos, não diretamente das leis [...]. Fomos afastados do fundamento humano»,¹⁷⁸ arrancados da experiência. E então, já não sabemos o que significam as palavras.

¹⁷⁶ «Se tu non fossi qui», texto e música M. Terzi e C.A. Rossi, 1966. Canção cantada por Mina.

¹⁷⁷ Ver aqui, p. 54.

¹⁷⁸ Ver aqui, p. 17.

Por isso, a questão não é explicar novamente o que é a salvação, mas deixar aberta a pergunta – a nossa pergunta humana –, para que possamos descobrir o seu significado das entranhas da vida! Ninguém nos pode fazer perceber o que é salvação com um discurso, tal como não nos pode convencer a ser cristãos “a frio”, com uma explicação. Nunca!

O cristianismo não é uma lógica, não é um discurso, não é um rol de coisas para fazer, mas um acontecimento. Para entender a sua relação essencial com a liberdade, como se perguntava na primeira das duas perguntas, temos de olhar novamente para Zaquieu. Depois de a salvação ter entrado em sua casa, Zaquieu começa a olhar para aquilo que poderia parecer um obstáculo, que nos faria exclamar: «Mas tenho de usar outra vez a minha liberdade?!», de uma forma totalmente diferente. Como responderia? «Mas foi precisamente a liberdade o que descobri, em todo o seu valor, no encontro com aquele Homem, e que quero usar muito mais!» Finalmente uma paixão pela liberdade! Não um peso da liberdade. O cristianismo exalta a nossa liberdade. E então começamos a ter um olhar positivo sobre tudo, amigos! A salvação é aquele olhar que alcançou Zaquieu e que nos alcançou também a nós, que torna a vida diferente e nos faz olhar para cada coisa com uma positividade última. «O meu coração exulta porque Tu, Cristo, vives.»

Prosperi. «Como é que se faz para amar e ter respeito pela liberdade do outro, quando vês que o teu marido, embora tenha feito o encontro e tendo sido já tomado por Cristo, está bloqueado e não deseja mudar? Cheguei a odiar esta liberdade. Como é que se pode esperar a salvação, se tens à frente uma parede onde parece não abrir nenhuma brecha? E como é que se faz para estar diante do outro com ternura e misericórdia?»

Ou, dito por outras palavras: «Como é que se faz para esperar e respeitar a liberdade de um filho, quando vemos que se desorienta na vida e está triste e sozinho? O meu desejo é o de vê-lo feliz. Peço sempre o milagre da sua mudança, mas a espera de que a sua liberdade se mexa é muito longa, e a tentação é pedir a Cristo que a mudança aconteça agora.»

Carrón. Pede-o! Pede a Cristo que aconteça. Mas nem sempre os desígnios de Deus coincidem com os nossos, e nem sempre os outros estão disponíveis para a graça que Deus lhes dá. Há as duas coisas. Por detrás das perguntas feitas, está toda a dificuldade que nós temos diante da nossa liberdade e da dos outros, porque as coisas não se verificam de acordo com os prazos que nós temos na cabeça. Por isso, a coisa mais importante é identificar-se com Deus. Que angústia deve experimentar Deus, olhan-

do para as nossas tentativas desajeitadas, vendo o quanto resistimos! Ele já sabia que poderíamos resistir: corria algum risco, quando criou um ser livre! Mas por que razão é que Deus, apesar de tudo, não odeia a nossa liberdade e não a elimina da face da terra, mas a ama – tal como tu amas a liberdade do teu filho – e nos demonstra que a ama cada vez mais? Porque, como dissemos, sem liberdade a salvação não seria nossa, e por esta liberdade, está disposto a sacrificar tudo. Quando tu gostarias de bater com o teu filho contra uma parede porque de noite não pára de chorar, ou porque é teimoso como uma mula, tens de ir buscar todos os recursos do teu eu para não o fazer, só porque amas a sua liberdade. Ao contrário de Deus, nós muitas vezes odiamos a liberdade do outro – e também a nossa. Se as coisas não acontecem segundo os nossos desígnios, então pensamos que o marido ou o filho não podem realizar-se, não podem fazer o seu caminho segundo um desígnio diferente do nosso. Muitas vezes surpreendo-me a dizer, a quem me dirige este tipo de perguntas: «Podes meter as mãos no fogo de que a única possibilidade que há de que o Mistério leve o teu filho ao seu destino seja aquela que tu tens na cabeça?». Não encontrei ainda ninguém que respondesse que sim! Menos mal, significa que ainda usamos a razão como categoria da possibilidade: ou seja, admitimos que pode estar a escapar-nos alguma brecha através da qual o Mistério pode levar o nosso filho ao destino, sem lhe pisar a liberdade. Então, claro, a verdadeira questão tem a ver connosco; porque depois ele vai ter de se arranjar sozinho.

O que faz Deus com o homem que hesita, que complica, ou que se desvia do caminho? Torna-se próximo, exatamente como tu fazes com o teu filho: em vez de bater com ele na parede, de atirá-lo fora, olhas novamente para ele, recomeças e acompanha-lo como podes, tateando, e esperas. Por quê? Porque é teu filho. Em vez de odiar a nossa liberdade, Deus fez-se homem para se tornar nossa companhia, para colocar diante dos nossos olhos uma Presença que fosse mais fascinante do que tratar dos nossos assuntos, do que tudo aquilo a que estamos presos e que poderíamos dar-nos. Se Deus está distante, uma pessoa pode pensar em fazer aquilo que lhe apetece. Mas quando Deus entra na vida, como entrou em casa de Zaqueu – não é que Zaqueu não tivesse ouvido falar de Deus, mas era um Deus reduzido apenas a regras a respeitar –, a Sua proximidade torna possível uma mudança.

O ponto é estarmos diante dos nossos filhos como Jesus esteve diante de Zaqueu, quando entrou em sua casa. Cada vez que tiverem dificuldades com a vossa liberdade e com a dos vossos filhos, que não souberem o que fazer diante da presença do vosso marido ou da vossa mulher,

imaginem que estão diante dele ou dela, ou dos filhos, com a mesma certeza com que Jesus, desarmado, entrou em casa de Zaqueu, sem forçar nada, sem violência: «Posso ir a tua casa?». Mas para entrar assim naquela casa, para não sucumbir à rigidez, aos nervosismos, aos medos, que certeza do destino é necessária! Se nós procuramos outras formas para “entrar” na liberdade do outro – filho, marido ou mulher, o que quer que seja –, é por falta de certeza. Com efeito, é pela certeza da vitória, que decorre da relação com o Pai, que Jesus pode estar diante da nossa liberdade sem a odiar, continuando a bater à nossa porta. E bate, e bate, e bate ainda. E abraça-te, e perdoa-te, e acolhe-te, e olha-te novamente. Esperando, mendigando. Sem se deixar chantagear pelos teus caprichos e sem ceder a odiar a tua liberdade. A quem não agradaria, no caso de se desviar do caminho, encontrar uma presença destas na sua vida? Mas foi o que nos aconteceu, estamos aqui precisamente devido ao encontro com esta Presença que perdoa, que nos olha novamente. Quem a acolhe, na medida em que a acolhe, começa a amar a liberdade dos filhos, começa a amar a própria liberdade. É graças à certeza que Jesus introduziu na vida que, apesar de nós sermos coxos, podemos amar a nossa liberdade e a dos outros.

Por isso a questão fundamental é como é que podemos tornar-nos cada vez mais certos da ressurreição de Cristo, para não nos assustarmos diante da primeira dificuldade, pois tudo já foi vencido. Nós somos filhos de Alguém que ressuscitou! E portanto a vitória – isto é, a nossa salvação – já aconteceu. Quanto tempo será preciso para que esta vitória se espalhe e seja acolhida por homens livres, livremente: isso está nas mãos de Outro, a quem temos de nos abandonar, tal como Jesus se abandona ao desígnio de Outro até ao último momento: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem».¹⁷⁹ A alternativa para nós não é diferente daquela com que Jesus teve de se confrontar. Se nós não temos a certeza que Jesus tem da sua relação com o Pai, então irritamo-nos, puxamos da espada como Pedro e a violência explode de muitas maneiras. Mas Jesus detém-nos a mão, como fez com Pedro: «Embainha a tua espada, porque todos aqueles que usarem da espada, pela espada morrerão. Crês tu que não posso invocar meu Pai e ele não me enviaria imediatamente mais de doze legiões de anjos?». ¹⁸⁰ «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem», e abandona-se, seguro, ao desígnio do seu Pai.

¹⁷⁹ *Lc* 23,34.

¹⁸⁰ *Mt* 26,52-53.

Prosperi. «Disseste que temos de nos abrir a nós mesmos, olhar com simpatia para o humano que existe em nós, levar a sério aquilo que sentimos, e que este trabalho é crucial. Mas isto quer dizer que tudo em mim vai bem? O que significa olhar para a experiência “com olhar claro”, como diz Dom Giussani? Quando ressurgue toda a minha humanidade, sou tomada por um medo tremendo, quase um terror, de olhar para ela, de acolhê-la, de deixar entrar o outro, come se houvesse o risco de romper um equilíbrio subtil que construí. Como é que é possível responder com simplicidade a este movimento da minha humanidade que vem à tona sem ser dominada por ele?»

Carrón. Uma das conseqüências mais surpreendentes do meu encontro com o movimento foi descobrir que podia amar a minha humanidade, como julgo que aconteceu a qualquer de vocês quando foi objeto de um amor: ter feito a experiência de alguém que não se escandalizava com o humano que havia em vocês e que vos abraçava tal como eram. Mas todos, a certo ponto, adotamos uma medida: se vamos além de certos limites, fartam-se de nós, tal como nós nos fartamos de nós mesmos. Só Cristo olha com uma simpatia irredutível para a nossa humanidade. Por isso reconhecemos e continuamos a reconhecer a Sua presença. E é só a relação com a Sua presença que nos pode fazer olhar com simpatia para o humano que existe em nós. Até ter encontrado Dom Giussani, nunca tinha ouvido dizer: como é humana a minha humanidade!¹⁸¹ Desde então, não pude continuar a olhar para a minha humanidade sem este amor. Não é uma questão de esforço: é uma questão de amor à minha humanidade! Porque nós fomos bem feitos. Para ter simpatia pela nossa humanidade, é preciso olhá-la na sua originalidade, como Deus a fez, porque ela continua a ser tal e qual como foi desejada por Deus, amigos! Nem mesmo o pecado original e a influência da sociedade podem impedir que a nossa humanidade, quando em embate em alguma coisa que lhe corresponde, possa reconhecê-lo. Devido ao pecado original, a nossa natureza foi ferida, mas não foi destruída («A natureza humana não se encontra totalmente corrompida»,¹⁸² diz o Catecismo, ela «conserva o desejo do bem»¹⁸³). Caso contrário, não teria existido o cristianismo, e não estaríamos aqui hoje. É precisamente o facto de estarmos aqui que testemunha que a nossa estrutura humana original não foi anulada e que

¹⁸¹ Cf. L. Giussani, *Affezione e dimora*, Bur, Milão 2001, p. 42.

¹⁸² *Catecismo da Igreja Católica*, n. 405.

¹⁸³ *Ibidem*, n. 1707.

a nossa humanidade foi bem feita! Só se nós aprendermos a olhá-la deste modo é que podemos amá-la. Porque ela me faz reconhecer-Te, ó Cristo! Nenhum erro cometido pode impedir a minha humanidade de reconhecer Cristo quando surge diante dos meus olhos, nada pode impedir a minha humanidade de vibrar novamente diante d’Ele presente, quando embato naquele fenómeno de uma humanidade diferente na qual Cristo se torna presente agora. Quantas vezes o surpreendemos na nossa vida! Então, uma pessoa percebe a natureza e o valor da sua humanidade: ela é feita para O reconhecermos, é feita para ser enchida pela Sua presença.

Quando conheci Dom Giussani, que olhava assim para a sua humanidade, percebi finalmente por que é que a minha humanidade era tão importante e comecei a amá-la. Não é que desde então não tenha tido mais quedas ou não tenha feito reduções – pelo contrário! –, mas não diminuiu a minha estima pela humanidade que existe em mim. Muitas vezes dou por mim a dizer às pessoas: «Tu tens de olhar para ti como eu olho para ti, senão não está a olhar-te bem, mas sim mal». Não o digo porque eu me sinta bom ou melhor, mas simplesmente porque eu olho como fui olhado. A questão é se nós encontramos alguém que olhe bem para nós, com o olhar que Jesus teve para Zaqueu. O que não significa receber uma etiqueta para justificar tudo aquilo que fazemos. Não, não, não, não se trata disto. Procurar justificações para aquilo que fazemos é estúpido. Eu não quero que alguém justifique nada daquilo que faço (sobretudo os meus erros). Eu quero que alguém me olhe por aquilo que eu sou originalmente e me possa voltar a dar um olhar original sobre a minha humanidade, como Jesus. Por isso Ele entra em qualquer lugar escuro, em casa de qualquer Zaqueu do mundo, com uma simpatia última. Cristo não se deixa bloquear pelas nossas reduções, Ele sabe que por detrás do Windows está o DOS, ou seja, por detrás da aparência das coisas, por detrás de todos os erros de Zaqueu, está um coração, está uma estrutura humana que O espera e que O pode reconhecer. Por isso, nada de medo, amigos! Apareceu Alguém na face da terra em cuja companhia eu posso olhar para tudo, até para aquilo que eu tenho dificuldade em ter em consideração. Tudo, sem me escandalizar. É o exemplo que dão algumas das vossas cartas, e que recebi precisamente nestes dias, e que não leio por discrição: assim que uma pessoa se apercebe deste olhar sobre si, ainda que seja um entre vinte mil, começa a olhar para a sua humanidade com sinceridade, com positividade, até para aquilo que durante anos não conseguiu admitir nem para si mesmo. Para falar à humanidade de cada um não são necessários encontros “pessoais” num espaço privado. Dom Giussani falava em público, diante de todos, mas quando o ouvia, era

como se ele se estivesse a dirigir diretamente a mim, e isso libertava-me. Aquilo que é mais útil, a nível pessoal, é aquilo que é dito em público e que é dirigido a todos, dizia Dom Giussani.¹⁸⁴ O diálogo pessoal não é para prestarmos contas. Aquilo que tenho de dizer, digo-o a todos. E as pessoas sentem-se libertadas por isto. Aquilo que é verdadeiro, aquilo que é útil para a vida, podemos dizê-lo diante de todos, para podermos olhar juntos para aquilo que acontece, ajudando-nos a caminhar.

Prosperi. «Em que condições é que a tensão para sermos leais com nós mesmos não corre o risco de ser reduzida a um esforço voluntarista? A resposta a Cristo só é possível graças ao entusiasmo de um abraço recebido. No entanto, tu acrescentaste que não se trata de um automatismo. Como superar o medo de resistir? Como é que é possível abandonarmos-nos à iniciativa de Outro?»

Carrón. Para perceber estas coisas, basta simplesmente ver como é que nascem. Quando nascem de dentro da experiência, não são um esforço voluntarista: quando acontece um encontro decisivo, sou eu que não quero perder o olhar que me alcançou. Observem a vossa experiência: quando se apaixonam, não vão – sei lá eu – ao cinema com ela ou com ele por um esforço voluntarista. Ou quando um adepto vai ao jogo do seu clube – não digo qual, caso contrário desencadeio uma *bagarre!* –, fá-lo por um esforço voluntarista? Se alguém lhe dissesse: «Mas porque é que vais ao estádio, se está a chover, está frio e transmitem a partida na televisão?», aquele responderia: «Mas tu és estúpido! Não é a mesma coisa!». É uma tensão que nasce de dentro, não é voluntarismo: o adepto não quer perder a partida ao vivo! E não é que não lhe seja difícil. Deve ser muito mais difícil do que seria ficar na sua poltrona a vê-la na televisão. Não façam confusão: o facto de uma pessoa dar tudo por tudo, livremente, não

¹⁸⁴ «Lembrem-se que se aquilo que uma autoridade vos diz não vos toca, não vos alcança pessoalmente, como sendo uma interpelação pessoal, quando fala para todos, não é verdadeiro. Mesmo quando te encontras no seu gabinete, que está tão cheio de amizade, e de ternura e de afeição, são lengalengas. A direção espiritual pode ser uma “renovação”, quando é necessário, mas não pode substituir o facto de que a relação de autoridade que tem como interlocutor a pessoa, não o grupo, acontece precisamente quando fala a todos, não quando fala ao indivíduo. Falará ao indivíduo para suprir uma incapacidade que o indivíduo tem em aplicar as coisas, talvez; irá ajudá-lo nesse sentido. [...] Mas – lembrem-se disto – a interpelação pessoal que deve ser privilegiada é aquela que acontece em público, dirigida a todos» (L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza. 1975-1978*, op. cit., p. 384).

equivale de todo a um esforço voluntarista, porque então a alternativa seria não fazer mais nada. Não, não, não! Quem não faz nada é porque nada o apaixona, porque não ama nada. Este é o ponto. Quanto mais eu amo alguma coisa, menos é voluntarismo cada gesto seu. Quando falta este amor, cada acção permanece exterior a nós, como qualquer coisa que se acrescentou: eu faço-o porque não posso fazer de outra maneira, caso contrário não me pagam ao fim do mês, ou porque tenho um preço a pagar, caso contrário não me recebem. Mas isto acontece por falta de amor. Pelo contrário, quando uma pessoa vê nascer um amor, quando uma pessoa é abraçada, tudo se torna fácil; até que resiste, a um dado momento, rende-se, e então – como o Inominado – desata num copioso pranto. O ceder, o não resistir, é um abandono a um amor, como a criança que a dado momento se rende entre os vossos braços. O problema é de quanto tempo precisamos para nos rendermos. Custa mais – digo-o sempre – continuar a resistir do que ceder. Mas é a luta que cada um tem de fazer, à qual Deus não quer dar respostas antecipadas. Espera, espera, espera, como um mendicante, à porta do nosso eu.

Prosperi. «Que a pobreza é uma bem-aventurança foi uma descoberta vertiginosa. Por que razão é que na nossa experiência entendemos a pobreza como uma vulnerabilidade que não é desejável, em vez de a entendermos como uma confirmação do caminho feito?»

Carrón. Nós olhamos para esta vulnerabilidade sem verdadeira atenção à experiência. O nosso ideal, o *desideratum*, é não sermos vulneráveis, porque – quase sem nos darmos conta – concebemos a salvação como um já não ter mais sede, uma abolição do desejo. Mas que salvação seria aquela que nos privasse do nosso desejo? Não poderíamos chamar-lhe salvação. Por isso a exaltação do desejo, da nossa humanidade, é precisamente o sinal evidente da verdade de Cristo. Quando o cristianismo deixa de ser um facto relevante na história, volta-se com efeito a temer o desejo, como era antes do cristianismo. Num texto de 2016, que voltou a ser publicado no *Avvenire*, o filósofo e ensaísta Tzvetan Todorov, recentemente desaparecido, afirma significativamente a propósito do Iluminismo: «No Iluminismo há uma ausência de medida pela qual o perigo da *hybris* está sempre à espreita. [...] Em relação às Luzes, sinto a amargura de não ter sido suficientemente vigilante e, na alegria de partilhar muitas das suas ideias, não ter avaliado os seus excessos».¹⁸⁵ Parece quase um convite a re-

¹⁸⁵ T. Todorov, «Todorov e le ombre dei Lumi», *Avvenire*, 7 de março de 2017, pp. 1,24.

duzir a “desproporção” do desejo. O desejo humano é desproporcionado, e como tal é algo de perigoso para a vida do homem, uma *hybris*: é preciso redimensioná-lo, mantê-lo sob controlo. Quer dizer, não encontrando uma resposta adequada para a infinidade do desejo, a única alternativa para não ficarmos desiludidos passa a ser a de reduzir-lhe o alcance. Só o infinito feito carne, só Cristo, é capaz de salvar o desejo segundo toda a sua amplitude, precisamente porque é capaz de corresponder. Que Cristo desperte e relance constantemente o nosso desejo é portanto o sinal claro da Sua verdade. Nós, pelo contrário, pensamos: «Mas como, depois de ter encontrado Cristo, ainda tenho estes desejos?». Menos mal que ainda os tens, porque é precisamente isto que demonstra que Cristo é a resposta à nossa humanidade! Só aquilo que responde, o divino, pode manter viva toda a tua humanidade, toda a tua paixão, toda a tua nostalgia, todo o teu desejo, toda a tua pobreza original. Então a pobreza torna-se desejável, aparece-nos como uma descoberta vertiginosa. Ou tu preferias, como vos digo sempre, não teres saudades da pessoa que amas? No dia em que tu perdesse as saudades dele ou dela, seria o fim! O sintoma mais inenxorável de que acabou é precisamente o facto de que, a um determinado ponto, ele ou ela já não te faz falta.

Só Cristo torna possível o contínuo despertar do desejo: este é o sinal mais evidente da Sua diferença e da Sua verdade. Ele é o único capaz de salvar o desejo humano sem o reduzir. Todos os outros, as suas posições, no fundo – e nisto se revela a sua insuficiência – têm de censurar alguma coisa, uma parte da experiência humana: de alguma maneira, censura-se aquilo a que não se sabe responder; como o desejo é muito grande, procura-se reduzi-lo, se se for capaz. Mas quem é que consegue reduzi-lo como quereria? Tentem fazê-lo! Quando tiverem experimentado tudo, fiquem a saber que há uma alternativa: chama-se Jesus, o único capaz de fazer permanecer desperto o desejo sem ter de censurar nada.

Prospera. Cá está, precisamente esta última coisa que disseste toca no ponto que suscitou a maior parte das perguntas. Cristo faz crescer o desejo, não o reduz; nós sentimos aumentar os nossos desejos e isso é sinal de uma atitude de pobreza. Ao mesmo tempo, tu ontem falaste do facto de que pobreza significa possuir as coisas duma forma diferente. Como é que estas duas coisas se ligam, ou seja, o facto de que esta pobreza implica um desprendimento último das coisas, devido ao qual eu já não estou preso a nada, e no entanto eu desejo? E portanto, sobretudo as coisas que eu amo mais, como tu disseste antes, quero poder desejá-las mais. Isto é verdadeiro para os afetos, é verdadeiro também para os nossos projetos:

por que razão deveria ser errado fazer projetos na vida? Leio duas perguntas que exemplificam o problema.

«Se abandonamos tudo para O seguir, o que é dos desejos e das expectativas particulares em família, no trabalho, que todos os dias tentamos realizar? Como é que faço para me desprender dos projetos que, ainda assim, tenho de perseguir?»

«Que ligação existe entre a pobreza e o trabalho? Eu entendo o desprendimento como um falhar ao que as circunstâncias me pedem, imagino o desprendimento como algo de negativo.»

Carrón. Esta pergunta surgiu com muita força também nos Exercícios do CLU. Foi a primeira da assembleia: «Se no fundo o meu desejo é muito maior do que aquilo que eu imagino, se o meu desejo só encontra paz em ti, Cristo, então de que valem todas as outras coisas? Por que razão devo perder tempo atrás dos desejos quotidianos e particulares que encontro em mim?». Bastou-me fazer uma pergunta à rapariga que a tinha feito para que tudo sofresse uma reviravolta: «Tu já te apaixonaste alguma vez?». «Sim». «E quando te apaixonaste, que valor tinham as outras coisas? As coisas concretas e todo o resto da tua vida foram desqualificadas?». «Não». «Então em que é que ficamos? Que experiência fazes tu quando te apaixonas? As outras coisas ficam com um valor reduzido, ou são exaltadas?». «Reflorescem».¹⁸⁶

Veem? Amar Cristo, amar uma presença excepcional, ou seja, que corresponde finalmente ao desejo, não diminui o desejo, nem o valor ou os projetos da realidade. Pelo contrário, exalta tudo. Quanto mais Cristo entra na vida, mais torna tudo interessante. «Na experiência de um grande amor», disse-nos sempre Dom Giussani, fazendo suas as palavras de Guardini, «tudo se torna um acontecimento no seu âmbito»!¹⁸⁷ Até as coisas mais banais adquirem um alcance único. Amar Cristo não implica negar alguma coisa. Pelo contrário, exatamente porque Cristo me enche o coração de um modo absolutamente transbordante, com uma sobrea-bundância tal que não consigo sequer explicar como é possível, eu estou

¹⁸⁶ J. Carrón, *A te si volge tutto il mio desiderio*, Editrice Nuovo Mondo, Milão, janeiro de 2017, pp. 36-37.

¹⁸⁷ «Como dizia Romano Guardini, já tantas vezes citado por mim, naquela belíssima frase (é a frase mais bonita que já ouvi neste sentido, e é a mais sintética): “Na experiência de um grande amor, todas coisas se tornam um acontecimento no seu âmbito”. A grande razão pela qual tudo se torna um acontecimento no seu âmbito (isto é, determinada por ela) é a fé [...] e a fé é reconhecer aquela Presença: Cristo é o conteúdo da fé» (L. Giussani, *Certi di alcune grandi cose. 1979-1981*, Bur, Milão 2007, p. 398).

livre de todos os meus projetos. Meto as mãos na massa como nunca antes, meto-me todo em jogo, faço projectos empenhando toda a minha inteligência, a minha afeição, o meu desejo, a minha intuição, mas sou livre, porque não dependo daquilo que faço para estar contente. No trabalho vê-se isto claramente: no mundo pagão, o trabalho era uma coisa sem valor absolutamente nenhum, com efeito era reservado aos escravos. Quem se podia permitir, não trabalhava. O trabalho tinha uma acepção totalmente negativa. Quem é que introduziu um olhar novo sobre o trabalho? Cristo, quando disse que o trabalho é participação na obra de Deus. Não há maior valorização do que esta. Por isso não vive na pobreza, diz Giussani, quem não ama o próprio trabalho. Aliás, no desígnio de Deus, o trabalho é o instrumento para “obrigar” o homem a estar ao serviço, em função de alguma coisa maior do que ele. Dom Giussani faz uma comparação com o amor: Deus faz com que te apaixonas para que tu possas sair do teu egocentrismo. No mesmo sentido, Deus faz-nos sair da afirmação egocêntrica de nós mesmos obrigando-nos a “trabalhar para”. Mas a tentação que se apresenta é a de possuir o próprio trabalho. Por isso Cristo introduziu a pobreza como um desprendimento no trabalho, como um desprendimento nas relações ou, se quiserem, introduziu uma liberdade. Bastaria surpreender o que acontece quando Cristo entra na nossa vida – por isso sublinhamos termos como “dentro”, “imanente”, “reconhecer-Te dentro da minha experiência” –: faz com que te lances com todo o teu ser naquilo que fazes e, ao mesmo tempo, torna-te livre. É o máximo que uma pessoa pode imaginar: implicar-se, envolver-se, empenhar-se até ao fim em qualquer coisa e, ao mesmo tempo, continuar livre, sem que isto signifique desvalorizar aquilo que existe. É fundamental. Qual é, com efeito, o problema? A nossa ligação errada ao trabalho. Tanto assim é que quando o perdemos – como temos uma imagem daquilo que temos nas mãos, uma imagem do nosso papel – temos uma enorme dificuldade em aceitar outro tipo de trabalho, porque a nossa consistência encontrava-se no lugar que ocupávamos, no papel que tínhamos, no dinheiro que ganhávamos, etc.. E em vez de deixarmos que Cristo nos liberte da prisão destas imagens, permitindo-nos recomeçar onde for possível, preferimos sentir uma dificuldade enorme. Vê isto claramente quem acompanha as pessoas desde que perdem o trabalho até encontrarem outro; toda a dificuldade que elas sentem não depende do facto de não terem os *skills* necessários para encontrarem um outro trabalho, mas do facto de que têm de mudar de mentalidade: têm de tornar-se pobres, desprender-se da imagem que têm, caso contrário, nesta situação de mudança de época, não resistem. Mas o problema não é a época, e sim o estarem presas ao trabalho de uma determinada maneira.

Prosperi. A última série de perguntas tem a ver com a parte final da lição de ontem à tarde, ou seja, com a imagem da Fraternidade e os gestos.

«Muitas vezes me surge a pergunta sobre os gestos que fazemos juntos. O que é que propomos? Como é que o propomos? Que consciência é que temos do motivo profundo pelo qual procuramos momentos de comunhão? Como é que posso verificar se são úteis para mim e para os outros, ou seja, se nos estamos a ajudar àquele nível tão correspondente que descreveste no final da lição da tarde? De onde é que nasce um gesto e o que é que o torna um gesto de consciência?»

«Nós aderimos à Fraternidade há pouco tempo e ainda não temos um grupinho. Com que critério podemos escolher os amigos do grupinho de Fraternidade?»

«Como é que podemos ajudar-nos a estar cada vez mais na companhia do grupinho da Fraternidade?»

Carrón. É precisamente para que isto seja de ajuda que sublinhei que não podemos deixar para trás a nossa humanidade enquanto estamos a caminho, como se o sentido religioso, ou o coração, fosse alguma coisa que serve no início, mas depois, uma vez feito o encontro, já não serve.

A Fraternidade, como dissemos, tem um objectivo muito simples: ajudar-nos a caminhar na vida, e podemos verificar se isto acontece todas as vezes que estamos juntos. Todas as vezes, nós verificamos se os gestos nos ajudam a caminhar, ou não. Nós sabemos distinguir bem de quando rezamos as Laudes de forma distraída e não acontece nada, de quando, pelo contrário, rezamos estando presentes naquilo que dizemos, e acontece alguma coisa. Sexta-feira à noite, no início dos Exercícios, quis que, assim que entrássemos, cantássemos logo juntos: foi uma tentativa de educação a este estarmos presentes para aquilo que acontece. Assim como o canto desta manhã,¹⁸⁸ antes do *Angelus*, tinha o objectivo de nos ajudar a retomar a consciência do facto de que somos como uma bilha vazia. Nós “entramos” muitas vezes nos gestos de forma mecânica, com pressa de que acabem, pensando: «Temos de o fazer porque somos celinos, temos de o fazer porque nos ensinaram a rezar o *Angelus*» (lembram-se da “portagem” de que falava Dom Giussani?), ou seja, ali estamos como se não estivéssemos, e por isso o *Angelus* – assim como qualquer outro gesto – não nos muda em nada. Pensem se, em vez de entrar no salão de forma mecânica, uma pessoa perdesse meio minuto para dizer a si mesma: «A dor que sinto, a dificuldade que tenho, a dificuldade que vivo, o

¹⁸⁸ A. Mascagni, «Al mattino», *Cancioneiro*, op. cit., p. 219.

dia que me espera... », e depois rezasse o *Angelus* com esta consciência. Desafio-vos a verificar o que iria acontecer.

Acontece o mesmo com a Fraternidade. Quando é que me dou conta do seu valor? Quando vejo que me ajuda. A Fraternidade deveria ser um lugar onde cada um pode ser ele mesmo, onde pode apresentar as suas dificuldades, onde se sente ajudado pelo simples facto de participar nela, tanto que volta para casa diferente. Senão, que sentido teria para nós? Mas isto dificilmente acontecerá se andarmos distraídos, separados do fundamento humano, como dizíamos ontem. Aquele momento exige que nós não “estacionemos” a nossa humanidade, que estejamos em tensão para que aquilo seja útil para nós e para todos os outros amigos com quem estamos ali. Um gesto como este que estamos a viver juntos, por exemplo, é um grande exercício de humanidade: na medida em que estamos, nos envolvemos, estamos presentes, porque a salvação é impossível sem a liberdade. Por isso parti daquele texto lindíssimo de Péguy. Deus quer que nós colaboremos na nossa salvação, caso contrário nunca se tornará nossa. Por isso, se uma pessoa não se empenhar a si mesma e não verificar se as coisas que vive na Fraternidade a ajudam, não venha depois perguntar-me a mim se está contente ou não. São vocês mesmos quem o vê primeiro, antes de tudo. Não é que de repente já não tenhamos o critério para ajuizar aquilo fazemos quando nos juntamos!

Resta ainda uma pergunta. Com que critério podemos escolher o grupinho de Fraternidade? No fundo, para nós que encontrámos alguma coisa, escolher é um reconhecimento. Não decidimos à volta de uma mesa que coisa correspondia às exigências do nosso coração: encontramos-a à nossa frente e reconhecemo-la. Foi uma obediência nossa. Qual é, então, o critério para escolher o grupinho de Fraternidade? Reconhecer quem são as pessoas que te ajudam mais a realizar aquilo que queres para a tua vida, a seguir aquilo que te faz feliz. Se alguns companheiros de caminho te ajudam, és tu que o descobres. O Mistério não tem de enviar-te um anjo para te fazer perceber isso, nem deves perguntá-lo a mim. É o Senhor que faz vibrar a tua vida através destes amigos, fazendo que os sintas como uma ajuda para o teu caminho. Então é fácil: trata-se de responder àquilo que o Mistério te faz experimentar, como nos aconteceu quando seguimos a Fraternidade. O critério que me faz estar aqui é o mesmo com se escolhe o grupinho de Fraternidade.

Bom trabalho a todos.

Durante os Exercícios da Fraternidade em Ávila, Espanha, pregados pelo padre Julián Carrón, no Domingo 7 de maio teve lugar uma assembleia conclusiva, da qual propomos três perguntas e respostas.

Disseste que é preciso fazer um caminho para descobrir como presença vital a nossa humanidade e entender o grito que nos constitui. Disseste também que o primeiro passo é abrimo-nos a nós mesmos e olharmo-nos com simpatia. Eu tenho alguma dificuldade em perceber o que significa este olhar de que falas. Na realidade, tenho dificuldade também em entender quando falas de experiência genuína como ponto de partida, incitando-me a não me deter em sensações parciais, a ir ao fundo das verdadeiras necessidades, que posso reconhecer, por exemplo, quando vivo experiências dolorosas, que efetivamente despertam aquela exigência de significado que só Cristo pode colmatar. Quería perceber melhor tudo isto.

Julián Carrón. Posso fazer-te uma pergunta?

Sim.

Dado que estás aqui, quero aproveitar para dialogar contigo. Na tua vida, fizeste alguma vez a experiência de reparares em alguma coisa que nunca tinha notado antes? Tens de partir da tua experiência. A mim não me interessa responder às vossas perguntas, digo-vos sempre isso, mas ajudar-vos a perceber como é que vocês mesmos podem responder. Lembra-te de algum momento em que te surpreendeste a perceber alguma coisa que já ali estava, mas que antes não conseguias ver?

Sim.

Este é o ponto de partida. E o que é que te permitiu ver aquela coisa? Onde é que aprendeste aquele olhar? Quer dizer, o que é que te permitiu ter aquele olhar de que agora me falas?

Em primeiro lugar, ter ouvido alguém que me dizia que se pode olhar para as coisas de maneira diferente.

E onde é que ouviste isso? Na universidade, a fazer yoga, no cinema?

Não. Aqui, convosco.

O facto é que, amigos, a história é realmente concreta! Quando falamos de uma história particular, referimo-nos a um determinado lugar. Tu viveste aqui aquela experiência. Porquê aqui? Se não fizerem este trabalho sobre as coisas que vos acontecem, não encontrarão resposta para as vossas perguntas, porque tudo continuará a ser uma abstração. Na tua opinião, porquê aqui?

Porque vocês olham assim.

Nós, e porquê nós? O que temos nós que os outros não têm? Já terás conhecido muitas pessoas na vida, mas então por que é que só connosco é que fizeste esta experiência? O que temos de diferente?

Dá-me arrepios dizer isto, mas é como tivessem Cristo mais próximo.

Temos Cristo mais próximo ou Cristo está aqui?

Está aqui.

Este é o nosso grande problema. Se não percebermos isto, não entenderemos a natureza do cristianismo, e tudo se tornará numa grande abstracção. A samaritana tinha encontrado muitas pessoas na sua vida, mas só pôde olhar de verdadeiramente para a sua sede quando se encontrou diante d'Ele. A hemorroíssa tinha procurado muitos médicos e nenhum tinha conseguido curá-la. Isto não a tinha bloqueado na sua busca e, com efeito, tinha continuado a procurar. Como não podia desistir, porque a vida urgia, porque sofria, porque tinha dores, porque sabia que existia uma possibilidade para ela de ficar melhor, quando ouviu falar de uma pessoa, real, concreta, histórica, que fazia certas coisas, correu, desejosa de lhe tocar ainda que apenas na orla do manto. Quem é que lhe permitiu estar diante da sua doença sem a censurar? Teve por acaso de censurá-la para entrar em relação com Cristo? Não, foi precisamente a sua doença que a levou a entrar em relação com Cristo, não o deixá-la de parte no armário da vida. Até porque não podia deixá-la de parte, sentia a dor dentro de si, não podia levantar-se de manhã sem a urgência de encontrar resposta para aquela situação. Como seria diferente a vida se cada um de nós sentisse esta dor ou esta enfermidade! A dor urgia de dentro. E isto impelia-a a procura-l'O. Mas pôde olhar a fundo para a sua doença, não precisou de reduzir a própria humanidade, só diante da Sua presença. Ela aprendeu este olhar completo sobre si mesma estando diante de uma Presença; uma lealdade completa para consigo, para com a sua verdadeira necessidade, só foi possível diante de uma Presença. Como acontece também a nós: quando não temos a presença de Cristo diante dos olhos, não somos capazes de olhar para a nossa dor.

Há alguns anos, Rosa Montero escreveu um artigo no *El País* no qual, recordando um episódio da sua vida, a um certo momento diz: «Desejar é sempre uma armadilha». Por isso é melhor não levar em consideração o próprio desejo. E acrescenta: «Desejar é sempre um problema, e é ainda pior quando os desejos se realizam». Depois cita Santa Teresa – e como poderíamos não a citar, aqui em Ávila? –: «Choram-se mais lágrimas pelas orações atendidas do que pelas não atendidas». Porquê? Porque quando uma pessoa recebe uma resposta e se dá conta de que esta não é suficiente, é então que começa o problema. Se eu estou à espera que alguém satisfaça um desejo meu, e este alguém chega, mas na realidade o meu desejo não é satisfeito, então o problema cresce, não diminui. «É por isso, por esta exasperante falta de confiança nos desejos e pela sua

infinita capacidade de nos ferir de uma maneira ou de outra, que algumas religiões e filosofias orientais preconizam a sua recusa». Nesta época, estamos a voltar a certas religiões que, para evitar o sofrimento, convidam a não olhar para o humano. Vai-se o dente, vai-se a dor. Se não o tomar em consideração, não o tenho. Como se disséssemos: «A hemorroíssa não olha para a sua doença, portanto não a tem». Ou: «Não penso na minha sede, portanto não a tenho». Não desejar é igual a não sofrer. Se alguém estiver convencido dum raciocínio deste tipo, que o aplique: verá depois o que acontece na sua vida. Mas depois Rosa Montero dá-se conta de que «nós, ocidentais, pensamos que o desejo é o motor da vida, e que a paz que se pode alcançar prescindindo dele se assemelha demais à tranquilidade do cemitério». O que fazer, então? «Talvez o ponto da questão esteja em desejar dentro do nosso horizonte.» Eis a solução proposta: regular o desejo, como se regula o aquecimento. «Desejar aquilo que podemos obter de forma razoável, aquilo que está ao nosso alcance. Quer dizer, aprender a desejar aquilo que temos».¹⁸⁹ Num instante, o homem, a natureza original do homem, é anulado. Já não existe o eu. O eu, com a sua exigência original, é deitado fora.

Nós não estamos aqui nos Exercícios Espirituais para estarmos com os olhos no céu e uma cara triste, estamos aqui para dialogar com o pensamento moderno em toda a sua profundidade e a sua densidade. Não nos isolamos para ver como nos defendermos da realidade. Não viemos aqui para nos defendermos da realidade, mas para olhá-la de frente. Cada um tem de decidir. O que é que nos permite olhá-la de frente? Então, talvez, uma pessoa começa a perceber o título dos Exercícios. A letícia só é possível pelo facto de que Cristo existe. Porque Ele é o único que salva o desejo, o único que teve a audácia de olhar para o desejo da samaritana, o único que nos permite olhar para o nosso desejo; senão, voltamos ao paganismo anterior a Cristo: o desejo é uma *hybris*, algo de muito perigoso, portanto contentemo-nos com menos do que isso.

Há uma cena de um filme de Ingmar Bergman, *Fanny e Alexander*, que sempre me impressionou. Perto do fim do filme há um almoço, e um dos protagonistas diz: «Nós, Ekdahl [é o nome da família] [...] não viemos ao mundo para o perscrutar a fundo. [...] Nós não estamos preparados, equipados para certas averiguações. [...] Nós viveremos em ponto pequeno..., no pequeno mundo. E contentar-nos-emos com isso». A coisa melhor seria contentar-se; a vida seria feita para isso: ser-se feliz quando se é feliz, quando se consegue sê-lo, e sermos amáveis, generosos,

¹⁸⁹ R. Montero, «La piscina que no fue y otros deseos», *El País*, 18 de abril de 2010.

ternos, bons. E em que consistiria a felicidade? Explica-o logo a seguir: «Desfrutar deste pequeno mundo, da boa cozinha, dos sorrisos doces, das árvores de fruto que estão em flor, ou até de uma valsa».¹⁹⁰ Esta é a proposta, exatamente como a do paganismo anterior a Cristo. Quando Cristo desaparece do horizonte, quando já não conseguimos vê-lo, não nos resta senão adequarmo-nos, contentarmo-nos com valsas melódicas, com árvores de fruto em flor e com um bom almoço. Vejam vocês se isto responde à necessidade que têm. É este o ponto em que nos encontramos. O desafio não é de outra natureza, não se confundam, não estamos aqui a discutir coisas marginais: estamos a tentar descobrir o que é a vida o que é que lhe responde. Então, olhá-la, que eu possa olhá-la, é já o primeiro sinal da Sua presença.

Por isso, se tu te dás conta, surpreendendo-te, que, no meio da cultura que nos rodeia (de que estamos também nós cheios e que nos repete: «É melhor não me interrogares, porque eu não estou equipada para considerar as tuas perguntas, censuramo-las, distraímo-nos com as coisas, assim resistimos melhor»), existe um lugar onde se pode olhar para todo o humano que há em nós, pergunta-te porquê.

Ajudou-me muito e tocou-me muito o segundo ponto da primeira lição, quando falaste do perdão, porque muitas vezes, na minha vida, me vi dominado pela experiência do perdão, pela surpresa do perdão, como o Inominado. Mas também me revii no Mañara, que encontrou Jerónima como eu encontrei o movimento, e já lá vão vinte anos, mas vejo que na minha vida há coisas que eu fiz mal e que deixaram marcas; isso vê-se, vê-se que o teu mal foi capaz de suprimir uma vida. E nesse momento sentes que não há perdão, chegas a sentir que não podes ser perdoado, odeias-te a ti mesmo. Disseste que problema é que nós não nos abandonamos. Eu acho que isso é porque muitas vezes estamos cheios de nós mesmos. Na confissão abandonas-te, abandonas-te sempre, não é um mecânico, é um abandonar-se totalmente. Eu acho que é uma revolução viver assim. É a maior libertação. O que é que permite que nos abandonemos a este ponto? Porque vejo que neste ponto se joga muito, eu jogo-me muito.

Percebem por que é que Péguy diz que Deus quer que a salvação seja nossa? É normal que uma pessoa, se se dá verdadeiramente conta do próprio mal, quanto mais é consciente dele, mais vê até que ponto não pode ser perdoada e como não o pode eliminar. Eu não o apago do qua-

¹⁹⁰ *Fanny e Alexander (Fanny och Alexander, SV-FR-RFT 1982)*, realização de Ingmar Bergman.

dro passando uma esponja. Ele volta. Por isso a culpa sempre foi uma experiência muito humana: basta, com efeito, que eu ame uma outra pessoa para que sinta toda a dor pelo mal que fiz à pessoa que amo, não àquela que não amo. Em quantas ocasiões vemos pessoas que praticaram o mal, por exemplo, num atentado terrorista, e que o levam sempre consigo. E nem sequer o ter cumprido toda a pena aplicada consegue sanar a ferida que o mal deixou. Certas coisas que um homem fez não desaparecem com o tempo; aliás, quanto mais o tempo passa, tanto mais ele se dá conta do mal que fez, das feridas que causou e que não pode remediar, porque não pode ressuscitar a pessoa que matou, não pode trazê-la de volta aos que sofrem e o odeiam porque a perderam. Aqui estamos diante de uma questão crucial e, se não conseguimos resolvê-la, não há possibilidade de paz. Entendo então a revolução que Jesus introduziu na vida. Qual é a resposta de Deus ao nosso drama? Não uma abstracção, não uma análise psicológica, não uma teoria, mas uma história específica, uma presença humana, concreta, que te diz: «Os teus pecados são-te perdoados». Percebem o rasto de alegria que percorre cada página do Evangelho? Nunca se viu coisa igual. É de tal forma para lá de qualquer imaginação que quase nos escandaliza. Vem-me sempre à cabeça uma pessoa que tinha sofrido as consequências de um atentado, com sete projéteis no corpo, e quando ouvia algum de nós, em Itália, falar de misericórdia, revolviam-se-lhe as entranhas: «Mas como?! O que estás a dizer?!». O que nós dizíamos não curava a sua ferida. O que é que lhe permitiu olhar para a ferida e libertar-se daquele mecanismo infernal em que estava presa, daquela engrenagem da qual não conseguia sair, porque quanto mais vivia mais lhe voltava a aparecer aquela cena diante dos olhos? Dizia, com efeito: «Eu não conseguia acordar de manhã sem que me viessem à cabeça as cenas de horror que tinha vivido, ou que tinham vivido outros e me tinham contado, todos os rostos do sofrimento das pessoas». Mas a um dado momento, depois de uma convivência com alguns amigos nossos, começou a abrir-se a uma outra perspectiva: «Desde que vos conheci, a primeira coisa que me aparece diante dos olhos quando acordo de manhã são os vossos rostos felizes». Não houve outra forma de sanar a ferida: uma história particular, rostos de pessoas felizes, que a libertaram da engrenagem em que estava presa, e finalmente pôde sair, pôde libertar-se dos grilhões que a aprisionavam. O que é que permite esta libertação? Uma graça, como eu dizia ontem, a fâisca que nos dá um instante de pobreza de espírito. Mas isto, como vemos no *Miguel Mañara*, não acontece de uma vez por todas. Na maior parte dos casos, não acontece assim. Por isso Miguel Mañara volta a casa do aba-

de, depois deste o ter confessado e absolvido, para se lamentar dos seus pecados, como nós nos lamentamos dos nossos. E o que lhe diz o abade? Repete-lhe o juízo que lhe deu a Igreja no dia em que se confessou: «Os teus pecados foram-te perdoados, tudo isto nunca existiu». A Igreja não usa uma linguagem vazia, as suas palavras não são palavras ao vento, são um juízo: tudo isto foi perdoado. Mas este juízo tem de entrar nas entranhas do eu; por isso é uma luta aquela que Mañara combate para aceitar, para acolher, para abraçar, para se abandonar a este juízo. Aqui está todo o trabalho que cada um tem de fazer. Cada um de nós sabe que foi perdoado, mas deve voltar a ouvir o anúncio deste perdão, deve voltar a reconhecê-lo presente, deve tê-lo novamente diante dos seus olhos, deve desafiar continuamente a sua dor com esta boa notícia: «O facto é que tu pensas em coisas que já não existem (e que nunca existiram, meu filho [os teus pecados foram-te perdoados!]). Tudo isto nunca existiu».¹⁹¹ É preciso desafiar qualquer remorso, de cada vez, com esta verdade, que é a verdade sobre nós mesmos, em relação à qual temos ainda resistência a ceder. É como se uma pessoa dissesse: «Duvido da beleza destas montanhas». Se as montanhas pudessem falar, responderiam: «Mas a nós o que nos importam as tuas dúvidas? As tuas dúvidas não mudam a realidade da beleza que somos». Como modernos que somos, pensámos que éramos nós, com o nosso pensamento, a decidir o que é a realidade, e que esta é real porque nós a pensamos. Não, a realidade é real se for real. Se não for real, ainda que tu a penses, não é real, porque tu não a tornas real. «Os teus pecados foram-te perdoados». O problema será o tempo de que tu necessitarás para te converteres ao que é real (neste caso, ao facto de que os teus pecados já não existem), e portanto, para deixares Cristo entrar na tua vida. Porque o olhar que define a vida com verdade é aquele que Jesus introduziu, mas eu tenho de aceitá-lo. E isto não pode acontecer sem a minha liberdade. Aquele olhar não pode ser meu sem mim. Deus, que nos criou sem nós, não nos pode salvar sem nós. Esta é a liberdade necessária para que a salvação seja nossa. Por isso vos pergunto sempre como é que podem viver sem ler o trecho em que Dom Giussani fala do «sim de Pedro».¹⁹² É preciso relê-lo, precisamente para responder ao que tu perguntas. Eu preciso de relê-lo para olhar novamente para mim como Jesus olhava para Pedro, devo tornar a lê-lo para poder olhar para

¹⁹¹ Cf. O. Milosz, *Miguel Mañara*, Jaca Book, Milão 1988, pp. 48-63; citado em L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 87.

¹⁹² L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 82ss.

mim realmente, ou seja, para poder olhar para mim mesmos como Ele me olhou e como Ele me olha agora. Se não deixarmos entrar a Sua presença, não há nada a fazer. Quando estiverem tristes, releiam-no, para reconhecer a Sua presença, porque sem o reconhecimento da Sua presença não há nada a fazer. Quando estiverem desconfortáveis e sentirem que não podem ser perdoados, devem voltar a ler o «sim de Pedro», como mendicantes, agradecendo: «Ainda bem que estou triste, desconfortável e me sinto impossível de ser perdoado, porque de outra forma não teria voltado a lê-lo, não teria sentido a urgência, teria pensado que já o sabia». Eu volto sempre a lê-lo para entender toda a gratuidade com que Ele me perdoa. Ele perdoa-nos e deixa-nos todo o tempo de que precisamos para O acolher, para ceder ao Seu perdão, ao Seu abraço.

A presença de Cristo que descreves, é o quê? Como é? Tem a ver com a carne, com a circunstância, com a história, com os homens, ou Cristo está, mas não se vê e não se toca? Coincide com a carne, com o outro, ou é como que um acrescento, que prescinde desta carne? Para me explicar melhor, na canção de ontem, Andare..., Chieffo está a falar de Dom Giussani, do homem Luigi Giussani. «Os teus olhos viam tudo e falavam ao coração, / as palavras traziam o fogo e a vontade de ir... ir.»¹⁹³ Parece evidente a carnalidade da Sua presença quando falas dos primeiros que seguiram Jesus, de João, de André, de Pedro. No entanto, quando falas da Sua presença hoje, como é que consegues concretizá-la numa carne com nome e apelido? Gostaria que pudesses concretizar melhor isto na nossa experiência, na nossa história, para nos ajudar a identifica-la, cada um individualmente e todos juntos, como companhia.

Como é que João e André teriam respondido à tua pergunta se Cristo é alguma coisa que tem a ver com a carne?

Que coincide com a carne.

Coincide com a carne. Como diz Dom Giussani, «é numa carne que nós podemos reconhecer a presença do Verbo feito carne; se o Verbo se fez carne, é numa carne que nós o encontramos»,¹⁹⁴ é numa realidade humana. Mas não numa realidade qualquer, mas sim numa realidade humana revestida e transformada por Cristo. Ele torna-se presente na história através daqueles que escolhe e que O reconhecem e O acolhem – eis novamente a liberdade –, e são mudados por Ele. Basta pensar naquilo que aconteceu a cada um de nós. Por que é que estamos aqui? Porque

¹⁹³ C. Chieffo, «Andare...», em P. Scaglione, *La mia voce e le Tue parole*, op. cit., p. 272.

¹⁹⁴ L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, op. cit., p. 123.

embatemos numa humanidade diferente, numa forma de viver, de estar juntos, de encarar os problemas, de olhar para a nossa necessidade e a dos outros que nunca tínhamos visto antes. Deparámo-nos com traços tão humanos que ficámos magnetizados e não conseguimos evitar perguntar-nos o que originaria aquela diferença de vida tão perceptível. Em suma, não foi uma realidade humana de *per si* o que nos atraiu, mas uma humanidade plasmada por Cristo, com uma determinada marca, feita de gente com muitos nomes e apelidos, que se juntou para o testemunho de um homem concreto, como tu relembraste. Mas isto faz-nos perceber uma coisa decisiva: tal como Cristo se tornou persuasivamente presente para nós através de Dom Giussani, e de tantos outros que o seguiram, da mesma maneira Cristo se torna presente agora através do nosso sim, do nosso seguimento vivido. Cristo não é uma etiqueta que aplicamos a uma forma qualquer de estar juntos ou de encarar as circunstâncias: Ele dá testemunho de Si através da mudança que provoca na carne da nossa vida, se O deixarmos entrar. E é fácil reconhecê-l’O em acção, os seus traços são inconfundíveis. Assim como há uma forma de estar juntos – na distração, no esquecimento, ou na presunção – que não Lhe rende glória.

O ano passado impressionou-me muito uma coisa, que depois contei num artigo.¹⁹⁵ Um imigrante muçulmano chega a Itália e é destinado a um centro de acolhimento. Um voluntário pergunta-lhe: «Quer carne ou peixe?». E ele desata a chorar. Não era um sentimental. «Porque choras?», perguntou-lhe; e ele conta que trabalhou dezoito anos com um patrão que o tratou sempre à paulada. Mas agora, entre os “infiéis”, alguém lhe chamava finalmente pelo seu nome e lhe perguntava até o que queria escolher do menu. «Estas pessoas poderão alguma vez ir para o inferno?», foi a sua pergunta final. Quando contava isto durante uma conversa em Itália, disse: «O que é que aquele homem entendeu? Que esta coisa não teria podido acontecer se o Verbo não se tivesse feito carne». E alguns diziam-me: «Nada de exageros, por favor! Depende da nossa educação. Nós somos assim porque fomos educados a acolher as pessoas». Não, não é uma questão de “boa educação”, e é preciso vir alguém de fora para nós nos darmos conta daquilo que recebemos e que passou a fazer parte da nossa forma de olhar para a realidade. Trata-se de alguma coisa que não teria acontecido, que não nos pertenceria, se Cristo não tivesse entrado na história. Mas também nós perdemos a consciência

¹⁹⁵ Cf. J. Carrón, «O Natal dos crentes, gestos de humanidade que movem o coração», *Corriere della Sera*, 23 dicembre 2015, p. 35. (o texto em encontra-se no site de Comunhão e Libertação, NT.)

disto. De facto, o diálogo que acabei de citar aconteceu com pessoas do movimento!

Depois da primeira lição dos Exercícios em Itália, chegou-me esta mensagem através de um amigo: «Se tiveres oportunidade, leva os meus agradecimentos ao Julián. Se tivesse podido, tinha-lhe lavado os pés, como Madalena, com as lágrimas que deitei. Nem sequer no primeiro encontro vi com tanta evidência a presença de Cristo e o desejo tão grande d’Ele como vi hoje». Quantas vezes, no encontro com alguém, nos surpreendemos a dizer isto. Cristo não está “prescindindo de”, ou “ao lado de”, mas está “dentro de” uma carne. Cada um tem de ver onde acontece para si, onde O descobre, onde lhe é dado, através de que mãos lhe é trazido agora. Caso contrário, seremos como os discípulos logo a seguir à Ressurreição: tudo aquilo que tinham visto, inclusivamente todas as vezes que tinham comido e bebido com Ele, não bastava para vencer a sua tristeza. Só a Sua presença presente pode vencê-la. Por isso a questão é decisiva. É por isso que, quanto mais o tempo passa, tanto mais nos interessa participar nesta história. O interesse por esta história coincide com o interesse pela experiência da Sua contemporaneidade. Às vezes o último a chegar, como o imigrante que citámos, apercebe-se do valor da nossa companhia mais do que nós próprios, que estamos dentro desta companhia. O último a chegar reporta à nossa consciência aquilo que em nós se ofuscou, e por isso perguntamos onde está Cristo, se na carne ou noutra sítio. Então, o problema é se diante de mim, ou quando estou num determinado lugar com os amigos – ali, não fora, não ao lado, não depois, mas naquele momento – acontece alguma coisa devido à qual eu não posso deixar de sentir dentro de mim uma tensão exasperada para dizer o Seu nome. Cada um deve identificar onde acontece, com quem acontece, dentro de que carne é que Cristo me alcança hoje.

SANTA MISSA

Leituras da Santa Missa: At 2,14,22-33; Sal 15; 1Pt 1,17-21; Lc 24,13-35

HOMILIA DO PADRE FRANCESCO BRASCHI

Tinham um único desejo: afastarem-se daquela cidade que tinha sido o palco do seu falhanço, além da morte de Jesus. Tinham os olhos tristes por se terem dado conta de que tinham esperado em vão e de que agora estavam vazios, de que não sabiam o que esperar mais. Durante muitos meses, tenazmente, ilusoriamente, tinham cultivado a esperança num Jesus libertador, mundano e político, apesar de o mesmo Jesus ter feito sempre de tudo para desmentir estas suas ideias sobre Ele.

Eram mesmo néscios e lentos de coração!

Néscios, isto é, incapazes de compreender a realidade (o adjectivo utilizado não indica tanto uma qualidade moral, mas sim uma incapacidade no que respeita ao conhecimento), e lentos de coração, ou seja, com um coração incapaz de bater mais depressa, de se apaixonar por alguma coisa diferente da imagem que tinham na cabeça.

Não admira que não tenham reconhecido Jesus, que os ajudava na sua fuga de uma realidade agora tornada insuportável. Mas será que O tinham alguma vez conhecido verdadeiramente? Em todo o caso, bem depressa O tinham envolvido, aprisionado nos seus sonhos quando ainda estavam com Ele.

E agora Jesus estava reduzido a um tema de discussão, talvez até de litígio entre eles, em busca – pela enésima vez – de alguém ou alguma coisa a quem atribuir a culpa do falhanço deles.

E no entanto, Cristo ressuscitado aproxima-se ainda deles, precisamente deles.

É ele que retoma a iniciativa, que desperta neles o desejo de uma companhia acima de tudo humana, que lhes mostra que a realidade tem ainda alguma coisa a dizer ao seu fechamento. Reconhecem-no pelo partir do pão. No gesto da Eucaristia, mas também da multiplicação dos pães. Ou seja, no voltar a acontecer duma experiência de uma plenitude inimaginável, de uma doação de Cristo sem limites, precisamente a eles.

Isto volta a pô-los no caminho. Volta a dar sentido àquela companhia da qual se tinham afastado, à qual desejam agora regressar, onde encontram uma confirmação da sua experiência de encontro com Cristo.

Também connosco, nestes dias, Cristo voltou a tomar a iniciativa, ajudou-nos no nosso caminho, ofereceu-nos no testemunho do padre Ju-

lián palavras capazes de fazer novamente irromper o pedido e o desejo do nosso coração.

Nem mesmo a luta nos assusta, se formos leais com aquilo que está a acontecer agora. Cristo, *vir pugnator*, ainda, aqui e agora, parte o pão por mim. A Sua aproximação, a Sua doação no pão partido é a única certeza sólida pela qual podemos verdadeiramente ser felizes.

Apesar de tudo, apesar de nós mesmos, felizes.

MENSAGENS RECEBIDAS

Caríssimos,

uma pessoa não pode dar-se a si mesma a alegria. É uma evidência clara. Pode apenas pedir a graça de a receber como dom. Além disso, a alegria exige que este dom responda ao nosso coração e, portanto, seja um dom presente. Jesus é o dom pessoal que surpreende a existência de quem O acolhe, e a alegra com a sua alegria incomensurável. Nada, nem mesmo a dor, as fragilidades e o pecado são objeções ao crescimento, com o passar dos anos, da alegria como dimensão criativa do coração do qual jorra a vida verdadeira.

Desejo a cada um que experimente cada vez mais a identificação com o rosto do Servo de Deus Monsenhor Luigi Giussani.

Com afeto, uma bênção especial

S.E.R. cardeal Angelo Scola

Arcebispo de Milão

Caríssimo padre Julián Carrón,

que chegue a ti e a todos os amigos do movimento a minha saudação e a minha oração pelo bom resultado destes Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Estou unido a vós no caminho do carisma que mudou a nossa vida e que nos fez apaixonar pelo anúncio de Cristo morto e ressuscitado no mundo e no serviço à Igreja.

O tema destes exercícios: «*O meu coração exulta porque Tu, Cristo, vi-ves*» propõe-nos o facto dominante da nossa vida, a fonte da paz e da alegria que, como nos recorda o Papa Francisco na *Amoris Laetitia* é uma «dilatação da amplitude do coração» (*AL*, 126). Isto acontece hoje na comunhão com o carisma no grande corpo da Igreja. E assim tudo é diferente e mais verdadeiro nas circunstâncias nas quais o Senhor nos chama a viver. Para mim, também na complexa situação em que se opõem, falsamente, a saúde e um trabalho digno.

Cheio de confiança, peço para todo o movimento o dom do Espírito e a disponibilidade para seguir o passo que tu nos apontas.

Invocando sobre todos vós a bênção do Senhor e a proteção da Mãe de Deus,

saúdo-vos cordialmente

S.E.R. monsenhor Filippo Santoro

Arcebispo Metropolitano de Taranto

Caríssimo padre Julián,

O título escolhido para estes Exercícios da Fraternidade exprime a certeza que acompanha a nossa vida: *O meu coração exulta porque Tu, Cristo, vives*. Nestes tempos cheios de desafios para a nossa fé, como é belo e apaziguador voltar todos os dias a reconhecer a Presença que nos permite viver e respirar em cada circunstância!

Estou próximo de ti e de todo o povo gerado pelo carisma do Servo de Deus Dom Giussani, e acompanho-vos com a minha oração: que Nossa Senhora desperte em cada um de nós «a alegre certeza» que só Cristo torna possível, e o Espírito nos torne testemunhas apaixonadas para os homens nossos irmãos.

S.E.R. monsenhor Corrado Sanguineti

Bispo de Pavia

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade Papa Francisco

Santidade,

aproveitámos o gesto mais importante do nosso movimento, os Exercícios da Fraternidade de CL – nos quais participaram 22 mil pessoas em Rimini e outros milhares através de ligação via satélite, de 16 países – para tornar cada vez mais nosso o conteúdo da carta que nos enviou no final do Jubileu da Misericórdia. Identificando-nos com o seu apelo à pobreza, «necessária porque descreve o que temos verdadeiramente no coração: a necessidade d’Ele», revivemos a experiência dos pobres do Evangelho – Mateus, Zaqueu, a Samaritana –, que reconheceram Cristo como a única resposta adequada à necessidade que eles próprios eram.

Na memória viva de Dom Giussani, aprofundámos a experiência de pobreza que nos propôs como sendo gerada pela atração que Jesus exerce na nossa vida (a querida alegria sobre a qual se fundam todas as virtudes): a esperança certa de que Deus cumpre o desejo do coração torna-nos alegres – aquela alegria que jorra da Páscoa, como nos recordou o cardeal Menichelli durante a celebração eucarística – e pobres, ou seja, livres da posse das coisas porque, tendo encontrado Cristo, já nada nos falta.

Retomámos depois as palavras da sua carta sobre a urgência da «partilha com os necessitados», à qual nos educamos constantemente através de gestos concretos: partilhando a necessidade dos idosos, crianças, doentes e pobres, vemos o quanto essa necessidade é desmesurada.

A *Evangelii gaudium* acompanhou as nossas meditações, recordando-nos que só Cristo presente é «o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano» e que todos têm o direito de o receber, sem excluir ninguém, como Vossa Santidade nos testemunhou precisamente nestes dias no Egito.

Gratos pela sua mensagem e a sua bênção, continuamos a rezar para o sustento do seu ministério universal. Trinta e cinco anos depois do reconhecimento pontifício, voltamos a entregar todas as nossas pessoas nas suas mãos: use-nos, Santidade, para dilatar aquele abraço positivo a todos e a tudo o que nasce, como impacto, do sermos inteiramente possuídos pelo amor de Cristo «transbordante de paz».

sac. Julián Carrón

Sua Santidade Papa emérito Bento XVI

Santo Padre,

o conteúdo dos Exercícios da Fraternidade foi a carta que o Papa Francisco nos enviou no final do Jubileu da Misericórdia, na qual nos interpelava a viver a pobreza como «necessária porque descreve o que temos verdadeiramente no coração: a necessidade d’Ele». Desta pobreza, que só nasce do sermos ricos em Cristo, continua a ser testemunha para nós: nada falta a quem foi revestido da grande Presença. Por intercessão de Dom Giussani, peçamos a Nossa Senhora que encha de alegria os seus dias, e a si uma bênção para toda a nossa Fraternidade em caminho no hoje da história.

sac. Julián Carrón

S.E.R. cardeal Angelo Bagnasco

Presidente da Conferência Episcopal Italiana

Eminência caríssima,

nos Exercícios Espirituais da Fraternidade, que reuniram em Rimini 22 mil pessoas, meditamos sobre o apelo à pobreza do Papa Francisco na carta que nos enviou na conclusão do Jubileu da Misericórdia, ou seja, ao essencial da vida cristã, ao «que temos verdadeiramente no coração: a necessidade d’Ele». Sentimos como dirigido também a nós o convite do Papa à Acção Católica: «Partilhar a vida das pessoas» para «mostrar que é possível viver a alegria da fé», testemunhando-o nas circunstâncias quotidianas da vida.

sac. Julián Carrón

S.E.R. cardeal Kevin Joseph Farrell

Prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida

Eminência Reverendíssima, 22 mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação e outros milhares ligados via satélite a partir de 16 países renovam a sua disponibilidade para serem instrumentos da missão da Igreja, na fidelidade ao carisma de Dom Giussani e no seguimento do Papa Francisco, que nos interpelou a viver «o essencial da vida cristã», ou seja, a pobreza, «necessária porque descreve o que temos verdadei-

ramente no coração: a necessidade d'Ele», de Cristo presente que nos liberta.

sac. Julián Carrón

*S.E.R. cardeal Angelo Scola
Arcebispo de Milão*

Caríssimo Angelo,
nestes dias, o Senhor surpreendeu-nos fazendo-nos experimentar aquela alegria de que nos falaste na tua mensagem. Meditando sobre a carta que o Papa nos enviou, regressamos a nossas casas mais conscientes de sermos pobres, ou seja, necessitados d'Ele, cheios só de Cristo. Dom Giussani continua a falar-nos através do testemunho da sua vida agarrada por Cristo e por isso fecunda em nós, seus filhos, desejosos de reviver mesma experiência que ele hoje.

sac. Julián Carrón

*S.E.R. monsenhor Filippo Santoro
Arcebispo Metropolitano de Taranto*

Caríssimo Filippo,
gratos pela tua mensagem, regressamos a casa, vindos destes Exercícios Espirituais, mais necessitados d'Ele e mais disponíveis para partilhar a vida de todos, sobretudo dos necessitados, como nos pediu o Papa Francisco, para testemunhar Cristo presente, que torna alegre a vida em qualquer circunstância.

sac. Julián Carrón

*S.E.R. monsenhor Corrado Sanguineti
Bispo de Pavia*

Caríssimo Corrado,
agradecemos-te a tua mensagem e asseguramos-te que «a alegre certeza» de que nos falaste é um pouco mais real em nós, pela experiência de Cristo que se debruçou novamente sobre a nossa necessidade desmesurada e nos tornou mais pobres e mais livres, porque mais cheios d'Ele.
sac. Julián Carrón

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA

Organização de Sandro Chierici

(Guia de leitura das imagens retiradas da História da Arte que acompanhavam a audição dos trechos de música clássica à entrada e à saída)

O património dos mosaicos bizantinos de Ravena encontra-se entre os mais importantes testemunhos iconográficos cristãos da Baixa Idade Média (séculos V-VI). O percurso parte da Basílica de São Vital, com cenas do Antigo Testamento, e prossegue com as cúpulas do Batistério dos Arianos e do Batistério Neoniano, para depois acompanhar as cenas da Vida e da Paixão de Cristo nas paredes de Santo Apolinário-o-Novo e concluir-se com a abside de Santo Apolinário em Classe e com o Batistério de Galla Placidia.

1. Basílica de São Vital, volta do coro, *O cordeiro místico*
2. Basílica de São Vital, abside, *Cristo senhor do mundo*
3. Basílica de São Vital, luneta meridional, *O sacrifício de Abel e de Melquisedeque*
4. Basílica de São Vital, luneta setentrional do presbitério, *A hospitalidade de Abraão*
5. Basílica de São Vital, luneta setentrional do presbitério, *A hospitalidade de Abraão*, pormenor, *O sacrifício de Isaac*
6. Basílica de São Vital, luneta setentrional do presbitério, *A hospitalidade de Abraão*, pormenor, *A oferta aos três anjos*
7. Basílica de São Vital, parede setentrional do presbitério, *Moisés recebe a lei*
8. Basílica de São Vital, parede meridional do presbitério, *Moisés pastor na terra de Madian*
9. Batistério dos Arianos, cúpula, *O batismo de Jesus*
10. Batistério Neoniano, cúpula, *O batismo de Jesus*
11. Santo Apolinário-o-Novo, parede setentrional da nave, *O milagre das Bodas de Caná*
12. Santo Apolinário-o-Novo, parede setentrional da nave, *A multiplicação dos pães e dos peixes*
13. Santo Apolinário-o-Novo, parede setentrional da nave, *A vocação de Pedro e André*

14. Santo Apolinário-o-Novo, parede setentrional da nave, *A cura dos cegos de Jericó*
15. Santo Apolinário-o-Novo, parede setentrional da nave, *A cura da hemorroïssa*
16. Santo Apolinário-o-Novo, parede setentrional da nave, *Jesus e a samaritana*
17. Santo Apolinário-o-Novo, parede setentrional da nave, *Jesus e a samaritana, pormenor*
18. Santo Apolinário-o-Novo, parede setentrional da nave, *A ressurreição de Lázaro*
19. Santo Apolinário-o-Novo, parede setentrional da nave, *A oração do publicano e do fariseu*
20. Santo Apolinário-o-Novo, parede setentrional da nave, *O óbolo da viúva pobre*
21. Santo Apolinário-o-Novo, parede setentrional da nave, *Cristo juiz separa as ovelhas das cabras*
22. Santo Apolinário-o-Novo, parede setentrional da nave, *A cura do paralítico*
23. Santo Apolinário-o-Novo, parede setentrional da nave, *A cura do paralítico, pormenor*
24. Santo Apolinário-o-Novo, parede setentrional da nave, *A cura do possesso*
25. Santo Apolinário-o-Novo, parede setentrional da nave, *A cura do paralítico de Betesda*
26. Santo Apolinário-o-Novo, parede meridional da nave, *A última ceia*
27. Santo Apolinário-o-Novo, parede meridional da nave, *Jesus no horto das oliveiras*
28. Santo Apolinário-o-Novo, parede meridional da nave, *O beijo de Judas*
29. Santo Apolinário-o-Novo, parede meridional da nave, *Jesus conduzido ao julgamento*
30. Santo Apolinário-o-Novo, parede meridional da nave, *Jesus diante do Sinédrio*
31. Santo Apolinário-o-Novo, parede meridional da nave, *O anúncio da negação de Pedro*
32. Santo Apolinário-o-Novo, parede meridional da nave, *A negação de Pedro*
33. Santo Apolinário-o-Novo, parede meridional da nave, *Judas arrecada os trinta dinheiros*
34. Santo Apolinário-o-Novo, parede meridional da nave, *Jesus diante de Pilatos*
35. Santo Apolinário-o-Novo, parede meridional da nave, *A subida ao calvário*

36. Santo Apolinário-o-Novo, parede meridional da nave, *As miroforas no sepulcro*
37. Santo Apolinário-o-Novo, parede meridional da nave, *Os discípulos de Emaús*
38. Santo Apolinário-o-Novo, parede meridional da nave, *A incredulidade de Tomé*
39. Santo Apolinário em Classe, *A cruz absidal*
40. Santo Apolinário em Classe, abside, *Santo Apolinário aos pés da cruz*
41. Mausoléu de Galla Placidia, *A volta com a cruz no céu estrelado*
42. Mausoléu de Galla Placidia, luneta sobre o sacelo, *O martírio de São Lourenço*
43. Mausoléu de Galla Placidia, luneta sobre a entrada, *Jesus bom pastor*
44. Museu Arcebispal, *Cristo guerreiro*

Índice

MENSAGEM ENVIADA PELO PAPA FRANCISCO 3

Sexta-feira, 28 de abril, noite

INTRODUÇÃO 4

SANTA MISSA – *HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO* 24

Sábado, 29 de abril, manhã

PRIMEIRA MEDITAÇÃO – «*Bem-aventurados os pobres de espírito*» 25

SANTA MISSA – *HOMILIA DE S. E. R. CARDEAL
EDOARDO MENICHELLI ARCEBISPO DE ANCONA-OSIMO* 49

Sábado, 29 de abril, tarde

SEGUNDA MEDITAÇÃO – «*Tornarei evidente o poder do meu nome
pela letícia dos seus rostos*» 53

Domingo, 30 de abril, manhã

ASSEMBLEIA 78

SANTA MISSA – *HOMILIA DO PADRE FRANCESCO BRASCHI* 102

MENSAGENS RECEBIDAS 104

TELEGRAMAS ENVIADOS 106

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA 109

Edição não destinada a venda no circuito comercial
Taprobana – Associação Cultural
R. Mouzinho da Silveira, 27-5ºD, 1250-166 Lisboa
Tel. (+351)213590584 – cl@taprobana.pt
Paginação: Ultreya, Milão
Impressão: Impressral Center, Lda.
Acabou de se imprimir em junho de 2017

